



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONEGÓCIO

BLENDIA DOMINGUES BITTENCOURT

**AGRICULTORES FAMILIARES NAS FEIRAS LIVRES GOIANIENSES:
ESTUDO DE SUAS RELAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICAS.**

GOIÂNIA/GO

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE AGRONOMIA

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES
E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Blenda Domingues Bittencourt

3. Título do trabalho

AGRICULTORES FAMILIARES NAS FEIRAS LIVRES GOIANIENSES: ESTUDO DE SUAS RELAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICAS

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO'

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Caliari, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2021, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **BLENDÁ DOMINGUES BITTENCOURT, Discente**, em 23/02/2021, às 19:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1889108** e o código CRC **ACD056D9**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE AGRONOMIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Blenda Domingues Bittencourt

3. Título do trabalho

AGRICULTORES FAMILIARES NAS FEIRAS LIVRES GOIANIENSES: ESTUDO DE SUAS RELAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICAS

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **BLENDA DOMINGUES BITTENCOURT, Usuário Externo,**



em 01/08/2022, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3082334** e o código CRC **454A7B0C**.

Referência: Processo nº 23070.009411/2021-75

SEI nº 3082334

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONEGÓCIO

**AGRICULTORES FAMILIARES NAS FEIRAS LIVRES GOIANIENSES:
ESTUDO DE SUAS RELAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICAS.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócio da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de doutora em Agronegócio.

Área de concentração: Sustentabilidade e Competitividade dos Sistemas Agroindustriais.

Linha de Pesquisa: Agricultura Familiar e o Agronegócio.

Orientador: Prof. PhD. Márcio Caliarí

GOIÂNIA, GO, BRASIL

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Bittencourt, Blenda Domingues

Agricultores Familiares nas nas feiras livres goianienses:
[manuscrito] : Estudo de suas relações sociais, culturais e econômicas /
Blenda Domingues Bittencourt, Márcio Caliari. - 2021.
CXXXI, 131 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Caliari.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Escola de
Agronomia (EA), Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, Goiânia,
2021.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Agricultura Familiar. 2. Feirantes Agricultores Familiares. 3.
Socialização. 4. Canal de Comercialização. 5. Feiras Livres. I. Caliari,
Márcio. II. Caliari, Márcio, orient. III. Título.

CDU 63



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

ESCOLA DE AGRONOMIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº 02/2021 da sessão de Defesa de Tese de **Blenda Domingues Bittencourt** que confere o título de Doutora em **Agronegócio**, na área de concentração em **Sustentabilidade e Competitividade dos Sistemas Agroindustriais**.

Aos vinte e três dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e um, a partir das 09h, por videoconferência (plataforma Meet do Google), realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada "AGRICULTORES FAMILIARES NAS FEIRAS LIVRES GOIANIENSES: ESTUDO DE SUAS RELAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICAS". Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Márcio Caliarí (EA/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Cleonice Borges de Souza (EA/UFG); Professor Doutor Joel Orlando Bevilaqua Marin (UFSM); Professor Doutor Manuel Eduardo Ferreira (IESA/UFG); e Professora Doutora Rosângela Vera (EA/UFG). Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Márcio Caliarí, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e três dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e um.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Caliarí, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 10:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleonice Borges De Souza, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manuel Eduardo Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 12:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOEL ORLANDO BEVILAQUA MARIN, Usuário Externo**, em 24/02/2021, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosângela Vera, Professor do Magistério Superior**, em 25/02/2021, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1897041** e o código CRC **0B5B0F4B**.

Referência: Processo nº 23070.009411/2021-75

SEI nº 1897041

BLENDÁ DOMINGUES BITTENCOURT

**AGRICULTORES FAMILIARES NAS FEIRAS LIVRES GOIANIENSES:
ESTUDO DE SUAS RELAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICAS.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócio da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Doutora em Agronegócio, área de concentração Sustentabilidade e Competitividade dos Sistemas Agroindustriais, linha de pesquisa Agricultura Familiar e o Agronegócio.

GOIÂNIA, GO, BRASIL

2021

Dedico aos meus amores Jairo e Catharina.
Foi por amor a vocês!

AGRADECIMENTOS

Ao Divino Pai Eterno... Essa é sua tese! 'Sim, felicidade e amor sempre me acompanham todos os dias da minha vida' (salmos 23).

A Nossa Senhora, minha mãe ao me educar, me faz ver tudo de outro jeito!

Ao meu Anjo da Guarda. Meu amigo... Acabou! E acaba de começar uma nova etapa da vida!
Novo caminho se abre à nossa frente... Vamos!

Ao meu orientador, professor PhD. Márcio Caliar, pela gentileza, competência e respeito dispensados ao me orientar... Sou imensamente grata ao senhor!

Ao meu amor, Jairo; você é o raio de luz que brilhou no meu caminho, sempre de mãos dadas comigo, me ajuda a caminhar na vida em segurança... **Te amo!**

La fleur de notre amour... Catherine... Você é o meu amor a brilhar, então é hora de brilhar!
Amo você!

Aos meus pais Bolivar e Maria Lúcia, que sempre nos levaram nas feiras aos domingos... Temos muitas histórias hilárias sobre elas! E aqui está um estudo científico sobre feiras livres... Que é festa e alegria! E a alegria de viver é o que me move! De tudo que aprendi com vocês, ficou a certeza de que "se as ondas se abrirem pra mim de verdade, com o vento eu vou, se eu for, não sei ao certo quão longe eu vou!"

Às minhas irmãs Luciana, Denia Lende e Gleycy, aos cunhados Marcos, Clóves e Warley...
Muito obrigada!

Em especial, agradeço ao meu cunhado Warley, pela dedicação e esforço ao me ajudar com seus conhecimentos na área da informática, durante o processo de transmissão da qualificação e defesa da tese... Valeu tio Warley!

Aos meus amados sobrinhos: Caroline, Danilo, Luiza, Warley Junio e Miguel... Agradeço o carinho de vocês!

Sempre que possível, minha sobrinha e afilhada Caroline e meu sobrinho Danilo me visitavam durante o curso e, não foram poucas as vezes que me questionaram se eu estava bem! Tais atitudes significaram muito para mim! Madrinha ama vocês!

Ao meu amigo, Eurípedes que sempre orou por mim! Que falta fazem nossos 'dedinhos de prosa!'... Sabemos que ao lado da Trindade Santa, da Dona Emília e de Nossa Senhora, o senhor está conhecendo os diversos campos floridos do céu e claro que alegremente prosea, ora e sorri com Eles!

Creio na existência de pessoas que são anjos disfarçados e estes habitam entre nós; sua função é andar por aí ajudando os necessitados... E como somos necessitados! Eu encontrei algumas pessoas-anjos que me ajudaram, destaco entre elas:

O Dr. Evangevaldo, que me auxiliou no processo de dispensa do trabalho... Minha gratidão! À Diretoria Executiva da Secretaria de Desenvolvimento e Inovação – SEDI e à Gerência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, nas pessoas do ex-gerente Sr. Alcides e do atual Sr. Cláudio, e dos colegas de gerência: Vanessa, Douglas, Lea, Guilherme, Gustavo, Valéria, Sras. Marly, Rose, Ângela e Elizeli, os quais me apoiaram e aplainaram o caminho entre o trabalho e o doutoramento... Muito obrigada, meus amigos!

Ao primo Antônio, que abriu as portas da Prefeitura Municipal de Goiânia/GO, oferecendo subsídios necessários e informações preciosas para composição desta tese... Muito obrigada!

No Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, meu agradecimento especial para a Secretária Lindinalva, que sempre me atendeu com gentileza, humanidade e competência. Aos professores: Manuel Eduardo, que muito incentivou e me ajudou na construção dos mapas, Klaus Abdala, pelos sábios conselhos, Cleonice Borges... Um lindo anjo no meu caminho... E ao Reginaldo Santana, por me ensinar a importância de entender estatística... Deus os abençoe imensamente!... MUITÍSSIMO obrigada!

Minha banca examinadora, nas pessoas dos professores: Joel Marin, Cleonice Borges, Manuel Eduardo, Rosângela Vera e Klaus Abdala, profissionais pragmáticos e competentes, que olham para o aluno e vêem um ser humano em formação, sem medir esforços. Vocês me ajudaram a crescer intelectualmente... Grata por tudo que fizeram por mim!

Mesmo que tenha sido breve o período de convivência com minha Coorientadora, Pós-Doutoranda, Aline Ribeiro, agradeço a gentileza e atenção; saliento que foram muitos os ensinamentos recebidos e utilizados. O mesmo ocorreu com os monitores: Gustavo Maia e Manuel, os quais gentilmente estenderam suas mãos para me auxiliar. A vocês, meus cordiais agradecimentos!

Agradeço aos colegas José Welington e Uelson... Muito obrigada por se manterem meus amigos, por toda ajuda, todos os bate-papos, orações e risadas... Valeu meus amigos!

Agradeço ao colega Renato por sua ‘dica preciosa’, que muito me ajudou no tratamento dos dados, durante a formatação da tese... Valeu Neto!

Às minhas duas amigas geniais: Luiza Helena e Karine Xavier, que sempre aqueceram meu ânimo e estima ao lembrar-me do amor que Deus tem por nós... Obrigada meninas!

Agradeço a toda equipe do Colégio Ânima, que auxiliam minha filha na arte do saber humanista, por compreenderem algumas ausências em função do doutoramento... E de modo muito especial, sou grata à Diretora Dulce, pelo apoio, diálogos e respeito; à Coordenadora Pedagógica, Ana Maria, pelos agradáveis momentos de conversa marcados pelos sábios conselhos; à Tia Sueide, que sempre nos recebeu com largo sorriso e belíssimas obras de arte;

especialmente as professoras: Janair, Cida, Bianca, Bruna, Lígia, Leda, Carol, Dudu, Ariane, Laís e Osânia, que cuidaram tão bem da minha florzinha, e à minha querida amiga Ana Cristina, que desde o primeiro momento nos recebeu alegre, educada e com sábios ensinamentos... Muito obrigada a todas vocês!

Professores da minha filha, hoje eu vislumbro este título, mas sei que por meio dos seus ensinamentos educacionais, minha filha não só vislumbrará, mas conquistará seus próprios títulos!

Agradeço a minha Professora M. O. Silva, do Colégio Santa Clara, que me alfabetizou... Minha gratidão, respeito e carinho! A partir deste passo, vieram outros caminhos com novos conhecimentos, trazidos por outros professores (as) e, ao reunir todos estes saberes, pude construir forte alicerce, que me permitiu alcançar o título de Doutora! Deus abençoe todos os meus professores (as) e os do mundo inteiro!

Ao meu amigo e diretor espiritual Pe. Walmir Garcia, que sempre reza por mim e por todos nós. Homem humilde de alma grandiosa, que sabiamente nos educa na arte de amar a Deus sobre todas as coisas! Deus esteja sempre convosco meu amigo!

Às meninas Magnólia e Margareth, que sempre nos receberam com gentileza e carinho em suas propriedades rurais, encontrando ali um lugar aprazível e de paz, onde nas curtas visitas, me foi permitido reconectar com a natureza... Valeu meninas!

Ao senhor Mendes e sua esposa Jaqueline e aos jovens: Lucas, Sebastião, Marcos Ricardo, Jefferson e Ana Paula, aqui ora representam todos os homens e mulheres feirantes agricultores (as) familiares, os quais enfrentam o bravo desafio de saírem das suas propriedades, nas noites ou madrugadas frias, rumo à cidade grande, vem e trazem consigo não só o alimento que nos sustenta, mas a sabedoria nata que nos faz ser e sentir mais humanos! Para representar todos (as) feirantes comerciantes, destaco a senhora Marlene que recebe seus fregueses com lindas canções e o senhor João, homem simples que, com este ofício, sustentou (e ainda sustenta!) os filhos com dignidade e hoje, alegremente, vê ao seu lado a filha e o genro conduzirem nos fins de semana o 'negócio de família', com mesmo respeito e simpatia... A todos vocês feirantes, muitíssimo obrigada pelos ensinamentos, respeito e gentileza por me concederem às entrevistas!

'Eu sou maior do que era antes
E sou melhor do que era ontem
Eu sou filha do mistério e do silêncio
Somente o tempo vai me revelar quem sou.

As cores mudam
As mudas crescem
Quando se desnudam
Quando não se esquecem
Daquelas dores que deixamos para trás
Sem saber que aquele choro valia ouro
Estamos existindo entre mistérios e silêncios
Evoluindo a cada lua, a cada sol
Se era certo, ou se errei
Se sou súdito, se sou rei
Somente atento à voz do tempo saberei...
Somente o tempo vai me revelar quem sou'.

Maior – Canção de Dani Black (participação Milton Nascimento)

Preâmbulo

Esta pesquisa buscou investigar a presença de agricultores familiares, nas 116 feiras livres cadastradas em Goiânia/GO. Para sua construção foi necessário buscar dados primários, os quais estão divididos em quatro capítulos sendo explanados os perfis dos feirantes comerciantes (aqueles que compram os produtos e os revendem) e os feirantes agricultores familiares (aqueles que produzem os produtos e os vendem). A pesquisa de campo iniciou em 2018 e encerrou em 2019, logo após concluída a tabulação dos dados, o mundo começou a viver uma nova realidade, muitas pessoas foram acometidas pela pandemia, causada pelo corona vírus – a covid-19, todos vimos ruas desertas, sem feiras, escolas vazias, o desemprego, solidão, as igrejas e os templos vazios, mas nesta nova realidade as pessoas passaram a se conectar pela internet. No campo não foi diferente, todos tiveram que reajustar e encontrar soluções.

A realidade dos feirantes também mudou. Muitos no lugar de montar suas bancas pintaram no chão, o número de seu telefone, oferecendo-se para entregarem seus produtos aos consumidores. Novas formas de atendimento tiveram que ser adaptadas nas bancas. Muitos passaram a atender em pontos próximos de suas casas, ou às padarias, supermercados, atitudes que minimizem as perdas de venda.

Além de outros aspectos que estão explanados no corpo desta tese e que poderão ser analisados, sugere-se também que os efeitos ocorridos com os feirantes comerciantes e os agricultores familiares, pela pandemia sejam analisados em futuros trabalhos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	22
INTRODUÇÃO	
REFERÊNCIAS	27
CAPÍTULO II	29
Novas perspectivas no contexto das feiras livres: oportunidade de reprodução social aos agricultores familiares	
1. INTRODUÇÃO	30
2. METODOLOGIA	32
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
3.1. FEIRAS LIVRES: REPRODUÇÃO SOCIAL AOS AGRICULTORES FAMILIARES	34
3.2. FEIRAS LIVRES DE GOIÂNIA: “VEM PRA CÁ FREGUESIA, O PRODUTO É FRESQUINHO!”	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
5. REFERÊNCIAS	47
CAPÍTULO III	51
Feiras livres de Goiânia – Goiás – Brasil: estudo sobre a participação de feirantes agricultores familiares	
1. INTRODUÇÃO	52
2. METODOLOGIA	56
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
5. REFERÊNCIAS	69
CAPÍTULO IV	75
De agricultor a feirante: guardiões das tradições, saberes e fazeres em feiras livres.	
1. INTRODUÇÃO	76
2. METODOLOGIA	79
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	80
3.1. AGRICULTORES FAMILIARES APROPRIANDO-SE DESTA COREOGRAFIA: AS FEIRAS LIVRES!	80
3.1.1. Narrando em prosa a agricultura familiar	80
3.1.2. Narrativas sob a perspectiva das feiras livres...	83
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
5. REFERÊNCIAS	118
6. CONSIDERAÇÕES GERAIS	128
APÊNDICE 1	129
QUESTIONÁRIO I	129
APÊNDICE 2	130
QUESTIONÁRIO II	130

LISTA DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

ABNT NBR – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ACIEG – Associação Comercial, Industrial e de Serviços do Estado de Goiás

AGRODEFESA – Agência Goiana de Defesa Agropecuária de Goiás

CAAE – Certidão de Apresentação de Apreciação Ética

CEASA GO – Centrais de Abastecimento de Goiás

CEP UFG – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás

COMURG – Companhia de Urbanização de Goiânia

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente

DAP – Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

EFAV – Escola Família Agrícola de Veredinha

FAF – Feirante Agricultor Familiar

FC – Feirante Comerciante

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

FLV – Frutas, Legumes e Verduras.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEC – Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor

IN – Instrução Normativa

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LAPIG – Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

mL – Mililitro

NMP – Número mais provável

ONU – Organização das Nações Unidas

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNRA – Programa Nacional de Reforma Agrária

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SEDETEC – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho, Ciência e Tecnologia

SEPLAM – Secretaria de Planejamento e Urbanismo

SIEG – Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás

S. I. M. – Serviço de Inspeção Municipal

SISAN – Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

SIRGAS – Sistema de Referência Geodésico

SSP/GO – Secretaria de Segurança Pública de Goiás

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas

RESUMO

O Capítulo I demonstra a introdução da tese e demonstra a estrutura a qual se apresenta. Traz uma visão geral sobre o tema proposto, explana de maneira sucinta Leis, Decretos e Programas Governamentais que se voltam para o setor da Agricultura Familiar e as Feiras Livres. O objetivo do Capítulo II foi identificar se a categoria dos agricultores familiares, especialmente aqueles hortifrutigranjeiros, se utiliza de canais de comercialização, como as feiras livres, para escoarem sua produção, sem se afastarem do modo de vida e das formas tradicionais de produção. A pesquisa desenvolvida é qualitativa, com aspectos quantitativos descritivos. Utilizou como procedimento delineador, a pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo. A coleta de dados deu-se com aplicação de questionários e técnicas de observação, que assumiram a forma de levantamento. Como resultado foi possível reconhecer a inserção de agricultores familiares neste *métier*; concluiu-se que estes estabelecem relações nas dimensões sociais, culturais e econômicas; permitiu-nos compreender o funcionamento e a dinâmica das feiras livres e identificar sua origem na macrorregião do município de Goiânia/GO. O objetivo do Capítulo III foi verificar se há efetiva participação de agricultores familiares neste canal, identificar e observá-los em suas relações nas dimensões sociais, culturais e econômicas e sua espacialização no município de Goiânia. Realizou-se pesquisa de campo com os feirantes das 116 feiras livres cadastradas do município de Goiânia. Utilizou-se o método qualitativo, com nuances do quantitativo descritivo; os procedimentos foram a pesquisa bibliográfica; pesquisa documental; pesquisa descritiva/pesquisa de campo, que envolveu coleta de dados padronizados, por meio de aplicação de questionários e técnicas de observação, que de modo geral assumiram a forma de levantamento. Os resultados confirmam a presença de agricultores familiares nas feiras livres de Goiânia, sendo sua origem predominantemente da zona rural de Goiânia, seguida pelos que vêm dos municípios da região metropolitana. Estes se estabelecem num processo de economia das trocas simbólicas, onde existe interação entre si e demais atores que integram este universo, numa troca entre capitais simbólicos, econômicos, sociais e culturais, ao manterem seu modo de ser e viver, onde é possível manter suas raízes e se movimentarem comercialmente neste mercado a céu aberto, adequando-se às normas de funcionamento, espacialidade, temporalidades e territorialidades. O objetivo principal do Capítulo IV foi buscar, nas feiras livres de Goiânia/GO, a presença de agricultores familiares, observar suas especificidades quanto às relações sociais, culturais e econômicas estabelecidas neste ambiente e entre os atores que a compõe. Para realização desta pesquisa, foram usadas como método, as técnicas de aplicação de questionários e entrevista semiestruturadas para coletar dados; a natureza destes dados é qualitativa e quantitativa descritiva; a pesquisa de campo ocorreu no ambiente de todas as feiras livres goianienses regularizadas, entre os meses de setembro de 2018 e março de 2019. Os dados coletados foram refinados por meio da estatística descritiva. Os resultados obtidos revelam claramente a existência de contingente significativo de agricultores familiares inseridos nas feiras livres goianienses. O objetivo do Capítulo V foi verificar a inserção de agricultores familiares nas feiras livres de Goiânia/GO e, de modo específico, verificar suas relações sociais, culturais e econômicas. Delimitou-se a pesquisa por delinear procedimentos qualitativo e quantitativo descritivo. Os resultados confirmam a participação de agricultores familiares nas feiras livres goianienses; há neste meio relações sociais, econômicas e culturais entre eles e demais atores. Concluiu-se desta forma que, feiras livres representam campo fértil para agricultura familiar, sendo também promissora ao desenvolvimento rural e local.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; feira livre; Canais de Comercialização; Desenvolvimento Rural.

ABSTRACT

The objective of Chapter II was to identify whether the category of family farmers, especially those who produce fruits, uses the marketing channel, such as open markets, to sell their production, without departing from the way of life and traditional forms of production. The research is qualitative, with descriptive quantitative aspects. He used an outlining procedure such as bibliographic, documentary and field research. Data collection took place with the application of a questionnaire and observation techniques, which took the form of a survey. As a result, it was possible to recognize the insertion of family farmers in this métier, it was concluded that they establish relationships in the social, cultural and economic dimensions; allowed to understand the functioning and dynamics of open markets and to identify their origin in the macro-region of the city of Goiânia/GO. The objective of Chapter III was to of this research was to search in the free markets in Goiânia/GO, the presence of family farmers, observing their specificities regarding the social, cultural and economic relations established in this environment and between the actors that compose it. To carry out this research, the questionnaires and semi-structured interview techniques were used as a method to collect data, the nature of this data is qualitative and quantitative and descriptive, the field research took place in the environment of all regularized free fairs in Goiás, among the September 2018 to March 2019. The collected data were refined using descriptive statistics. The results obtained clearly reveal the existence of a significant contingent of family farmers inserted in the free fairs in Goiás. The objective of Chapter IV this research was to search in the free markets in Goiânia/GO, the presence of family farmers, observing their specificities regarding the social, cultural and economic relations established in this environment and between the actors that compose it. To carry out this research, the questionnaires and semi-structured interview techniques were used as a method to collect data, the nature of this data is qualitative and quantitative and descriptive, the field research took place in the environment of all regularized free fairs in Goiás, among the September 2018 to March 2019. The collected data were refined using descriptive statistics. The results obtained clearly reveal the existence of a significant contingent of family farmers inserted in the free fairs in Goiás. The purpose of Chapter V was to verify the insertion of family farmers in the open markets in Goiânia/GO and their social, cultural and economic relations. It delimited the research, outlining qualitative and quantitative descriptive procedures. The results confirm the participation of family farmers in the fairs in Goiás, with social, economic and cultural relations between them and other actors. It is concluded in this way, that open markets represent a fertile field for family farming, being promising for rural and local development.

Keywords: Family Farming; Open Market; Marketing Channels; Rural Development.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO II

Figura 1. a e b. Disposição homogênea dos produtos expostos nas feiras livres de Goiânia/GO - 45.

CAPÍTULO III

Figura 1. Estimativa de participantes como responsáveis pela banca, nas feiras livres de Goiânia/GO - 62.

Figura 2 a e b. Variações no número de bancas cadastradas por feirantes agricultores familiares e comerciantes, pela Prefeitura de Goiânia - 64.

Figura 3. Mão de obra utilizada nas atividades diárias das bancas ocorridas em feiras livres goianienses - 65.

CAPÍTULO IV

Figura 1. Demonstração da adequação espacial das feiras livres cadastradas em Goiânia/GO, nos períodos diurno e noturno - 84.

Figura 2. Demonstração da participação de familiares nas feiras livres de Goiânia/GO, onde se percebem irmãos que auxiliam os pais na venda de frutas - 85.

Figura 3. Distribuição por escala de participação, das feirantes agricultoras familiares proprietárias das bancas, por bairros nas feiras livres em Goiânia/GO - 86.

Figura 4 a. Participação de funcionários nas bancas das feiras livres de Goiânia/GO, limpando em torno da banca, facilitando acesso dos clientes - 87.

Figura 4 b: Participação de casal nas feiras livres de Goiânia/GO, onde a esposa organiza e dispõe frutas na banca, enquanto o esposo ocupa-se em atender os clientes - 87.

Figura 4 c: Participação de casal nas feiras livres goianienses, onde dividem as tarefas: a esposa cuida do caixa e o marido do atendimento aos clientes - 87.

Figura 5: Distribuição da presença de mulheres feirantes e agricultoras familiares nos bairros de Goiânia/GO, onde ocorrem as feiras livres - 88.

Figura 6: Demonstração do contingente de agricultores familiares em relação aos produtos produzidos e comercializados nas feiras livres de Goiânia/GO - 90.

Figura 7 a, b e c: Participação de Feirantes Agricultores Familiares que comercializam produtos de produção própria, nas feiras livres de Goiânia/GO, onde o excedente destes receberá outro destino de comercialização - 92.

Figura 8: Destinação comercial dado pelos feirantes agricultores familiares à produção que não é encaminhada à venda nas feiras livres, Goiânia/GO - 93.

Figura 9: Índices de participação familiar e ou contratação de funcionários por feirantes agricultores familiares, na cadeia de comercialização de hortaliças nas feiras livres de Goiânia/GO - 97.

Figura 10: Demonstração em porcentagem do número de feirantes agricultores familiares em relação à renda adquirida por meio da venda da produção, nas feiras livres de Goiânia/GO - 98.

Figura 11: Demonstração do número (com repetição) de feirantes agricultores familiares e o destino dos lucros adquiridos por meio de vendas nas feiras livres de Goiânia/GO - 100.

Figura 12: Demonstrativo em porcentagem de feirantes agricultores familiares, que preparam seu sucessor, nas feiras livres de Goiânia/GO- 101.

Figura 13: Demonstração da extensão da área em m² das propriedades rurais, dos feirantes agricultores familiares, das feiras livres de Goiânia/GO - 103.

Figura 14: Distribuição do número de feirantes agricultores familiares, em relação ao tempo de percurso entre suas propriedades rurais, até o local da feira livre em Goiânia/GO - 104.

Figura 15: Distribuição por número de feirantes agricultores familiares participantes por feira livre, do município de Goiânia/GO - 105.

Figura 16: Distribuição do número de feirantes agricultores familiares, nas feiras livres de Goiânia/GO, em relação ao município de origem - 106.

Figura 17: Demonstração do número encontrado de feirantes agricultores familiares, participantes das feiras livres goianienses, em relação ao município de origem - 107.

Figura 18: Demonstração das variedades de alfaces mais comercializadas nas feiras livres de Goiânia/GO - 109.

Figura 19: Distribuição de dados em porcentagem dos principais produtos vendidos por todos os feirantes pertencentes às feiras livres de Goiânia/GO - 109.

Figura 20: Demonstração das hortaliças folhosas encontradas nas bancas de feirantes agricultores familiares de hortaliças, nas feiras livres matutinas de Goiânia/GO - 110.

Figura 21: Demonstração de insumos utilizados pelos feirantes agricultores familiares, no processo produtivo de hortaliças comercializadas nas feiras livres de Goiânia/GO - 111.

Figura 22: Origem da água utilizada na irrigação de hortaliças comercializadas por feirantes agricultores familiares em feiras livres, Goiânia/GO - 112.

Figura 23: Demonstração em porcentagem do destino dado para água após lavagem das hortaliças, antes destas serem comercializadas nas feiras livres, Goiânia/GO - 113.

Figura 24: Demonstração do destino que **os agricultores familiares** das feiras livres de Goiânia/GO dão aos alimentos que sobram nas propriedades - 114.

Figura 25: Demonstração do destino dado aos alimentos que sobram nas bancas dos **feirantes agricultores familiares** das feiras livres de Goiânia/GO - 114.

Figura 26: Demonstração da participação dos feirantes agricultores familiares nas entidades de classe e ou em Programas governamentais - 116.

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO II

Tabela 1. Demonstração dos principais produtos comercializados por feirantes comerciantes e agricultores familiares, nas feiras livres de Goiânia/GO - 44.

CAPÍTULO III

Tabela 1. Demonstração dos indicadores etários dos feirantes comerciantes e agricultores familiares goianienses - 58.

Tabela 2. Distribuição das feiras livres, porcentagem de feira em relação ao total da população por região e número de agricultores familiares encontrados nas diferentes regiões de Goiânia/GO - 61.

Tabela 3. Distribuição do tempo de permanência dos feirantes comerciantes e agricultores familiares, nas feiras livres de Goiânia/GO - 63.

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO III

Quadro 1. Demonstração dos pontos positivos e negativos entre feiras de orgânicos e feiras convencionais e modo de produção, no município de Campinas/São Paulo/Brasil - 54.

CAPÍTULO I

O processo de reprodução social da agricultura familiar perpassa pela organização produtiva, ainda que contabilizados e observados aspectos econômicos, tendo-se igual teor as necessidades e os objetivos inerentes ao núcleo familiar. Esta categoria social floresceu a partir dos meados de 1990, com a instituição do PRONAF. Quando a Lei nº 11.326, de julho de 2006 (Brasil, 2006) foi criada, estabeleceu-se critérios e enquadramentos para os protagonistas que exercem suas atividades produtivas em família, dentro de uma propriedade que não ultrapasse quatro módulos fiscais, que possuam renda familiar oriunda daquelas atividades desempenhadas dentro deste universo (Araújo; Ribeiro, 2019).

É certo que seu valor sempre existiu, mas o seu reconhecimento ganhou projeção a partir da implantação do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), em 1995, iniciativa que chegou e trouxe ao homem do campo tratamento diferenciado e, privilégio àqueles que possuem a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), oferece-lhes ainda linhas de crédito que oportunizem investimentos na implantação de novas atividades produtivas, o que possibilita modernizar ou ampliá-las. Desta forma, acredita-se que esteja assegurado o crescimento da produtividade e a constância na qualidade de vida destes agricultores familiares (FAO, 2019; Neves, Mendonça; Salomão, 2020).

Mas a agricultura familiar não se restringe a um simples conceito; ela se movimenta, tem história, saberes, memórias afetivas das vidas envolvidas e, de acordo com Arruda; Araújo (2019), na agricultura familiar tem-se um conjunto de pessoas que trazem um modo especial de convívio, seja na sociedade em que estão inseridos, nas trocas culturais ou mesmo interagem com o meio ambiente. Suas atividades agropecuárias ocorrem em meio ao grupo familiar. Segundo Schneider (2005), esta categoria social tem seus membros inseridos e atuam juntos numa mesma propriedade rural, mesmo que seja pequena, trabalham para garantir a subsistência, e com o excedente conseguem estabelecer trocas ou vendem nas feiras locais.

Com um meio dinâmico de produção, esta categoria é capaz de auxiliar significativamente na manutenção nutricional e alimentar. Por possuir diversas nuances, essa categoria aguça a curiosidade científica de diversos pesquisadores, que buscam

realizar estudos nas diversas esferas do conhecimento, como nutrição, microbiologia, economia, urbanização, administração, engenharia da produção, agronomia (produção vegetal), veterinária (produção animal), história, meio ambiente e outras áreas do conhecimento. Muitos dos resultados destes estudos subsidiam, com elementos concretos, as reformas ou a criação de novas políticas públicas (Neves, Mendonça; Salomão, 2020).

Neste contexto, é possível encontrar muitos agricultores familiares em condições limitadas de recursos financeiros, seja para investirem em novas tecnologias, seja para ampliar e ou melhorar as já existentes; mergulhados neste caos, vivem em constantes desafios (Mattei, 2014). Mas eis que surge paralelamente, às experiências inadequadas de exploração dos recursos naturais, o conceito de sustentabilidade, que deu visibilidade para compreender que é possível haver a provisão dos alimentos (Lima; Fontana, 2020), sem que haja esgotamento ambiental, o que garante às gerações futuras utilizá-lo amanhã, e que outros o utilizem num período mais amplo. Disparado o alerta de que a terra precisa de tempo (que é imperativo) para recobrar-se dos impactos gerados pelo consumo de seus recursos e do acúmulo de variadas sujidades geridas por atividades quaisquer, exercidas pelos seres (des) humanos, que ao longo do tempo vão depositando-as indiscriminadamente (Rodrigues et al., 2019), é que surgem movimentos ambientalistas, sejam eles de entidades governamentais ou não governamentais, os quais mostram caminhos, orientações e ou sugestões para que a sociedade e governo, possam agir em parceria pelo bem comum – a humanidade.

Alguns agricultores trazem consigo sabedoria nata e atitudes ambientais empíricas, tomando para si este conceito por decisão ou necessidade de utilizar seu bem (terra), com menores impactos ambientais e garantir que ela (terra), ele e os seus tenham qualidade de viver. Ao passo que desenvolver atividades da agricultura advoga por mudanças profundas, que visem mitigar a poluição gerada pela prática agrícola e ampliação da diversidade produtiva denominada pela ONU de “intensificação ecológica”, que considera a importância do pequeno agricultor (Rodrigues et al., 2019; Kessler, 2015; Mattei, 2014).

Encontram-se borbulhando três necessidades a serem atendidas com emergência: ampliar produções sustentáveis, fortalecer a categoria da agricultura familiar em todos os aspectos da cadeia produtiva e incentivar positivamente processos

de mudanças no hábito alimentar dos consumidores. É ousado dizer, mas de certa forma estas questões estão implícitas nas necessidades das feiras livres, pois abarcam estas e outras tantas necessidades, que estão entremeadas na rotina diária tanto do agricultor, quanto do feirante. É um espaço plural, que perdura por longa data, faz parte de um sistema onde acolhe elementos que refletem os contornos dos protagonistas (feirantes/agricultores), que vão além do simples ato de comercializar produtos, exalam sentimento de pertencimento, estão ali não simplesmente pelo ato racional de comércio versus consumo, compartilham trocas simbólicas, histórias, mantém diálogos sem comprometer, refletem o cenário econômico e político, realizam negócios, participam de organizações transversais, experienciam o compadrio e estabelecem laços fortes (Vedana, 2013; Pereira, Brito; Pereira, 2017; Araújo; Ribeiro, 2018; Balem; Alves, 2020). Dá oportunidade para se chegar aquele que esta fora do mercado formal, independente de gênero, condição física ou idade; garante o sustento familiar daqueles que vendem os alimentos na feira e dos que produzem os alimentos (Salomão, Neri; Pereira, 2020; Gonçalves; Abdala, 2013).

A partir desta premissa, gerou-se uma motivação para se aprofundar estudos a fim de obtermos uma compreensão mais acurada sobre os temas: agricultura familiar e feiras livres, com recorte no município de Goiânia/GO. Após delimitar a escolha do universo e abrangência da pesquisa, deu-se destaque para facetas mais expressivas a serem investigadas. Foram utilizados para tal fim elementos textuais, que subsidiaram a construção de um roteiro. Este foi dividido em duas etapas: A primeira consistiu na aplicação de questionário, entre todos os feirantes que se dispuseram participar como voluntários desta pesquisa, participantes de todas as feiras livres cadastradas no Município, tendo-se como objetivo a identificação neste meio, de agricultores familiares. Por se tratar de uma coleta de dados primários, procurou-se no primeiro questionário demandar questões que elucidassem o perfil geral dos feirantes. De posse destas informações, foi possível identificar o status dos feirantes e separá-los em dois grupos, os quais foram engendrados como: feirantes comerciantes (FC) e feirantes agricultores familiares (FAF). De posse destes dados, foram construídos dois artigos, gerados a partir dos Capítulos II e III desta tese.

Outra ação de continuidade na reunião de informações foi o fato de aplicar um segundo questionário, sendo este específico aos feirantes agricultores familiares. Demandou-se questões, que esclarecesse o modo de produção, as formas de manejo, a

preparação dos produtos destinados à comercialização, o uso da água e os cuidados com o meio ambiente, o destino do lixo, a participação em entidades de classe, a logística, a gestão e o processo sucessório. De posse destes resultados foi possível construir outros dois artigos, extraídos do Capítulo IV desta tese.

O caminho encetado exigiu que fossem mescladas combinações de diferentes procedimentos metodológicos – pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e estudo de levantamento, junto aos feirantes comerciantes e agricultores familiares que participam das feiras livres do município já referido. Para produção das figuras 1, 5, 16 e 17 do Capítulo IV, tratou-se os dados com o Software ArcGis 2.16 (32 bits), com projeção Universal Transversa de Mercator, Datum: Sirgas 2000/UTM zona 22S, utilizando base de dados do Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás, SIEG e Prefeitura de Goiânia. Foi estabelecido umnexo entre os dados que sofreram análise por meio dos métodos qualitativo e quantitativo-descritivo, sendo esta pesquisa de natureza quali-quantitativa, e o levantamento dos dados se deram especialmente por meio de fontes primárias, alguns elementos secundários, instrumentos de observação, entrevistas, técnicas de estudo de levantamento e elementos textuais que deram base para discussão e construção desta tese de doutorado em Agronegócio, intitulada: “Agricultores familiares nas feiras livres goianienses: Estudo de suas relações sociais, culturais e econômicas”. A qual foi estruturada com divisão em quatro capítulos, sendo o primeiro essa introdução e os demais capítulos que deram origem a quatro artigos científicos, que permitiram dar forma à visão panorâmica sobre o tema proposto.

Nessas condições, buscaram-se destacar no Capítulo II uma revisão de literatura, ao contemplar os conceitos de agricultor familiar, feiras livres e suas nuances. Demonstrou-se o processo histórico e distribuição das feiras em Goiânia/GO, além de mostrar parcialmente o perfil geral dos feirantes goianienses, ao oferecer elementos que subsidiem ações e ou estudos futuros, como base para melhoria e ou criação de políticas públicas que fortaleçam todas as etapas deste canal de comercialização. No Capítulo III deu-se maior enfoque à visualização da espacialidade e adequação dos feirantes em geral, presentes nas feiras livres de Goiânia/GO, bem como as dinâmicas que movem os feirantes agricultores familiares. Por fim, o foco central do Capítulo IV foi identificar a participação do agricultor familiar, a partir das perspectivas de suas relações sociais, culturais e econômicas, bem como seu acesso às organizações transversais, engrossando o rol de informações sobre o seu perfil, contribuindo de forma pragmática para conhecer

o perfil do feirante agricultor familiar, ao revelar sua origem e os locais onde ‘fazem a feira’, a gestão e a logística do ‘negócio’, as estratégias ambientais e o processo sucessório.

Uma vez compreendida a inserção e os aspectos que envolvem os feirantes agricultores familiares das feiras livres de Goiânia/GO, é que nós esperamos contribuir com a presente tese de doutorado, na abertura de novas possibilidades para diálogos e debates, auxiliar ou gerar mecanismo eficaz que vise o fortalecimento dos agricultores familiares. Ao considerar sua característica peculiar nas etapas do processo produtivo, na busca por inovações que sejam específicas para categoria, fortalecer o ingresso neste canal de comercialização (feiras livres), proporcionando assim ao agricultor familiar a oportunidade de incrementar a renda e promover qualidade de viver. Uma vez neste mercado, formam-se elos que sustentam a permanência do agricultor familiar e seu jovem campo, pois identificam viabilidade nessa alternativa, sendo possível a garantia de incremento na renda e constância na qualidade de viver; subsidia proposição de Políticas Públicas que sejam eficazes para os protagonistas, revelando importância econômica, social, ambiental e cultural, pois eles são fundamentais para o desenvolvimento local e regional. Estes atores mostram-se com capacidade, sobressaindo-se perante os demais, que se encontram no campo e ainda não vislumbram novas oportunidades, novos horizontes. Os feirantes agricultores familiares são aqueles que saem do campo, vêm para cidade, utilizam os elementos que ela lhes oferece, mas voltam ao fim da feira, porque o campo não sai deles, como a feira livre não sai do feirante!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 300-327, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbpd>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ARRUDA, R. V. de; ARAÚJO, V. P. D. A agricultura familiar e as causas que geram o êxodo rural. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 16, n. 29, p. 1 – 16, 2019.

BALEM, T. A., ALVES, E. de O. A persistência das feiras de agricultores familiares em um cenário de “sojificação da sociedade”: elementos da realidade de Júlio de Castilhos e Tupanciretã/RS. **Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, v. 32, ed. esp., e2, p. 01 - 12, 2020.

BRASIL. (2006). **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm. Acessado em 09 mai. 2020.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **O que é a agricultura familiar**. Disponível em: <http://www.fao.org/family-farming/detail/en/c/454156/>. Acesso em: 18 Ago. 2019.

GONÇALVES, A. O.; ABDALA, M. C. Na banca do ‘seu’ Pedro é tudo mais gostoso: personalidade e sociabilidade na feira livre. **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. São Paulo/SP, v. 12, n. 1, p. 1 – 14, 2013.

KESSLER, C. S. Jardinando a comunidade: sobre feira e produtos orgânicos em Massachusetts, nos Estados Unidos. In: OLIVEIRA, S. S.; DUTRA, M. R. P.; ZAINI, M. C. C. **Somos todas mulheres iguais: estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato**, São Paulo: Oikos, 2015. 118 p.

LIMA, R. S. FONTANA, A. P. C. As feiras da agricultura familiar como território de práticas alimentares e sociabilidades. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 3, p. 75 – 100, 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/14119>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MATTEI, L. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste. Nordeste**, Fortaleza, v. 45, suplemento especial, p. 83-91, 2014.

NEVES, M. L. G.; MENDONÇA, J. P. & SALOMÃO, P. E. A.. Family agriculture in the city of Teófilo Otoni: Importance and challenges for production in the rural environment. **Research, Society and Development, Itajubá - MG**, v. 9, n. 7, p. 1-18, e260973982, 2020.

PEREIRA, V. G.; BRITO, T.P.; PEREIRA, S. B. A feira livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas** – UNITAU Taubaté/SP, v. 10, edição 20, Dez. 2017. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch>. Acesso em: 21 maio 2020.

RODRIGUES, J. A.; JUNIOR, S. S., ROBOREDO, D., CAIONI, C.; SCHEUER, J. M. Sustentabilidade socioambiental dos agricultores familiares vinculados a mercados institucionais em Alta Floresta, Mato Grosso. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde** v. 17, n. 2, p. 1-10, 2019.

SALOMÃO, P. E. A.; NERY, I. P.; PEREIRA, J. M. Sustainability evaluation of livestock in rural properties in the municipality of Malacacheta. **Research, Society and Development**, Itajubá - MG, v. 9, n. 1, 152911858, 2020.

SCHNEIDER, S. As novas formas sociais do trabalho no meio rural: a pluriatividade e as atividades rurais não agrícolas. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul – RS, v. 9, n. 3, p. 75 – 109, 2005.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 39, p. 41 – 68, 2013.

CAPÍTULO II

Novas perspectivas no contexto das feiras livres: oportunidade de reprodução social aos agricultores familiares

New perspectives in the context of open markets: Opportunity for social reproduction for family farmers

Nuevas perspectivas en el contexto de los mercados abiertos: oportunidad de reproducción social para los agricultores familiares

Resumo

Ao se adquirir quaisquer produtos hortifrutigranjeiros numa feira livre, supõe-se incluir em sua mesa alimentos saudáveis, quiçá oriundos diretamente das propriedades rurais. O objetivo deste trabalho foi identificar se a categoria dos agricultores familiares, especialmente aqueles hortifrutigranjeiros, se utiliza do canal de comercialização, como as feiras livres, para escoarem sua produção, sem se afastar do modo de vida e as formas tradicionais de produção. A pesquisa é qualitativa, com aspectos quantitativos descritivos. Utilizou procedimento delineador como pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo. A coleta de dados deu-se com aplicação de questionário e técnicas de observação, que assumiram a forma de levantamento. Como resultado, foi possível reconhecer a inserção de agricultores familiares neste *métier*, isto é, ambiente de feiras urbanas de Goiânia. Concluiu-se que estes estabelecem relações nas dimensões sociais, culturais e econômicas, permitindo compreender o funcionamento e a dinâmica das feiras livres e identificar sua origem na macrorregião do município de Goiânia/GO.

Palavras-chave: Canais de Comercialização; Novas Ruralidades; Competitividade; Ressemantização.

Abstract

When purchasing any fruit and vegetable products at an open market, it is supposed to include on your table healthy foods, perhaps coming directly from rural properties. The objective of this work was to identify whether the category of family farmers, especially those who produce fruits, uses the marketing channel, such as open markets, to sell their production, without departing from the way of life and traditional forms of production. The research is qualitative, with descriptive quantitative aspects. He used an outlining procedure such as bibliographic, documentary and field research. Data collection took place with the application of a questionnaire and observation techniques, which took the form of a survey. As a result, it was possible to recognize the insertion of family farmers in this *métier*, it was concluded that they establish relationships in the social, cultural and economic dimensions; allowed to understand the functioning and dynamics of open markets and to identify their origin in the macro-region of the city of Goiânia/GO.

Keywords: Marketing Channels; New Ruralities; Competitiveness; Resampling.

Resumen

Al comprar cualquier producto de frutas y verduras en un mercado abierto, se supone que debe incluir en su mesa alimentos saludables, tal vez provenientes directamente de propiedades rurales. El objetivo de este trabajo fue identificar si la categoría de agricultores familiares, especialmente aquellos que producen frutas, utiliza el canal de comercialización, como los mercados abiertos, para vender su producción, sin apartarse de la forma de vida y formas tradicionales de producción. La investigación es cualitativa, con aspectos descriptivos cuantitativos. Utilizó un procedimiento de delineación como la investigación bibliográfica, documental y de campo. La recolección de datos se realizó con la aplicación de un cuestionario y técnicas de observación, que se concretaron en una encuesta. Como resultado, se pudo reconocer la inserción de los agricultores familiares en este *métier*, se concluyó que establecen relaciones en las dimensiones social, cultural y económica; permitió comprender el funcionamiento y la dinámica de los mercados abiertos e identificar su origen en la macrorregión de la ciudad de Goiânia / GO.

Palabras clave: Canales de marketing; Nuevas Ruralidades; Competitividad; Remuestreo.

1. Introdução

Para melhor entendimento desse estudo, inicialmente serão definidos os conceitos de “Feira Livre” e “Agricultores Familiares”. Feiras livres não se estruturam somente com algumas poucas ou centenas de barracas e seus produtos. Elas fazem parte de um ambiente, onde relações comerciais se comungam com as experiências de vida que cada um traz consigo, transforma e forma uma identidade cultural própria, que permite que por suas ruas, transitem pessoas de qualquer idade, classe social, etnia ou qualquer outra diversidade da sociedade. Atua como um entreposto de trocas num ambiente peculiar que se difere de outros ambientes comerciais, por haver ali trocas simbólicas, sociabilidades, companheirismo, conhecimentos, construção de territorialidades, manifestações artísticas e culturais etc. Neste contexto, reúnem todos os elementos citados com as experiências vivenciadas pelas pessoas que a compõem (Rodrigues et al., 2019; Neves, Mendonça; Salomão, 2020).

Ao adentrar neste universo de cores, cheiros e sabores, veem-se estabelecidas não só as relações comerciais, sociais e de sociabilidade; são vistas também expressões culturais, tradições, jocosidades que traduzem uma linguagem própria para chamamentos alegres e eficientes (Vedana, 2013). A relevância das feiras livres também se expressa por se tratar de espaços onde famílias encontram possibilidades de emprego e renda, acolhe neste nicho membros que não se inserem no mercado de trabalho formal. Apesar de se encontrar num emaranhado complexo, onde entrelaçam diversas relações, as feiras apresentam-se como uma alternativa de sobrevivência, pois são consideradas como pequenos ou grandes arranjos socioeconômicos. Elas ocorrem em sua maioria ao ar livre nas ruas, praças ou espaços cobertos. Sua periodicidade varia de acordo com os costumes

e tradições de cada lugar. Os produtos hortifrutigranjeiros podem ser adquiridos pelos feirantes em distribuidores específicos, nas Centrais de Abastecimentos e ou diretamente dos agricultores (Pereira, Brito; Pereira, 2017; Araújo; Ribeiro, 2018; Balem; Abdala, 2020; Salomão, Neri; Pereira, 2020).

Para compreender a complexidade da agricultura familiar, como forma de organização produtiva, segundo Mattei (2014) e Araújo; Ribeiro (2019) é preciso entender que, nesta categoria, o que prevalece no núcleo da unidade de produção não é apenas a rentabilidade econômica, mas paralelamente encontra-se com igual teor a observância das necessidades e objetivos familiares. Fazendo com que estes atores percorram uma jornada, em que palmilham por caminhos diferenciados do modelo patronal, o qual estabelece ruptura entre gestão e trabalho.

Em meados de 1990, importantes mudanças foram tomadas e um conjunto de ações subsidiaram o desenvolvimento rural e o reconhecimento da agricultura familiar como uma categoria social. A partir de então, lhes foram atribuídos determinados requisitos, por intermédio da Lei Federal nº 11.326, de 24 de julho de 2006 (BRASIL, 2006; MDA, 2019), que os caracteriza como aqueles atores que praticam atividade rural numa área com até 4 (quatro) módulos fiscais, onde haja predomínio da mão de obra familiar, que a maior parte da sua renda familiar seja oriunda das atividades desempenhadas e sua propriedade seja gerida entre todos do núcleo familiar.

Nos dias atuais, as feiras livres representam importante canal de comercialização dos hortifrutigranjeiros, seguem resistindo ao tempo e à poética urbana. Sua inserção em meio à urbanidade contemporânea, às vezes sugere rusticidade, mas sua resistência e resiliência são fundamentais para que se mantenham exercendo significativo papel na geração de renda, na inserção de atores que não se adaptam ao mercado formal ou ainda na garantia da segurança alimentar, como afirmam Salomão, Neri; Pereira (2020); Sambuichi et al. (2016) e Santos; John (2018). É comum perceber que estes atores se apropriam de uma identidade cultural e juntos constroem uma territorialidade peculiar. Mas, não se trata de um ambiente onde apenas ocorrem trocas comerciais. Muito, além disto, existem elementos que as diferem daquele mercado formal, que são: as trocas simbólicas, as sociabilidades, o companheirismo, a aproximação com o consumidor, os elos de amizade e a manutenção cultural.

Pretende-se neste estudo conhecer a dinâmica de funcionamento das feiras livres do município de Goiânia. Sendo este a capital do Estado de Goiás, ser a cidade mais populosa e fazer parte da região metropolitana. Busca-se desta forma, compreender se há ou não a inserção de agricultores familiares neste *métier*, e suas relações nas dimensões sociais, culturais e econômicas, identificando seu perfil e suas localizações na macrorregião de Goiânia. Com os resultados alcançados, oferecer elementos norteadores de futuras ações ou políticas públicas que auxiliem no incremento e fortalecimento deste setor, atendendo os anseios individuais e coletivos dos diversos grupos que compõem este complexo mercado, chamado feira livre.

Para melhor compreendê-los, após breve introdução, os resultados serão expostos dentro de uma divisão que facilitará o entendimento das ações vivenciadas, sendo o trabalho seccionado em quatro seções: procedimento metodológico; discussões teóricas sobre feira livre e agricultura familiar; resultados e discussões, e considerações finais.

METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa adotaram-se procedimentos como: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observações espontâneas, aplicação do questionário I e II e entrevistas, e o uso de SIG/Geotecnologias para espacialização dos dados e respectivas representações cartográficas, gerando resultados, os quais foram distribuídos e expostos após apresentação da metodologia utilizada, contribuir desta forma para delinear o assunto proposto no item ‘Resultados e Discussão’ e ‘Considerações Finais’. Fez-se o pré-teste em agosto de 2018 e a pesquisa de campo no período entre setembro de 2018 e março de 2019, em todas as feiras livres cadastradas em Goiânia/GO

A partir deste assunto instigante, surge a necessidade em saber se há ou não agricultores familiares nas feiras livres goianienses. Para alcançar resposta conclusiva, foram adotados procedimentos após delimitação do universo da pesquisa, determinou-se desta feita, realizar a pesquisa de campo em todas as feiras livres goianienses cadastradas (diurnas e noturnas), como principais delineamentos têm-se procedimentos qualitativo e quantitativo descritivo. Foram aplicados questionários e entrevistas.

Por se tratar de aquisição de dados primários, aplicaram-se dois questionários, onde inicialmente teve-se uma visão geral da realidade dos feirantes comerciantes e

agricultores, ao passo que no outro questionário, foi possível conhecer detalhes mais precisos, sobre questões econômicas, sociais, ambientais, culturais e processo produtivo dos agricultores familiares. Após os dados serem coletados, se fez a análise e interpretação dos resultados, estes receberam tratamento da estatística descritiva. Para ilustrar determinados dados coletados, foram utilizados recursos de procedimentos, como as observações assimétricas, coleta documental (Marconi; Lakatos, 2003; Günter, 2003; Boni; Quaresma, 2005; Gil, 2010).

Durante coleta de dados tomou-se o cuidado por coletar informações entre entrevistados com idade acima de 18 anos, consentindo em ser meramente voluntário, conforme declarado no Termo de Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa. Cumpriram-se as normas e condutas determinadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG), seguindo-se os princípios éticos vigentes, submeteu-se a proposta de pesquisa, sendo a mesma aprovada pelo (CEP UFG) (Nº do parecer: 3.611.540, CAAE: 19402918.7.0000.5083). Observaram-se atentamente os critérios éticos, para não causar demérito ou provocar situações desconfortantes entre os entrevistados, durante aplicação dos questionários. Após esta etapa, realizou-se análise estatística descritiva e, de posse dos resultados, foi possível vislumbrar a inserção dos agricultores familiares nas feiras livres goianienses.

De posse dos dados qualitativos e quantitativos descritivos nas feiras livres de Goiânia, foi possível produzir mapas e identificar a distribuição das feiras livres na cidade, o contingente de feirantes agricultores familiares e as feiras livres que pertencem, verificou-se a participação de agricultoras familiares cadastradas como donas da banca, as feiras que possuem agricultores familiares e de quais municípios se originam. Os dados foram tratados com o Software ArcGis 2.16 (32 bits), com projeção Universal Transversa de Mercator, Datum: Sirgas 2000/UTM zona 22S, utilizando base de dados do Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás (SIEG) e Prefeitura de Goiânia.

Para distinguir as características e o perfil dos feirantes goianienses, decidiu-se separá-los, descrevendo-os doravante da seguinte forma: feirantes comerciantes (para aqueles que revendem produtos como: frutas, legumes, vegetais, condimentos, doces ou carnes); feirantes agricultores familiares (aqueles que também são horticultores e vendem produtos oriundos da sua produção).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa bibliográfica permitiram a sustentação dos conceitos e dos estudos realizados nessa temática entre os anos de 2013 e 2020, utilizando-se também outros apoiadores, que são relevantes para a compreensão e demonstração do desenvolvimento e evolução do tema proposto neste trabalho. Após esse levantamento podemos questionar se as feiras livres goianienses são canais onde há ou não possibilidade para reprodução social entre agricultores familiares.

Feiras livres: reprodução social aos agricultores familiares?

A evolução da agricultura familiar nos mostra que sua importância remete-se ao seu processo de surgimento e sua participação na sociedade, encontrando-se entremeadas à economia, e que perpassam pelos aspectos sociais, culturais e políticos (Arruda; Araújo, 2019). Mattei (2014) considera que a agricultura familiar já se integrava à rotina das atividades produtivas do país e, por longa data persistiu a denominação ‘agricultura de subsistência’.

O apoio governamental era remoto desde o início, a exemplo do período imperial, em que a categoria não recebeu quase nenhum apoio, impedindo seu desenvolvimento adequado. No período de modernização da agricultura brasileira, ocorrido nas décadas de 1960 e 1970, a política agrícola não deteve olhar sobre a agricultura familiar, empenhando-se em privilegiar os setores mais capitalizados, como os latifúndios produtores de *commodities* voltados ao mercado internacional, fazendo frente aos desequilíbrios da balança comercial do país (Mattei, 2014).

Esta realidade persistiu até o início da década de 1990, e o segmento social de agricultores familiares até então não via as necessidades supridas. Sem que suas forças se exaurissem, as organizações dos trabalhadores rurais puderam vislumbrar o princípio da mudança. Em 1996, criou-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), conforme mencionam Neves, Mendonça; Salomão (2020).

De acordo com Mattei (2014) e Hespanhol (2013), este programa supriu o atendimento de suas antigas reivindicações, formulando e implantando políticas de desenvolvimento rural para o alcance do maior segmento da agricultura brasileira, mesmo que este seja considerado frágil no que diz respeito à capacidade técnica e sua pouca capilaridade de inserção no mercado agropecuário. Para Sabourin (2014) o

desenvolvimento econômico da agricultura familiar passa por sua organização, com a finalidade de enfrentar a extensão generalizada do mercado de troca capitalista e, também abrindo espaço para dialogarem com o Estado mediante novos instrumentos de políticas públicas.

Diante de sua importância, a agricultura familiar, segundo Niederle, Fialho; Conterato (2015) tornou-se uma categoria reconhecida e legitimada pelo Estado e pela sociedade, tendo-se a produção de um quadro normativo específico delimitando-a com fulcro na Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, o qual concede categorização da agricultura familiar.

Para Araújo; Ribeiro (2018), com fulcro no Art. 3º da Lei acima referida, na definição de agricultor familiar e empreendedor rural, trata-se daquele que tem no máximo quatro módulos fiscais, utilize mão de obra familiar no empreendimento, que sua renda esteja ligada à sua atividade econômica e que a gestão seja feita por sua família. Observa-se que esta lei não condiciona somente as práticas agrícolas, mas enquadra os pescadores, extrativistas, aquicultores, povos indígenas e comunidades tradicionais. Serviu como sustentáculo para estabelecer as diretrizes que formularam a Política Nacional da Agricultura Familiar e dos Empreendimentos Familiares Rurais.

No entanto, existem estudos que apontam conceitos sociais sobre esta categoria, como mencionam Wanderley (1995) e Altafin (2007), ao afirmarem que esta categoria aparenta ser nova, devido aos novos contornos que vêm adquirindo ao passar do tempo, assim como a discussão de seus significados e importância têm se expandido, frente à academia.

Em meio a esta expansão, Schneider (2003) afirma haver uma reorientação dos debates sobre a agricultura familiar, ampliando-os sobre questões temáticas ambientais, ruralidade, sustentabilidade e, é possível verificar interesse destes, ao analisarem temas contemporâneos, como inserção em novos mercados de trabalho, movimentos ocupacionais da população rural, o desenvolvimento rural local e regional.

A categoria agricultura familiar é uma tipologia que na atualidade alcançou grande espectro no território nacional, em função da capilaridade que o Pronaf oferece, concedendo-lhes um conceito operacional e político que a caracterize efetivamente como categoria e tipifica seus beneficiários. Ao volver o olhar numa outra perspectiva, é

possível perceber que o agricultor familiar é um ator social que está inserido no mundo contemporâneo. De acordo com Araújo; Ribeiro (2018), são membros de uma categoria socioprofissional, que comungam e vivem nas unidades familiares, onde o proprietário é aquele que cuida da família e ao mesmo tempo coordena e executa as atividades produtivas. De acordo com Carneiro (1999), na agricultura familiar existe uma interligação entre trabalho, terra e família, onde, neste ambiente vê-se a pluriatividade do proprietário que administra e produz os alimentos.

De outro ângulo, Schneider (2005) traz uma conceituação que trata do fenômeno denominado ‘agricultura familiar’, sendo uma forma social que envolve unidades ou estabelecimentos agropecuários que compreendem a posse ou propriedade de uma parcela de terra, que, na maioria das vezes, são áreas de pequenas extensões, onde nela trabalham grupos de pessoas ligadas por laços de consanguinidade ou afinidade, que produzem para garantir a autossuficiência alimentar e a obtenção de excedentes destinados às trocas e ou comercializá-los nos mercados.

De acordo com Neves, Mendonça; Salomão (2020), a agricultura familiar trata-se de meio dinâmico de produção, onde atualmente representa importante papel na manutenção nutricional e alimentar do país. Ao encontro desta constatação, Almeida et al. (2018) afirma que é cada dia mais crescente a procura por produtos nutritivos e frescos. Esta categoria, segundo os autores, ainda protagoniza discussões nos meios acadêmicos, nas políticas de governo e entre os movimentos sociais.

É possível descortinar algumas políticas públicas que contemplam a agricultura familiar e promovem avanços para a categoria. O que é necessário, mas não ocorre é a implantação específica de política direcionada, que dê respaldo à comercialização daquelas pequenas produções, enfatizando aqui, os produtos comercializados nas feiras livres. Existe o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), com fulcro no Artigo 19, da Lei nº 10.696, de 2 de julho de 2012, o qual se integra ao Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), sendo sua finalidade a de incentivar a agricultura familiar, ao adquirir seus produtos com dispensa de licitações e promover o acesso à alimentação. Outro programa que tem como prioridade a agricultura familiar é o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), implantado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), desde 1995. O programa referido contribui para

o crescimento, desenvolvimento, aprendizagem, rendimento escolar e formação de hábitos alimentares saudáveis.

Os agricultores familiares permanecem resistindo e mantêm ainda hoje o modo tradicional de viver e produzir transferindo seus saberes e fazeres, as expressões, suas necessidades e o empoderamento da sua identidade social. Estes são fatores determinantes não só para sua sobrevivência, mas também revela quem realmente o são.

A estratégia de envolvimento de membros do núcleo familiar garante a continuidade do tecido sócio cultural e econômico, integrando indiretamente outros atores, que contribuem para o desenvolvimento de relações e estruturas econômicas e sociais de reciprocidade. Numa leitura pela reciprocidade e a economia solidária, Sabourin (2014) diz que estes conseguiram e ainda conseguem, apesar de ignoradas ou mascaradas, mesmo havendo dominação da lógica da troca, garantir a sobrevivência material de grande parte desta população de agricultores familiares, que são mais modestos ou estão em estado de pauperismo. Ainda assim, há um processo interno de estoicismo que garante a manutenção da sociedade rural, com o mínimo de valores humanos de amizade, de responsabilidades e de confiança.

Dentro deste processo transformador da categoria, percebeu-se que existem tratativas que vislumbram institucionalizar leis e políticas públicas, voltadas para o fortalecimento e desenvolvimento da agricultura familiar e das medidas de segurança alimentar. Foi então preciso compreender como se adequam espacialmente e se ajustam frente às alterações nas formas de socialização, produção e venda direta aos consumidores no contexto das feiras livres, segundo Farias et al. (2020) e Loli, Lima; Silochi (2020). Mas só isto não basta! Seria preciso ir além e buscar compreensão por meio da homologia e antropologia existentes entre os atores que compõem as feiras livres goianienses. Apresentar o que os diferem dos demais sujeitos, não somente na forma do trabalho em si, mas localiza-los nas distintas dimensões que perfazem sua vida, entender sobre as transformações no aspecto da socialização e analisar as mudanças sociais e adaptações ocasionadas a partir de sua inserção neste canal de comercialização.

Considera-se que as feiras livres não surgiram de repente. Descrições de sua existência são mencionadas em diversos momentos na linha histórica da humanidade. Tomaremos como ponto de partida o seu renascimento, ocorrido no período em que a Idade Média caminhava rumo a Idade Moderna. Durante este caminhar, via-se que a

sociedade europeia adaptava-se às novas técnicas produtivas, onde o regime feudal não mais produzia para subsistência, mas com o aumento da produção agrícola. Iniciava-se uma nova realidade, a qual empurrava as portas abrindo-as rumo à expansão comercial europeia, deixando para trás o modo de produção feudal e sua adequação ao modo capitalista, o que contribuiu para o fortalecimento dos mercados e feiras (Varotto, 2006).

No Brasil, o surgimento das feiras ocorreu pela influência de seus colonizadores portugueses, habituados com tal prática de comércio a trouxeram em sua bagagem cultural. Com o passar do tempo tornaram-se atividades cotidianas. Por vezes, veem-se marginalizadas pelo poder público, que ora ou outra subestima seu potencial e sua representatividade no meio urbano contemporâneo (Carvalho; Grossi, 2009; Godoy; Anjos, 2007).

Os resultados desta pesquisa de campo permitiram obter várias conclusões através de observações do dia a dia dos feirantes e dos questionamentos por eles respondidos. Para sintetizar esses resultados optou-se por reproduzir a frase mais ouvida nas feiras livres de Goiânia.

Feiras livres de Goiânia: “Vem pra cá freguesia, o produto é fresquinho!”

A pesquisa de campo foi realizada em todas as 116 feiras livres de Goiânia. De acordo com dados da Prefeitura Municipal, existem aproximadamente 7.000 feirantes cadastrados, destes foram entrevistados 40,65% (2.845), dos quais 92,51% (2.632) são comerciantes e 7,48% (213) se declararam agricultores familiares. As feiras ocorrem todos os dias da semana, sendo diurnas de segunda-feira a sábado, das 6 (seis) às 13 (treze) horas, e noturnas, das 16 (dezesesseis) às 22 (vinte e duas) horas, exceto aquelas de domingo que ocorrem somente pela manhã das 6 (seis) às 14 (quatorze) horas, segundo o que é estabelecido pelo Decreto n° 2.835, de 03 de Dezembro de 2014.

Sua distribuição se dá em todas as sete regiões administrativas da cidade (norte, centro, noroeste, sul, oeste, leste e sudoeste); segundo os pesquisados, as feiras de Goiânia têm resistido ao tempo e fazem parte da paisagem urbana há mais de 45 anos, sendo possível encontrar gerações numa mesma feira, na mesma banca ou os sucessores assumindo o ‘negócio’ de seus pais ou avós, a fim de não deixar que a tradição se arrefeça. Para Gonçalves; Abdala (2013), as feiras livres têm resistido na paisagem

urbana contemporânea em diversas cidades brasileiras, mesmo que os consumidores tenham a comodidade dos hipermercados, que são continuamente higienizados, oferecendo em um único espaço produtos de qualquer parte do mundo. Segundo Pereira, Brito; Pereira (2017), mesmo que haja uma competição entre feiras e mercados, adotam inclusive o uso de pagamentos com cartões débito/crédito, os feirantes permanecem resistindo e se mostram resilientes, indicando que não se fixam somente pelos aspectos econômicos, mas trazem consigo aspectos de natureza social e cultural.

Em Goiânia, as feiras livres usualmente acontecem nas ruas, avenidas, praças ou em alguns casos ocorrem em quadras cobertas. Observa-se que sua ocorrência se dá em ambiente completamente diferente daqueles espaços oferecidos pelo comércio varejista, onde oferecem ambiente climatizado, segurança, conforto e exposição dos produtos hortifrutigranjeiros em gôndolas adaptadas ao manuseio rápido e prático dos clientes. Os resultados da pesquisa de campo demonstraram que a maioria dos feirantes agricultores familiares, 61,50% (131) têm entre 1 (uma) e 5 (cinco) bancas, enquanto 49,14% (1.293) dos feirantes comerciantes tem entre 6 (seis) e 10 (dez) bancas, o que favorece a concorrência neste mercado; o impacto gerado é positivo, especialmente no que se refere à rentabilidade destes feirantes; assim também o é para o agricultor familiar, que usualmente revendem seus produtos para outras fontes, que não sejam a feira livre. Verificou-se que 41,83% comercializam seus produtos exclusivamente nas feiras livres; outros 19,88% vendem para outros feirantes; 18,10% realizam venda direta ao consumidor (colhe e pague, *delivery*, *App* e ou assinatura de entregas) e 12,16% aos restaurantes. Desta forma, é possível afirmar que fazer feira é um negócio rentável.

Em conformidade com Araújo; Ribeiro (2018), mesmo não havendo destaque nas políticas públicas municipais, as feiras livres possuem grande envolvimento e aceitação pela comunidade local. Elas exercem importante papel no estabelecimento de relações econômicas com seus clientes e, também de relações comerciais com demais feirantes e com comerciantes locais.

Outra observação possível no desenvolvimento do trabalho foi verificar que nas feiras livres em Goiânia, além da movimentação usual de pessoas que são consumidoras e ou frequentadoras, existe entre todos os atores, inúmeras trocas de informações, saberes e fazeres, numa dinâmica que é bastante peculiar neste espaço, onde preside uma organização e participação social misturando-se com a paisagem local. Pereira, Brito;

Pereira (2017), durante pesquisa feita na feira livre de Conceição do Mato Dentro/MG, destacaram que não se trata apenas de um importante espaço para comercialização dos produtos da agricultura familiar, pois além de comercializá-los, estes tecem suas teias de relações sociais e culturais.

Ao se referir sobre as características peculiares entre os feirantes, Vedana (2013) relata em seu estudo, sobre as práticas cotidianas de trabalhadores do comércio de alimentos em feiras livres, nos mercados de rua das cidades de Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, bem como em *marchés* de Paris/França, onde buscou compreender tais práticas como o resultado da sistematização de um conjunto de saberes e experiências que foram construídos no dia a dia do mercado. A autora observou a ‘capacidade de interação com o outro e o jogo social entre fregueses e outros feirantes, a maestria de instaurar as jocosidades e consolidar vínculos com fregueses’. Desta forma, conclui Vedana (2013) que a sociabilidade torna-se um elo fundamental para obter sucesso na atividade a ser desenvolvida, aprimorada e repassada aos seus sucessores. É preciso colocar suas palavras em circulação no mercado, construir laços de reciprocidade entre todos os atores que compõem o ‘fazer feira’ para garantir sucesso no negócio.

A pesquisa deteve-se em alguns momentos, com olhares atentos durante observações espontâneas, onde se confirmou que nas feiras livres goianienses, há interação entre feirantes e seus fregueses. Isto se deu vendo e ouvindo fregueses (as) trocarem receitas com o (a) feirante, ou em momentos em que, ao chegarem à banca, o (a) consumidor (a) informa que vai levar certo produto para fazer uma receita específica e, ao contrário, existem aqueles (as) que perguntam aos feirantes como consumir este ou aquele produto ali exposto.

Existe aproximação dos feirantes com os fregueses, estes tecem relações que ultrapassam a lógica da compra e venda de produtos agrícolas ou da simples troca comercial, e agregam conteúdos subjetivos, valores simbólicos e afetivos (Vedana, 2013; Araújo; Ribeiro, 2018; Marines, Vilaca; Mufatto, 2019).

Compondo estas relações estão os alicerces da amizade, do companheirismo que abrem espaços para trocas de saberes, sentimentos, vivências e experiências, que, unidas às representações simbólicas dos agricultores familiares, criam novo formato para apresentação e comercialização dos produtos. Elas se caracterizam por delinear espaços de sociabilidades, pois o tempo todo ocorre ‘trocas de conversas’.

Durante a pesquisa de campo, muitos FC, espontaneamente mencionaram a sua origem, como se ao dizer de onde vieram ou porque estavam ali há tanto tempo, seria uma maneira para justificar sua presença naquele ambiente, ora com tom de orgulho, ora com tom de autodefesa. Observou-se que isto também ocorreu com os FAF, visto que, após tratamento dos dados coletados, verificou-se que 28,63% são oriundos do meio rural de Goiânia, ou suas propriedades encontram-se próximas aos municípios que compõem a região metropolitana, destes 8,92% têm suas propriedades no município de Nerópolis e 8,45% procedem do município de Trindade. Esses municípios estão a 37,3 e 26 km, respectivamente, de distância de Goiânia.

Os dados coletados revelaram que 33,13% dos feirantes goianienses atuam há mais de 12 anos e que 1,23% está há aproximadamente 40 anos consecutivos nas feiras livres. Segundo estudos de Araújo; Ribeiro (2018), realizados nas feiras livres do comércio urbano no Vale do Jequitinhonha/MG, o tempo de feira é bastante variado; a pesquisa mostra que os feirantes que comercializam seus produtos, possuem tempo de feira que varia entre 46 e 60 anos nas feiras e são seguidos por aqueles que estão presentes nas feiras entre 31 e 45 anos.

A idade média dos feirantes goianienses é de aproximadamente 42 anos. Uns permanecem no ofício por ser esta sua “profissão”, outros por qualquer razão terem deixado suas “profissões”. Mas todos disseram que esta foi uma boa opção para manutenção da vida familiar. Ao analisar o perfil dos feirantes de hortaliças do município de Alegre/ES, Nascimento (2017) observou que a maioria dos feirantes também apresenta idade acima de 40 anos. O estudo de Araújo; Ribeiro (2018) revelou que a faixa etária dos feirantes do Vale do Jequitinhonha/MG gira em torno de 46 e 60 anos para as mulheres, e mostra-se equiparada entre as faixas de 31 e 45 anos e 46 e 60 anos para os homens.

Essa forma de comercializar produtos naturais, segundo Vedana (2013), ocorre de maneira natural e plena para os seus *habitués*, trabalhadores ou fregueses. Informa ainda a autora que é possível identificar níveis distintos de camadas entre os feirantes em suas práticas de trabalho, destacando-se aquele feirante que é proprietário de seu negócio, e que este negócio torna-se o ‘negócio da família’, mas, não se trata de um pequeno ou microempreendedor, sua atuação não se restringe apenas na administração ou gestão, exerce sua hierarquia frente aos subordinados, mesmo que estes sejam seus próprios

familiares, atua na verdade em todas as dimensões do processo de trabalho desde o varrer o chão; montar e desmontar a barraca, evitando gastos com empresa de aluguel e montagem de barracas; vender ou sistematizar conhecimentos sobre economia, agricultura, alimentos, importações, etc.

Durante as observações de campo, perceberam-se algumas situações que demonstram companheirismo, sociabilidade e manifestações culturais peculiares deste ambiente festivo que são as feiras livres. Foi possível perceber que muitos feirantes goianienses dialogam entre si, o que gera clima festivo e muito agradável; outros cantarolam e repentinamente são acompanhados pelos demais. Inesperadamente um feirante surge trajando roupas de época e recitando lindas poesias, o que encanta os presentes; um ajuda ‘cobrir’ a banca, enquanto o outro sai por uns instantes. Sorridente, um deles conta anedotas para os amigos feirantes e todos se põem a gargalhar.

As feiras livres são espaços onde há manutenção cultural, uma vez que se veem sustentadas interações simbólicas e costumes, mesclados entre interação de valores culturais de um povo, ao passo que são preservadas características marcantes da cultura daquelas gerações passadas (Souza, 2015). Para Vedana (2013), “fazer a feira é também ‘fazer’ o feirante”, e que, tanto os feirantes dos mercados de rua das cidades de Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, como em *marchés* de Paris, pretendem perpetuar esse *métier*. E quão necessitados são destas inter-relações com os demais atores: freguês, colegas, fornecedores, etc. Isto é, são dependentes desta urdidura que é tecida em laços que se reafirmam a cada amanhecer na feira.

Foi possível em determinados momentos da pesquisa de campo, observar a existência das trocas de informações e experiências entre feirantes e fregueses, sobre os produtos ali expostos, mas não tratavam do valor econômico ou de sua qualidade, tratavam sim do modo de plantio de ontem e de hoje, o modo de processamento dos produtos ou sua apresentação, informações estas que lhes causavam saudosas lembranças de tempos vividos. Seu cheiro, sua cor, como é feito ou até mesmo em que local era feito, ressoavam nas faces dos fregueses e dos feirantes, as memórias afetivas que resplandecem os valores simbólicos de estar e ou fazer parte da feira.

Ao pesquisarem os laços etnográficos na feira de Camobi em Santa Maria/RS, Nora; Zanini (2015) concluíram que as feiras livres são reconhecidas como um espaço formado a partir de uma rede de sociabilidade e identificaram que laços entre feirantes e

fregueses são formados não apenas por haver uma comercialização de produtos, mas avançam além do simples fato e ato de vender. Alcançam a permuta entre os saberes e os fazeres. Revelam ainda que há uma fusão entre o econômico e o social, e estes se ligam às histórias de vida dos personagens que atuam neste cenário. Ambas comungam com Vedana (2013), ao afirmar que trabalhar como feirante é algo intrínseco ao ser, estando intimamente ligado às suas habilidades de construir laços sociais e promover sociabilidades, memórias afetivas e identificação étnica, além de ser um dia de encontros, reciprocidades e de comércio.

Em todas as feiras goianienses visitadas, foi observada a delicada e forte presença das mulheres, que coordenavam suas bancas. Após analisar os dados coletados, notou-se que do total geral de feirantes, 0,63% declararam que a banca pertence ao casal, 87,03% disseram que suas bancas são cadastradas pelos homens e 13,31% afirmaram que são as mulheres, as responsáveis pelo cadastramento da banca. Deste último percentual, notou-se que 14,12% são mulheres feirantes comerciantes e 17,00% se declararam serem feirantes agricultoras familiares. Loli, Lima; Silochi (2020); Marin (2020); Cotrim, Teixeira; Proni (2020), ao identificar nos espaços a participação das mulheres nas atividades produtivas e de comercialização em feiras livres, durante estudo de caso no município de Francisco Beltrão/Paraná foi identificado que 90% das entrevistadas disseram que participam e comercializam seus produtos duas vezes por semana nas feiras livres, e 20% participam apenas uma vez por semana.

Ao traçarem o perfil social das mulheres feirantes do Estado de Alagoas/Brasil, Costa et al. (2020) puderam perceber que 27% destas mulheres participam das feiras e comercializam alimentos num período entre três e cinco anos e que 23% têm experiência nesta atividade entre seis e dez anos. O fato da participação feminina em feiras livres, no entendimento de Gomes et al. (2016) estabelece maior credibilidade e confiança por parte dos consumidores, que ao adquirirem os produtos comercializados por elas, os reconhecem como alimentos verdadeiramente saudáveis. Isto se deve pelo fato de que as feiras passaram a delinear novos contornos frente ao panorama da agricultura familiar, pois neste ambiente existe acesso não só para escoarem sua produção, mas permite sem preconceitos que haja participação efetiva das mulheres, especialmente daquelas que vivem no meio rural, as quais assumem importante papel no protagonismo das famílias (Anacleto, Coelho; Curvelo, 2016).

Conforme estabelecido no Capítulo I, Art. 3º e 4º do Decreto nº 2835, de 03 de dezembro de 2014, em Goiânia existem duas modalidades de feiras com finalidades específicas, são elas: Feiras Livres e Feiras Especiais. No entanto, atualmente uma terceira modalidade (Feiras de Orgânicos), tem se destacado e conquistado espaço e expressivo número de consumidores neste município.

Durante as entrevistas, os feirantes entrevistados nas feiras livres de Goiânia/GO, foram questionados sobre quais seriam os principais produtos vendidos. Destes, 21,39% responderam que o principal produto é a abobrinha verde, conforme apresenta Tabela 1. Do montante de produtos comercializados, 39,17% são adquiridos em distribuidores fora das Centrais de Abastecimento de Goiás (Ceasa/GO); 30,14% dos feirantes adquirem seus produtos na Ceasa/GO; 20,87% são produtos originários da produção própria e 5,51% disseram que seus produtos são adquiridos por outras fontes.

Tabela 1: Demonstração dos principais produtos comercializados por feirantes comerciantes e agricultores familiares, nas feiras livres de Goiânia/GO.

Principais produtos comercializados	(%)
Abobrinha verde	21,39
Alface	21,11
Cebola branca	15,21
Batata inglesa	14,26
Cenoura	14,05

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2020.

Com a finalidade de identificar os principais produtos comercializados pelos feirantes de hortaliças do município de Alegre/ES, Nascimento (2017) observou que as opções eleitas foram: frutas, legumes e verduras (FLV), e produtos de origem animal (destaque para a nata e manteiga). Dentre todos os feirantes entrevistados, 56,67% revelaram trabalhar com produtos mistos (mais de uma opção, por exemplo: frutas e verduras; lácteos e doces variados); desses, 74% comercializam verduras e legumes e 25,5% comercializam legumes e frutas. Ao serem demandados sobre a forma de obtenção destes produtos, 84% dos entrevistados disseram que os adquirem de terceiros, 9% produzem os produtos que vendem e 7% informam que uma parcela dos produtos

comercializados é oriunda da sua produção, já os demais são adquiridos por outro distribuidor. Conclui-se desta forma que 85,41% destes feirantes compram produtos de distribuidores e 14,58% são produtores dos produtos ali comercializados.

No decorrer da pesquisa, foi possível observar uma homogeneidade na disposição dos produtos nas bancas, nota-se que há uma tendência de expô-los numa mesma ordem, conforme Figuras 1 a e b. Mas isto não é um fato aleatório, existe, segundo os feirantes, uma estratégia aplicada para elevar o volume de venda. Por outro lado, os consumidores adotam regras ou heurísticas que definem qual produto irão escolher e, de acordo com Cervi (2020), a posição dos produtos expostos e o espaço que ocupam são variáveis que influenciam a decisão dos consumidores. Desta forma na chamada área nobre, por ser o principal ponto de visão do consumidor, são expostos aqueles produtos com maior valor agregado, além de serem os mais procurados pelos fregueses também são os mais lucrativos para o comércio. Já produtos considerados de alto giro, mas sua margem de lucro é baixa, serão expostos fora da área nobre sempre da direita para esquerda.

Figura 1 a e b: Disposição homogênea dos produtos expostos nas feiras livres de Goiânia/GO



Fonte: acervo da autora. Pesquisa de campo, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante convivência compartilhada nas 116 feiras livres de Goiânia, foi possível perceber que há uma dinâmica, em que os feirantes se apropriam dos espaços urbanos em períodos específicos. Estes seguem um Decreto municipal que regulamenta o funcionamento das feiras. No decorrer da pesquisa de campo, antes mesmo que os dados recebessem tratamento adequado, desvendou-se que há sim presença de agricultores

familiares neste universo, e que estes quando não estabelecidos em propriedades rurais do município de Goiânia, encontram-se na região metropolitana.

Nota-se que os agricultores familiares se inserem neste *métier* e estabelecem acesso para comercialização de produtos agrícolas, traz consigo seus costumes e tradições, como os ‘dedos de prosa’ entre uma venda e outra. Fidelizam seus clientes pela qualidade dos seus produtos e a cordialidade peculiar que consta em sua bagagem cultural. Uma vez na feira livre, demonstram atitudes espontâneas junto aos atores e fregueses, similares às vividas em seu ambiente natural.

Os agricultores familiares ainda são capazes de acolher as rotinas estabelecidas no dia a dia das feiras livres, como negociar, administrar, produzir, gerenciar e coordenar as diversas funções que a banca oferece, a fim de participarem juntos nesta coreografia e vão além, promovem por meio de tecitura direta ou indiretamente o desenvolvimento rural. Desta forma, surgem diversos campos a serem pesquisados neste ambiente peculiar, onde é possível visualizar inesgotáveis pesquisas ao olhar para diversas perspectivas, como nas áreas das ciências contábeis, matemática, urbanismo, antropologia, sociologia rural, medicina, medicina veterinária (sanidade animal e vegetal, processamento de carne, leite e derivados, etc.), engenharia dos alimentos, engenharia da produção, designer, meio ambiente, literatura ou mesmo música. Estar presente num dia de feira é estar num local em que todas as ciências se comunicam harmoniosamente e nos chamam, convida-nos a realizar novos trabalhos, descobrindo novas experiências.

REFERÊNCIAS

Almeida, L. C. de; Silva, J. M. da; Nascimento, S. P. G. do; Araújo, R. G. V. de; Silva, C. dos S.; Lima, J. R. B. de; Cristo, C. C. N. de; Santos, T. M. C. dos; Costa, J. H. de Q. Perfil social e percepção de feirantes sobre agricultura de base orgânica e agroecológica. *Ciência Agrícola*, Rio Largo, v. 16, número suplementar, p. 71-74, 2018.

Altafin, I. Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar. <http://enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-deagricultura-familiar---iara-altafin---2007.pdf>.

Anacleto, A.; Coelho, A. P.; Curvelo, E. B. C. As mulheres empreendedoras e as feiras livres no litoral do Paraná. *Faz Ciência*, Curitiba, v. 18, n. 27, p. 118-139, 2016.

Araújo, A. M.; Ribeiro, E. M. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. *Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 300-327, 2018. <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbpd>.

Arruda, R. V. de; Araújo, V. P. D. A agricultura familiar e as causas que geram o êxodo rural. *Enciclopédia Biosfera*, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 16, n. 29, p. 1 – 16, 2019.

Balem, T. A.; Alves, E. de O. A persistência das feiras de agricultores familiares em um cenário de “sojificação da sociedade”: elementos da realidade de Júlio de Castilhos e Tupanciretã/RS. *Economia e Desenvolvimento*, Santa Maria, v. 32, e2, p. 01 – 12, 2020.

Boni, V.; Quaresma, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais. *Revista (Em Tese) Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68 – 80, 2005.

Brasil. (2006). *Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006*. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm. Acesso em: 09 mai. 2020.

Brasil. Ministério Desenvolvimento Agrário (MDA). *Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo*. 2019. <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/agricultura-familiar-do-brasil-%C3%A9-8%C2%AA-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo>.

Carneiro, M. Agricultores familiares e pluriatividade: tecnologias e políticas. Mundo rural e tempo presente. *MAUAD–Pronex*. 1999.

Carvalho, F. de F.; Grossi, S. de F. A Importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar. *Interface Tecnológica*, v. 16, n. 2, p. 226-234, 2019.

Cervi, C. Heurísticas na escolha: como a organização dos produtos na prateleira influencia as decisões de compra dos consumidores. *Revista de Administração da UNIMEP*, Piracicaba, v. 18, n. 1, 2020.

Costa, J. H. de Q.; Lima, J. R. B. de; Silva, C. dos S.; Araújo, R. G. V. de; Silva, J. O. de L.; Lima, A. K. S. de; Silva, J. M. da; Santos, M. C. dos. Perfil socioeconômico de mulheres feirantes do Estado de Alagoas, Brasil: liderança e empoderamento feminino camponês. *Brazilian Journal. of Development*, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 14557-14578, 2020.

Cotrim, L. R.; Teixeira, M. O.; Proni, M. W. Desigualdades de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil. *Texto para Discussão: Unicamp. IE*, Campinas, n. 383, 2020.

Farias, T. R.; Lira, J. V. M.; Carvalho, A. V. de; Sousa, W. L. de. Empreendedorismo feminino no desenvolvimento da agricultura familiar. *Revista Ciências da Sociedade (RCS)*, v. 4, n. 7, p. 130-143, 2020.

Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

Godoy, I. W.; Anjos, S. F. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 2, n. 1, 2007.

Gomes, M.; Lucena, E. A. R. M.; Mandarino, A. C. S.; Gomberg, E. Empoderamento da mulher através de feiras agroecológicas na cidade de Ilhéus, Bahia/Brasil. 2016. In: Fórum Sociológico. Série II. *CESNOVA*, p. 65-73, 2016.

Gonçalves, A. O.; Abdala, M. C. Na banca do 'seu' Pedro é tudo mais gostoso: pessoalidade e sociabilidade na feira livre. *Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo/SP, v. 12, n. 1, p. 1 – 14, 2013.

Günther, H. Como elaborar um questionário (série: *Planejamento de pesquisa nas Ciências Sociais*, nº 01). Brasília, DF: UNB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003. www.psi-ambiental.net/pdf/01Questionário.pdf.

Hespanhol, R. A. D. M. Programa de Aquisição de Alimentos: limites e potencialidades de políticas de segurança alimentar para a agricultura familiar. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 25, n. 3, p. 469-483, 2013.

Loli, D. A.; Lima, R. de S.; Silochi, R. M. H. Q. Mulheres em Contextos Rurais e Segurança Alimentar e Nutricional. *Segurança Alimentar e Nutricional.*, Campinas, v. 27 (2000), publicação contínua, p. 1-13. e020008. 2020.

Marines, R. de O.; Vilaca, A.; Mufatto, L. M. Agricultura familiar: reflexões sobre gênero. *Revista de Administração de Roraima-UFRR*, v. 9, n. 1, p. 52-76, 2019.

Marin, J. O. B. Pronaf Jovem: as disjunções entre o ideal e o real. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 58, n. 2, 2020.

Mattei. L. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. *Revista Econômica do Nordeste*. Fortaleza, v. 45, suplemento especial, p. 83-91, 2014.

Nascimento, M. R.; Jaeggi, M. E. P. da C.; Saluci, J. C. G.; Guidinelle, R. B.; Zacarias, A. J. Perfil dos Feirantes de Hortaliças do Município de Alegre – ES. *Cadernos de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 2017.

Neves, M. L. G.; Mendonça, J. P. & Salomão, P. E. A.. Family agriculture in the city of Teófilo Otoni: Importance and challenges for production in the rural environment. *Research, Society and Development*, Itajubá - MG, v. 9, n. 7, p. 1-18, e260973982, 2020.

Niederle, P. A.; Fialho, M. A. V.; Conterato, M. A. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Piracicaba-SP, v. 52, Supl. 1, p. S009 - S024, 2015.

Nora, F. D.; Zanini, M. C. C. A feira como um espaço de sociabilidade. *Revista Retratos de Assentamentos*, Araraquara - SP, v. 18, n. 1, p. 135, 2015.

Pereira A.S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM.

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Pereira. V. G.; Brito. T. P.; Pereira. S. B. A feira livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG) *Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano – UNITAU*, Taubaté/SP - Brasil, v. 10, edição 20, 2017.

Rodrigues, J. A.; Junior, S. S.; Roboredo, D.; Caioni, C.; Scheuer, J. M. Sustentabilidade socioambiental dos agricultores familiares vinculados a mercados institucionais em Alta

Floresta, Mato Grosso. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 17, n. 2, p. 1-10, 2019.

Sabourin, E. Acesso aos mercados para a agricultura familiar: uma leitura pela reciprocidade e a economia solidaria. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 45, suplemento especial, p. 21-35, 2014.

Salomão, P. E. A.; Nery, I. P.; Pereira, J. M. Sustainability evaluation of livestock in rural properties in the municipality of Malacacheta. *Research, Society and Development*, Itajubá - MG, v. 9, n. 1, 152911858, 2020.

Sambuichi, R. H. R.; Silva, A. P. M.; Oliveira, M. A. C.; Savian, M.; *Compras públicas sustentáveis e agricultura familiar: a experiência do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Políticas agroambientais e sustentabilidade: desafios, oportunidades e lições aprendidas*. Brasília, DF: IPEA, p. 75-104, 2014.

Santos, C. S. dos; John, N.S.; O desenvolvimento rural e a agroecologia: uma alternativa para sustentabilidade ambiental/Rural development and agroecology: an alternative for environmental sustainability. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 4, n. 6, p. 3053-3063, 2018.

Schneider, S. As novas formas sociais do trabalho no meio rural: a pluriatividade e as atividades rurais não agrícolas. *Revista Redes*, Santa Cruz do Sul – RS, v. 9, n. 3, p. 75 – 109, 2005.

_____. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 51, p. 99-122, 2003.

Souza, C. R. de. As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação. *Trabalho Necessário*, Niterói - RJ, v. 13, n. 22, p. 126 - 144, 2015.

Varotto, L. F. História do varejo. *Revista Ponto de Vista*, v. 5, n. 1, p. 86 – 90, 2006.

Vedana, V. Fazer a feira e ser feirante. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 39, p. 41 – 68, 2013.

Wanderley, M. de N. B. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. *Reforma Agrária – Revista da Associação brasileira de Reforma Agrária – ABRA*, v. 25, n. 2, ed. 3, p. 37-57. 1995.

CAPÍTULO III

FEIRAS LIVRES DE GOIÂNIA – GOIÁS – BRASIL: ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE FEIRANTES AGRICULTORES FAMILIARES

Goiânia – Goiás - Brasil freemarkets: study on the participation of family farmers marketers

RESUMO:

O objetivo desta pesquisa foi verificar a efetiva participação de agricultores familiares neste canal, identificando suas relações nas dimensões social, cultural e econômica e espacialização no município de Goiânia. Realizou-se pesquisa de campo com feirantes das 116 feiras livres cadastradas no município. Utilizou-se método qualitativo, com nuances quantitativo descritivo, os procedimentos pesquisa bibliográfica; pesquisa documental; pesquisa descritiva envolveu coleta de dados padronizados, com aplicação de questionários e técnicas de observação. Os resultados mostram que estabelecem num processo de economia das trocas simbólicas, interação entre si e demais atores, numa troca entre capitais simbólicos, econômicos, sociais e culturais, mantêm seu modo de viver e, suas raízes e se movimentam comercialmente neste mercado a céu aberto, adequando-se às normas de funcionamento, espacialidade, temporalidades e territorialidades.

Palavras-chave: Canal de Comercialização; Agricultura Familiar; Mercado a Céu Aberto; Trocas Simbólicas.

ABSTRACT:

The objective of this research was to verify the effective participation of family owners in this channel, identifying their relationships in the social, cultural and economic dimensions and spatialization in the city of Goiânia. A field research was carried out with market vendors from the 116 free fairs registered in the municipality. A qualitative method was used, with descriptive quantitative nuances, the bibliographic research procedures; documentary research; descriptive research / field research involved the collection of standardized data, with the application of questionnaires and observation techniques. The results confirm the presence of family farmers in the free markets in Goiânia, their origin predominantly from rural Goiânia, followed by municipalities in the metropolitan region. The results displayed that establish in a process of economy of symbolic exchanges, interact with each other and other actors, in an exchange between open, economic, social and cultural symbolic capitals, maintain a way of life, maintain their roots and move commercially in this sky market, adapting to the rules of operation, spatiality, temporalities and territorialities.

Keywords: Marketing Channel; Family Farming; Open Market; Symbolic Exchanges.

INTRODUÇÃO

No Brasil é possível observar sinais de proximidade entre produtores rurais e consumidores nos mercados locais de feiras livres. Para Darolt, Lamine; Brandenburg (2013), esse fato se reflete no crescimento da comercialização em circuitos curtos. Para Ribeiro et al. (2003), esses circuitos curtos são espaços dinâmicos de comercialização, geração de renda e abastecimento ocorrendo semanalmente, distribuídos em diversos bairros, em tamanhos e dimensões variadas. As feiras livres brasileiras configuram um mercado varejista ao ar livre, encontraram-se em todas as feiras de Goiânia/GO, além de produtos alimentícios, utilitário, roupas e acessórios, com periodicidade semanal, consideradas serviço de utilidade pública que objetivam distribuição local de produtos alimentícios e básicos (Mascarenhas; Dolzani, 2008). Estudos realizados por Portilho; Castañeda (2011) revelam a existência de diferentes intermediações na rede de confiança estabelecida entre produtores e consumidores e, ainda percebe-se naqueles feirantes que também são produtores rurais, uma relação embasada no capital social, onde existe confiança, respeito e solidariedade recíprocos.

Diante do processo de modernização, os agricultores familiares, segundo Rambo, Pozzebom; Dentez (2019) foram pressionados a encontrar novos caminhos para produção agrícola e geração de renda. Frente a esta nova realidade, os canais curtos de comercialização assumem importante papel, pois passam a serem reconhecidos como importante categoria na promoção de novos usos do território rural. Estes canais refletem ações que emergem em meio ao complexo processo de exclusão da categoria e, afloram como uma alternativa viável, perante o modelo tradicional de tecnificação do espaço rural. Assim, surtem efeitos no desenvolvimento rural. Os autores exemplificam os novos usos do território rural por meio de mercados institucionais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), mas também das feiras livres de Chapecó/SC, onde é possível encontrar uso agrícola e não agrícola (como exemplo atividades de colhe pague, pesque pague e turismo rural) no espaço rural, o que potencializa o reconhecimento e fortalecimento da categoria, permitindo a diversificação produtiva e garantindo a geração de renda e emprego no meio rural.

As feiras livres sobrevivem à concorrência avassaladora dos supermercados pelas palavras, chamamento aos gritos, jocosidades ou até mesmo pelas pechinchas; oferecem credibilidade, que se sobrepõem ao código de barras impresso nos produtos. Tais

características fazem das feiras livres importantes ambientes de comercialização, capazes de ainda hoje atrair significativos números de consumidores (Morel et al., 2015). Neste ambiente existe a possibilidade de estreitar ou estabelecer relacionamentos entre produtor e consumidor final, em que o feirante identifica as necessidades e desejos dos clientes ao facilitar a aquisição das mercadorias (Azevedo; Faulin, 2005; Araújo; Ribeiro, 2018).

Cada feira apresenta características e mobilidades peculiares. Suas dinâmicas se transformam cotidianamente, e encontram-se atreladas a contradições e conflitos da sociedade. Pierri; Valente (2013) identifica que cada cidade possui suas feiras livres, e que estas trazem consigo diferenças; legítimas identidades próprias num ambiente democrático, onde os atores participantes, mesmo em classes sociais e culturais distintas, promovem cooperação mútua e favorecem sua permanência naquela determinada feira.

Ao analisar a importância de troca nas sociedades arcaicas, Mauss (2003) observou que essa atividade não se restringia apenas às trocas materiais; seu valor não superava o valor simbólico, sua constituição não se dava apenas pelo simples fato de haver circulação de bens, existiam ali pessoas, normas, palavras, festas. Sua importância é construída pelos atos de reciprocidade, numa tríade onde se encontram: dar, receber e retribuir, e não somente pelos bens trocados nas feiras.

Observaram Darolt, Lamine; Brandenburg (2013) e Salomão, Neri; Pereira (2020), que atualmente é possível identificar sinais de crescimento da comercialização de agricultores familiares em canais curtos. Ampararam-se nos resultados da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC), onde observaram evidentes sinais da presença de agricultores familiares nestes canais, indicando que nestes pontos as vendas diretas são maiores.

Segundo Maluf (2004), os mercados são considerados como resultado da construção social, de acordo com vínculos estabelecidos entre dois grupos. Sendo que o primeiro estabelece vínculo local e ou regional, relaciona-se com a produção, distribuição e consumo dos alimentos. O segundo grupo se encontra em ampla abrangência, alcançando esfera nacional e ou internacional e atuam diretamente com grandes cooperativas, redes de supermercados, corporações agroindustriais etc., e têm valorizado seus produtos, os quais trazem atributos diferenciados de qualidade; desta forma, surgem novas oportunidades de inserção no mercado e, muitas estas oportunidades são acessíveis aos agricultores familiares.

Aqueles que estão no campo, especialmente nas pequenas propriedades, vêm que as dificuldades e desafios para sobrevivência são maiores, pois mesmo que desempenhem importante papel na economia brasileira, não possuem auxílio financeiro para aplicar nas atividades agrícolas. Desta forma, tornam-se estrategistas, buscam incessantemente mecanismos que garantam sua permanência no campo (Wilkinson, 1999). Utilizam ferramentas geradoras de autonomia nos processos produtivos, agregam valor aos produtos e serviços, estabelecem dinâmicas que os tornam capazes de se inserir e estabelecer nos mercados existentes fora da porteira.

Ao observar as dinâmicas das feiras de orgânicos em relação às feiras convencionais de Campinas/São Paulo/Brasil, Ueno et al. (2015) conseguiram divisar pontos positivos e negativos na dinâmica de desenvolvimento entre ambas as modalidades e modo de produção, conforme apresenta a Quadro 1.

Quadro 1 – Demonstração dos pontos positivos e negativos entre feiras de orgânicos e feiras convencionais e modo de produção, no município de Campinas/São Paulo/Brasil.

Feiras de orgânicos		Feiras convencionais	
Pontos positivos	Pontos negativos	Pontos positivos	Pontos negativos
Confiança mútua entre produtores, feirantes e consumidores.	Desgaste físico pela redução nas horas dormidas.	Pode haver ou não elos de confiança entre feirante e consumidor.	Falta de infraestrutura específica e adequada para o setor (banheiros; segurança; estacionamento e deficiência na sinalização de trânsito; limpeza e coleta de lixo).
Comercializam produtos frescos, sem uso de agrotóxicos e pesticidas.	Faltam insumos apropriados, canais de comercialização, assistência técnica qualificada, há falhas no processo de logística.	Produtos e aromas são menos saborosos, reais, intensos e nutritivos.	Nem todos comercializam produtos frescos.
Produtos e aromas são mais saborosos, reais, intensos e nutritivos.	O tempo de produção é mais lento em função de não se utilizarem agrotóxicos.	Controlam a preparação da carga e descarga dos veículos e equipamentos úteis na condução das mercadorias.	O tempo de produção é mais rápido em função de utilizar agrotóxicos, alcançam alta produtividade.
Sistema de produção respeita o meio ambiente, preserva os recursos naturais e o alimento.	A produção pode ser dizimada por pragas.	Trabalham por conta própria, determinam o planejamento das suas ações atuais e futuras.	Existem intermediários para aquisição das Frutas, legumes e verduras - FLV's e equipamentos necessários (sacolas, barracas e etc.)
Maior tempo de vida dos produtos.	Ações repetitivas de montar e desmontar barracas.	Trazem conhecimentos acumulados ao longo da vida.	Nem todos estabelecem trocas de experiência vividas, saberes, fazeres ou mantêm modo de vida.
Não existem intermediários para aquisição dos produtos.	Existência de poucas feiras.	Existência de muitas feiras.	Tempo de vida dos produtos variados.
Preço praticado dos produtos é justo.	Pouca divulgação dos horários e locais das feiras.	Existem inúmeras variedades de produtos expostos.	Desgaste físico pela redução nas horas dormidas

Trazem conhecimentos acumulados ao longo da vida, estabelecem trocas de experiência vividas, saberes, fazeres e mantêm modo de vida.	Produtividade é baixa.		Ações repetitivas de montar e desmontar barracas.
Traçam com facilidade diálogos entre ele e 'seu amigo' consumidor.	Variedade de produtos ainda é baixa.		Processo produtivo pode contaminar os recursos naturais.
Trabalham por conta própria, determinam o planejamento das suas ações atuais e futuras.	Ausência de Políticas Públicas.		Não são todos que traçam diálogos com os consumidores.
Estabelecem elos de fidelidade			Fragilidade no elo de fidelidade.
			Ausência Políticas Públicas.

Fonte: Ueno et al., 2015.

Goiânia foi planejada na década de 1930 para 50 mil habitantes. No entanto, na década de 1960, sofreu acelerado crescimento populacional, atingindo atualmente mais de um milhão de habitantes. O surgimento das feiras livres em Goiânia é bastante peculiar, pois diante da rápida ocupação, a sociedade se adaptou às mudanças ocorridas pela modernidade. As feiras livres goianienses sofreram os impactos, resistiram, persistiram, ajustaram-se à nova realidade. Inicialmente elas serviam como suporte no abastecimento para frentes de operários das obras de construção da nova capital.

No ano de 1946, surgiram feiras nos bairros pioneiros, especialmente Campinas, onde o crescimento da densidade demográfica foi causado por abrigar pessoas envolvidas na construção de Goiânia. Os produtos comercializados eram expostos em ranchos e transportados nos carros de bois, jegues ou cavalos. Inicialmente, surgiram por iniciativa do poder público; somente no final da década de 1940, surgem feiras espontâneas, sendo a primeira a feira da Rua 4, implantada por solicitação da população e apoiada pela administração pública, como ocorre atualmente. A partir da década de 1990, além das feiras já existentes, diversas novas feiras surgiram.

O fenômeno de resistência e sobrevivência de agricultores familiares em feiras livres na cidade de Goiânia é uma incógnita e, pela falta de relatos, se parece com as demais cidades Brasileiras. Sendo assim, a partir dessa curiosidade científica e do desejo de aprofundar estudos sobre a realidade atual dos agricultores familiares participarem deste canal de comercialização, buscou-se como objetivo investigar e certificar por meio

desta pesquisa sua participação neste nicho e, como objetivos específicos, conhecer suas relações nas dimensões sociais, culturais e econômicas.

METODOLOGIA

Goiânia, além de ser capital do Estado de Goiás/Brasil, encontra-se na Região Centro-Oeste (16°40'43" S e 49°15'14" W), com altitude de 749 m e área de 743 Km². É um dos 20 municípios componentes da Região Metropolitana, também denominada 'Região da Grande Goiânia'.

A Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Planejamento e Urbanismo (Seplam) dispõem de dados que apontam a existência de 641 bairros divididos em sete regiões administrativas, sendo: norte, centro, noroeste, sul, oeste, leste e sudoeste. Goiânia possui feiras livres distribuídas em diferentes bairros, com características diversas, apresenta-se como um vasto campo apropriado para pesquisa nesta área do conhecimento.

Nesta pesquisa, o universo analisado foram todas as 116 feiras livres cadastradas no município de Goiânia/GO, as quais ocorrem nos períodos da manhã e da noite. Este estudo tem como método, a pesquisa qualitativa, com aspectos da quantitativa descritiva. Sua natureza é básica e seus objetivos são descritivos. Os procedimentos são a pesquisa bibliográfica, que orienta por meio de materiais já publicados, um modelo teórico central, seguido por outros que sustentam ou contrapõem a proposta analisada e a pesquisa documental, que trouxe à luz do conhecimento, dispositivos legais orientadores sobre normas para o funcionamento das feiras livres goianienses, sendo repertório expressivo, o que deu-nos vasto campo para pesquisa, conforme orientam Boni; Quaresma (2005), Marconi; Lakatos (2003), Gil (2010) e Günter (2003).

Quanto aos objetivos, a pesquisa é descritiva, a qual envolveu coleta de dados, com a aplicação de questionários e técnicas de observação, assumindo desta forma caráter de levantamento. Realizou-se pesquisa de campo para captar vivências e experiências dos feirantes goianienses. Por se tratar de coleta de dados primários e, a fim de facilitar a compreensão de todo volume de informações, como também a movimentação existente, necessitou-se separar os atores em dois grupos distintos, doravante identificados como: feirantes agricultores familiares (FAF) e feirantes comerciantes (FC). O que facilitou na

identificação de suas singularidades e diferenças existentes. A pesquisa de campo compreendeu setembro de 2018 a março de 2019, e sua conclusão se deu em fevereiro de 2021, período que se apresenta numa nova e completamente diferente realidade; pois o planeta convive com a pandemia com corona vírus. O quê sugere novas pesquisas, observando como esse fator influenciou no dia a dia dos feirantes comerciantes e agricultores familiares.

A aplicação dos questionários e entrevistas ocorreu de acordo com orientações de Marconi; Lakatos (2003), isto é, somente foram aplicados entre aqueles feirantes que tinham idade acima de 18 anos e que, ao serem interpelados, aceitaram participar espontaneamente como voluntários nesta pesquisa. Antes de analisar os dados e interpretá-los, ocorreu à seleção, codificação e categorização daqueles que se relacionam. Finalmente, foi realizada a exposição factual daquilo que se investigou, analisou e interpretou, explicitando-os com precisão e clareza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados iniciais do levantamento documental indicaram haver em Goiânia 116 feiras livres cadastradas e mais seis em análise pela Prefeitura Municipal, que ocorrem todos os dias da semana, nos períodos diurno e noturno. Para implantação de uma feira livre, antes é necessário que haja manifestação da sociedade local, estudo de viabilidade, análise do trânsito e ambiental. Para participar das feiras livres, é necessário solicitar concessão na Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho, Ciência e Tecnologia (Sedetec), por meio da Diretoria de Abastecimento e Agricultura Familiar. Após cadastros aprovados, os feirantes devem se submeter aos trâmites legais, cumprindo normas de funcionamento, estabelecidas no Decreto nº 2.835, de 03 de dezembro de 2014 (Prefeitura de Goiânia, 2014).

Havendo vivências pautadas em dificuldades, ainda assim foram verificados fortes traços que apontaram para resistência dos feirantes e, mesmo que estes sucumbam, são capazes de manterem viva a esperança de sobrevivência da e na feira livre, pois estes são componentes fundamentais para sua existência no meio urbano, o que permite novas humanidades sociais, onde os atores são capazes de negociar, fazerem cálculos, trocos e

trocarem informações com consumidores e demais atores (Costa; Santos, 2016; Silva; Oliveira, 2015; Gonçalves; Abdala, 2013; Araújo, 2012).

Após aplicação do primeiro questionário, um dos resultados encontrados foi à identificação da faixa etária dos feirantes goianienses, onde o perfil apresentou diferenças de idade entre os dois grupos analisados. Observou-se que o desvio padrão da idade média dos feirantes comerciantes é maior, logo a idade destes varia mais entre si do que entre feirantes agricultores familiares. Para as feirantes agricultoras familiares, as idades estão mais próximas da média do que as feirantes comerciantes (Tabela 1).

Tabela 1: Demonstração dos indicadores etários dos feirantes comerciantes e agricultores familiares goianienses.

Indicador (idade)	FC* Masculino	FC* Feminino	FAF** Masculino	FAF** Feminino
Média	44,11	40,63	42,84	44,72
Desvio Padrão	15,05	13,65	13,50	9,30
Mínimo	19	18	17	28
Máximo	70	67	73	62
Amplitude	51	49	56	34

Fonte: Banco de dados da pesquisa de campo, 2019. *Feirante Comerciante e **Feirante Agricultor Familiar.

Existem fatores plausíveis que explicam a diferença etária entre as feirantes comerciantes, em relação aos demais feirantes. Este fenômeno pode ocorrer por haver maior evasão escolar – os homens evadem mais do que as mulheres; gravidez na adolescência ou fora do casamento, o que leva à busca pelo sustento; desigualdades e preconceitos étnicos ou de gênero; baixa renda média domiciliar; baixo índice de conclusão do ensino superior são elementos que levam jovens precocemente para inserção no mercado de trabalho assalariado de maneira precária ou mais comumente na esfera da informalidade. Percebeu-se também que a categoria ‘jovem’ compreende faixa etária entre 16 e 29 anos.

A inserção dos agricultores familiares nas feiras livres precede aos traços históricos que compõem sua origem, que são: plantar, cuidar, colher e vender em locais ou regiões próximas. Usualmente já têm família constituída e, unidos combinam atividades produtivas para viabilizarem renda familiar. Produzem para subsistência e comercializam os excedentes, utilizam caminhos de fácil acesso as feiras livres

estabelecem num determinado local importante papel social e afetivo, que também lhes dá ânimo para continuar na atividade, mantendo-se no meio rural.

Segundo Silva et al. (2014), pesquisas realizadas nas feiras livres dos municípios de São Pedro do Sul/RS e Santo Augusto/RS, indicaram média etária acima de 40 anos para os feirantes. Entrevistas realizadas por Silva et al. (2016) nas feiras das margens da BR-316, que liga Belém a Maceió, apresentaram 31,25% dos feirantes com idade entre 31 e 40 anos; 25% entre 21 e 30 anos; 18,75% até 20 anos e 18,75% com idade entre 41 e 50 anos. Durante análise da origem, tradição e rupturas nas feiras livres de Rio Largo, Souza et al. (2020) observaram que a média de idade entre feirantes é de 50,8 anos, sendo 58% dos feirantes do sexo feminino, que tem idade entre 31 e 45 anos, enquanto 42% do sexo masculino tem idade entre 46 a 60 anos.

Os resultados médios encontrados para ambos os grupos estudados nas feiras livres de Goiânia são similares aos relatados por Silva et al. (2014). Foi identificada nas feiras livres goianienses uma relação entre perfil etário, na faixa entre 20 e 45 anos, o tempo de participação como feirantes comerciantes, os dados indicam que esses estão presentes nas feiras livres há menos de 35 meses, o que demonstra uma saída do desemprego.

Na contemporaneidade, são percebidas: desigualdades de gênero e etnia – estrutura ocupacional marcada pela segregação feminina e diferencial de remuneração (Cotrim; Teixeira; Proni, 2020). Existem sinais que apontam reversão no ciclo econômico e queda na segregação ocupacional entre trabalhadores masculinos e femininos, apesar das heterogeneidades: níveis de escolaridade e discriminação na definição salarial, mas ainda poucos estudos refletem sobre o tema (Cotrim; Teixeira; Proni, 2020; Silveira; Leão, 2020). No contexto das feiras livres, não ficam evidentes atitudes que levem à situação de segregação, pois o consumidor ‘escolhe’ qual produto levará e a qualidade no atendimento, independente do gênero ou etnia do feirante.

Durante a pesquisa de campo, foi possível perceber que há uma relação no processo sucessório, especialmente ao ouvir depoimentos de alguns pais (feirantes), onde disseram que seus filhos (as) são preparados (as) para continuarem no futuro com ‘o negócio de família’, declararam ainda que essa atitude garante ‘um futuro melhor para eles (as)!’.

Alerta-nos Marin (2018) quanto ao cuidado sobre o enfrentamento do trabalho infantil, os pais agricultores familiares buscam garantir educação ao integrar seus filhos (as) nos processos de socialização, a fim de formar seus sucessores, uma vez que lhes são impostos por meio de dispositivos legais, critérios regulamentadores deste problema social. Observam Araújo; Ribeiro (2018) que existe revezamento no atendimento das bancas entre maridos e esposas, como também há participação dos filhos, para aprenderem o ofício. Esse revezamento também foi observado entre os feirantes goianienses, considerando o fato dos casais terem por hábito esta divisão de tarefas: tomar conta do atendimento e ou cuidar do caixa, dinamizando o atendimento e minimizando gastos extras com contratação de funcionários, favorecendo maior retenção de renda.

Observou-se que nas feiras livres de Goiânia/GO, 36% dos feirantes têm dois filhos. Este baixo percentual pode se relacionar aos fatores influenciadores que impactam diretamente na taxa de membros por família, como: inclusão da mulher no mercado de trabalho; campanhas para uso de anticoncepcivo ou alto custo de vida. Segundo estudos realizados pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA/Agência de Saúde Sexual e Reprodutiva da ONU, 2019), a fecundidade no Brasil sofreu acelerada queda nas últimas décadas, mantendo-se na média atual de 1,7 filhos por mulheres, porém seus índices são ainda maiores entre as mais pobres e negras, mostrando que as desigualdades entre educação e renda são muito impactantes.

Na pesquisa de Silva et al. (2014), famílias dos feirantes de São Pedro do Sul e Santo Augusto/RS são compostas por 3,59 pessoas. No trabalho de Dias et al. (2017), 45,24% das famílias dos feirantes de Januária/MG são formadas por duas pessoas, apesar de não ser relatado o número de filhos. Observam Gouveia et al. (2020) numa feira do município de Feira de Santana/BA, que em meio a barracas e tendas, existe um clima familiar; diferente dos outros comércios, ali encontram-se pais, avós e filhos que trabalham juntos; esse envolvimento familiar também foi observado nas feiras de Goiânia.

Durante a pesquisa de campo realizada nas feiras livres de Goiânia/GO, nos períodos matutino e noturno, foram entrevistados no total, 2.846 feirantes pertencentes às 116 feiras livres cadastradas pela Sedetec. Deste montante, 2.633 declararam-se feirantes comerciantes e avulsos (denominação aplicada aos participantes não cadastrados,

frequentadores esporádicos das feiras), e apenas 213 se declararam feirantes agricultores familiares.

A Tabela 2, expressa resultados da distribuição das feiras livres nas diferentes regiões da cidade, porcentagem de feiras observadas, população por região descrita pelo IBGE (2010) e o número de Agricultores Familiares.

Tabela 2. Distribuição das feiras livres, porcentagem de feira em relação ao total da população por região e número de agricultores familiares encontrados nas diferentes regiões de Goiânia/GO, Brasil.

Região Administrativa de Goiânia/GO	Número de Feiras	Porcentagem de Feiras (%)	População por região (Habitantes)*	Número de Agricultores Familiares**
Norte	11	9,48	146.677	13
Central	28	24,13	221.464	56
Noroeste	15	12,93	164.283	28
Sul	9	7,75	221.925	47
Oeste	10	8,62	152.184	22
Leste	16	13,79	172.436	23
Sudoeste	27	23,27	223.027	24
TOTAL	116	100	1,301,996	213

Fonte: Banco de dados da autora - Pesquisa de Campo, 2019. *Fonte: IBGE (2010). ** De um total 2.846 feirantes entrevistados.

Os resultados indicam que as regiões sudoeste e central de Goiânia apresentam maior número de feiras cadastradas sem repetição. Segundo Bernardes; Borges; Teixeira (2017), estas regiões reúnem os mais antigos e tradicionais bairros da capital, que pode ter relação com esse número o fato de haver contingente de famílias que trazem seus costumes e tradições. Os moradores dessas regiões guardam costumes, valores históricos e econômicos (Correa, 2010). De acordo com dados do IBGE (Censo, 2010), ambas as regiões possuem as maiores concentrações de habitantes com padrão social elevado, além de abrigarem pessoas das classes A e B, sendo possível também associar este fato ao maior número de feiras.

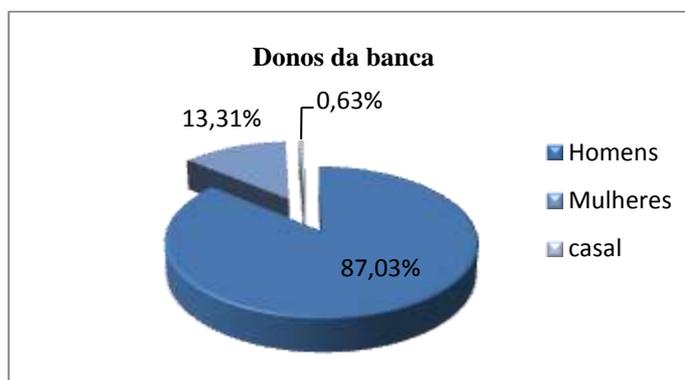
A Região Central é marcada por habitantes de padrão econômico vantajoso, com nível intelectual, recursos financeiros e culturais elevados. Segundo Moysés (2004), essas variáveis refletem diretamente na maior procura por alimentos nutritivos e frescos, o que favorece tanto os feirantes tradicionais, quanto a presença de agricultores familiares nas feiras livres. Constatou-se também na pesquisa de campo, que os feirantes goianienses, quando são agricultores familiares, vêm, em sua maioria, de propriedades localizadas na

zona rural de Goiânia, seguidos por aqueles que vêm do meio rural dos municípios da região metropolitana, principalmente de Trindade e Nerópolis.

Um dos fatores que se relaciona ao menor número de feiras em determinados bairros de Goiânia/GO, possivelmente pode ser devido à presença das redes de supermercados, que oferecem grande variedade de produtos hortifrutigranjeiros, segurança, ambiente climatizado, estacionamento e preços especiais, atraindo assim diversos clientes. Segundo Ramos et al. (2019), os supermercados oferecem preços especiais pelos hortifrutigranjeiros. Outros fatores, como densidade populacional, favorecem o número de feiras por região, como ocorre na Região Sudoeste, que é indicada pela Associação Comercial, Industrial e de Serviços do Estado de Goiás (ACIEG, 2017), como novo vetor ou centralidade de desenvolvimento de Goiânia. Essa região localiza-se próxima à microrregiões/bairros consolidados e adensados, onde há inserção de empreendimentos com elevado padrão social, além de sua regularização ter ocorrido antes da região sul, o que possibilitou haver maior número de cadastramento das feiras livres nesta região.

Existe o predomínio masculino nas feiras goianienses como responsável pelo cadastro da banca, as estimativas foram expostas na Figura 1. Ao analisar o perfil dos feirantes de Januária/MG, Dias et al. (2017) identificaram predomínio feminino, onde 30,95% são homens e 69,05% são mulheres. O perfil dos feirantes de São Pedro do Sul/RS e Santo Augusto/RS, analisados por Silva et al. (2014), é de 72,7% e 27,3% formada por homens, e 14,3% e 85,7% por mulheres, respectivamente.

Figura 1: Estimativa de participantes como responsáveis pela banca, nas feiras livres de Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2019.

Como ocorre em Goiânia, no interior do Espírito Santo, em Alegre, Nascimento et al. (2017) observaram maioria masculina nas feiras livres. Possivelmente esta desigualdade de gênero se deve em parte ao pensamento androcêntrico cravado num processo histórico cultural das sociedades (Gomes et al., 2016), que fizeram e fazem muitas mulheres se curvarem como cúmplices dessa ideologia discriminatória (Cotrim et al., 2020). Muitas rompem barreiras das desigualdades e enfrentam o árduo mercado de trabalho, buscam flexibilidade para compatibilizar suas múltiplas jornadas e encontram ponto de equilíbrio nas feiras livres entre o trabalho profissional e familiar.

Constata-se existência de proximidade no tempo de feira entre ambos os grupos de feirantes goianienses. Conforme demonstrado na Tabela 3, a participação se dá independentemente do número de bancas ou quantidade de feiras cadastradas. A maioria (1.779) apresentou períodos acima de 50 (cinquenta) até 250 (duzentos e cinquenta) meses e 4,46% ultrapassam 450 meses. Esse resultado pode ter relação direta com a flexibilidade de indicarem prepostos para ocupar seus lugares nas feiras livres. Amparados pelo Decreto nº 2.835, Art. 24, Cap. III (Prefeitura de Goiânia, 2014), efetivam processo sucessório dos responsáveis das bancas. Esse fato encontra correspondência na história de vida do filho de um feirante, que afirmou durante a pesquisa de campo: “continuamos com o negócio do pai!”.

Tabela 3 – Distribuição do tempo de permanência dos feirantes comerciantes e agricultores familiares, nas feiras livres de Goiânia.

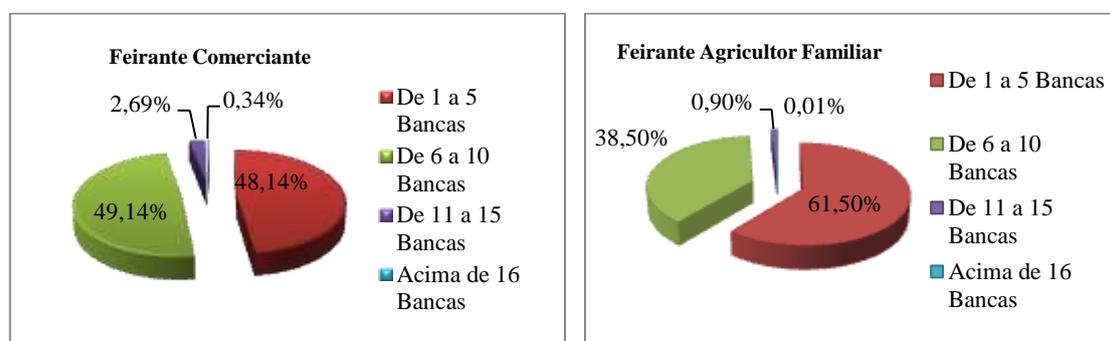
Tempo de feira (meses)	Tempo de feira, feirante comerciante (%)	Tempo de feira, feirante agricultor familiar (%)	Total Geral (%)
0 a 10	2,15	0,49	2,64
> 10 a 50	13,02	12,74	25,76
> 50 a 150	32,53	31,37	63,90
> 150 a 250	28,75	29,90	58,65
> 250 a 350	13,36	17,15	30,51
> 350 a 450	9,14	4,90	14,04
> 450	1,03	3,43	4,46

Fonte: Banco de dados da autora, Pesquisa de Campo, 2019.

A *Amherst Farmers*, feira de *Massachusetts*/Estados Unidos da América (EUA), existe há mais de 40 anos. Segundo Kessler (2015), alguns feirantes participam há 7 anos e outros 16 anos ou mais. Essa variação de tempo está relacionada com alta taxa de desemprego, baixa escolaridade, presença de imigrantes e negros.

De acordo com Decreto nº 2.835, as autorizações para atividade de feirante nas Feiras livres goianienses ficam limitadas a 01 (uma) participação por dia da semana (Prefeitura de Goiânia, 2014). Os dados apurados na pesquisa de campo (Figura 2 a e b) mostram variação no número de bancas distribuídas entre grupos pesquisados. A oscilação se relaciona com cadastramento feito por mais de um membro familiar, normalmente marido e mulher, possibilitando participarem das feiras diurnas e noturnas ou com duas bancas no mesmo período, garantindo maior apoio/segurança e geração de renda familiar, impactando positivamente o orçamento familiar.

Figura 2 a e b: Variações no número de bancas cadastradas por feirantes agricultores familiares e comerciantes, pela Prefeitura de Goiânia.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2019.

Estudos sobre mulheres em contextos rurais, segurança alimentar e nutricional, realizados em Francisco Beltrão/PR apontaram que 90% delas trabalham duas vezes por semana na feira livre e 20% um dia por semana (Loli; Lima; Silochi, 2020). O perfil socioeconômico de mulheres que trabalham nas feiras livres no Estado de Alagoas, segundo Costa et al. (2020), varia numa frequência mensal. Sendo que 16% frequentam cinco vezes ou mais, 43% quatro vezes, 4% três vezes, 12% duas vezes e 25% uma vez ao mês.

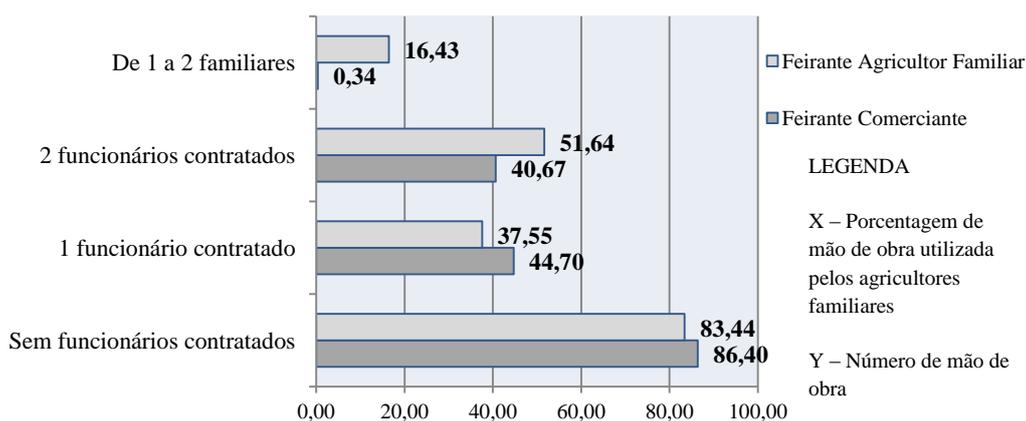
Relatos de feirantes durante a pesquisa realizada nas feiras livres goianienses sugerem que a variação do tempo de trabalho feminino relaciona-se com a maternidade, casamento, acúmulo de atividades, uso do tempo, dividindo-se entre trabalho formal e doméstico, enfrentamento dos preconceitos e conflitos, enquanto homens desempenham facilmente atividades produtivas em espaço público (Kessler, 2015; Loli; Lima; Silochi, 2020; Costa et al., 2020).

Ao caracterizar a produção agrícola e os feirantes agricultores familiares de São Lourenço do Sul/RS, Chuquillanque (2018) observou que a maioria participa tanto das atividades agrícolas na propriedade, quanto na feira com suas famílias. Em relação à mão de obra externa, somente 14,28% utilizam ajuda. De acordo com Sambuichi et al. (2014), são os próprios agricultores que montam e desmontam as barracas e mantém hábitos adquiridos por seus antecessores, visto que ali trabalham pais, irmãos e ou primos.

Nesse contexto, destaca-se a acolhida do núcleo familiar que enfrenta, resiste e se adapta à modernização dos meios produtivos e outras dimensões do trabalho. Ressaltam-se peculiaridades dos agricultores familiares: se organizam nas feiras livres, se adequam como fazem feirantes comerciantes, buscam a manutenção da vida familiar, neste ínterim afastam-se da formalização dos funcionários, que aceitos, prestam-lhes serviços como ‘diaristas’. Fundamentam esta atitude numa relação direta com desemprego e dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, submetendo-se à informalidade.

A Figura 3 apresenta, em percentual, a mão de obra (funcionários contratados e ou familiares) utilizada para o desenvolvimento das atividades diárias nas bancas das feiras livres goianienses, com repetição.

Figura 3: Mão de obra utilizada nas atividades diárias das bancas ocorridas em feiras livres goianienses.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2019.

Os resultados da pesquisa de campo, nas feiras livres de Goiânia/GO, demonstram que a grande maioria dos feirantes não utiliza mão de obra de terceiros e trabalham com poucos membros familiares.

Nas feiras livres de Goiânia, encontram-se grande variedade de frutas, verduras, legumes (FLV) e hortaliças, além dos embutidos, defumados, carnes, doces, ovos, castanhas, farinhas, café, remédios artesanais e outros mais. É possível perceber o somatório dos produtos mais vendidos pelos dois grupos de feirantes. Conforme a estação do ano é possível encontrar nas feiras livres goianienses, espécies típicas do Cerrado ou do Brasil, além daquelas espécies exóticas: pequi, baru, araticum, cajá-manga, mangaba, castanha do Brasil, pinhão, kiwi, pitaya, carambola, lichia e physalis.

Em São Lourenço do Sul/RS, Chuquillanque (2018) verificou-se que os produtos com maior saída são: batata, cebola, feijão, batata doce, bolachas e abóbora. As feirantes do Estado de Alagoas, segundo Costa et al. (2020), comercializam variedades de produtos, de acordo com características e disponibilidade nas áreas produtivas. Mas Kessler (2015) demonstra que na *Amherst Farmers Market*, feira de *Massachusetts*, EUA, os produtos mais vendidos são vegetais (tomate, abóbora e cebolas) e frutas.

Segundo Balem; Alves (2020), nas feiras de agricultores familiares em Júlio de Castilhos e Tupanciretã/RS, havia grande variedade de produtos, sendo os mais comercializados: abóbora verde, moranga, hortaliças (alface, rúcula, radiche, mostarda, agrião, couve, etc.), tempero verde, pepino, batata doce, mandioca com casca, tomate, cenoura, beterraba, repolho e ovos. Os resultados dessa pesquisa indicam que os produtos adquiridos nas diferentes feiras relatadas seguem padrão básico com repetição de muitos produtos relatados em Goiânia e a inclusão de outros, demonstrando características regionais das feiras.

No entanto, o consumo de FLV no Brasil ainda é baixo, apesar de haver campanhas incentivando consumo de alimentos nutritivos e frescos. Contudo, fatores como renda e escolaridade ligam-se ao maior ou menor consumo, ao passo que a melhoria na qualidade de vida favorece busca por tais produtos. As feiras livres garantem soberania na segurança alimentar, consumir FLV em quantidade e qualidade satisfatórias depende do status socioeconômico dos bairros em que as feiras inserem-se, conforme mencionam Claro; Monteiro (2010).

Os resultados indicaram que a origem dos produtos hortifrutigranjeiros comercializados pelos dois grupos de feirantes goianienses estão distribuídos nas seguintes proporções: 39,17% compram nos distribuidores fora da Central de Abastecimento de Goiás (Ceasa GO); 30,14% na Ceasa GO; 16,67% diretamente de

produtores rurais e 14,02% de outros fornecedores. O período que fazem as compras condiciona-se à perecibilidade do produto, podendo ocorrer na véspera ou dias anteriores à realização da feira. Os feirantes comerciantes e agricultores familiares seguem rotinas de horário da chegada e saída nas feiras diurnas e noturnas. Nas feiras diurnas, eles iniciam entre 04:43 e 04:52 horas e encerram em torno das 13:00 horas. Já nas noturnas, os feirantes chegam entre 16:26 e 16:31 horas e saem entre 21:43 a 22:01 horas.

Durante pesquisa de campo nos mercados de Rua de Porto Alegre e São Paulo/Brasil e, nos *marchés* de Paris/França, Vedana (2013) observou que todos os feirantes parisienses saem de casa por volta das 05:00 horas, vão eles mesmos fazerem suas compras do dia, após adquiridos os produtos frescos e saudáveis, seguem para o mercado ou feira livre, onde montam suas bancas e as comercializam. Nas feiras brasileiras, a autora observou que a maioria dos feirantes adquirem produtos na véspera ou em dias anteriores, dado que se assemelha ao observado em Goiânia.

Outros fatores devem ser considerados na rotina em ambos os grupos dos feirantes goianienses: muitos percorrerem longos caminhos entre suas casas ou das suas propriedades rurais até o local da feira. Chega antes do horário de funcionamento para estacionarem os veículos próximos de sua banca, como forma facilitadora entre a montagem, preparação dos produtos para exposição e desmontagem da banca; ampliam o tempo de 'asseio' (limpeza) da banca, para facilitar o acesso dos fregueses; se adequam à cultura e costume dos fregueses que frequentam feiras livres nas primeiras horas do dia, com o propósito de adquirirem FLV mais tenras. Destarte, estes fatores também são considerados influenciadores nos horários de chegada entre os dois grupos de feirantes.

Em observação espontânea, sobre locais de ocorrência das feiras livres de Goiânia/GO, percebeu-se que elas acontecem em ruas, avenidas, praças ou espaços cobertos. Segundo Fernandes Junior (2015) e Palmeira (2014), usualmente as feiras se adequam à poética urbana e seus contornos, elas se integram, acomodando-se entre alamedas, avenidas, ruas ou praças, que corriqueiramente assumem finalidade específica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados, foi possível investigar e certificar a existência de dois grupos de feirantes, um formado por homens e mulheres que vivem na cidade, adquirem produtos e os comercializam nas feiras livres de Goiânia/GO. Também foi possível constatar a real participação dos agricultores familiares nestas feiras livres, formados por homens e mulheres simples, vindos do campo para cidade, dispostos a comercializarem seus produtos. Eles vêm, em sua maioria, de propriedades localizadas na zona rural goianiense, ou do meio rural dos municípios da região metropolitana, principalmente: Trindade, Nerópolis, Guapó, Hidrolândia e Aparecida de Goiânia.

Instalados nas feiras, demonstram desenvoltura ao expor seus produtos, fazem questão de dizer que são eles mesmos quem os produzem. Negociam, fazem cálculos, trocam informações com consumidores e demais atores. Trazem consigo conhecimentos, cultura, tradições próprias que os caracterizam e os diferem dos demais, rompem barreiras e se inserem neste canal de mais fácil acesso, empoderam-se e são reconhecidos, garantem incremento na renda familiar, mantendo-a e promovendo direta e indiretamente o desenvolvimento no meio rural.

REFERÊNCIAS

ACIEG – Associação Comercial, Industrial e de Serviços do Estado de Goiás. **Região Sudoeste está na rota do crescimento imobiliário de Goiânia**. 2017. Disponível em: <https://www.acieg.com.br/noticias/624/regiao-sudoeste-esta-na-rota-do-crescimento-imobiliario>. Acesso em: 09 Jun. 2020.

ARAÚJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 300 - 327, 2018.

ARAÚJO, G. Aspectos sociais do cotidiano das feiras livres: um estudo etnográfico em território português e em solo brasileiro. Maringá Management. **Revista de Ciências Empresariais**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 49 – 64, 2012.

AZEVEDO, P. F.; FAULIN, E. J. Comercialização na agricultura familiar. In: SOUZA FILHO, H. M.; M. O. **Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos: Edufscar, 2005.

BALEM, T. A., ALVES, E. de O. A persistência das feiras de agricultores familiares em um cenário de “sojificação da sociedade”: elementos da realidade de Júlio de Castilhos e Tupanciretã/RS. **Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, v. 32, ed. esp., e2, p. 01 - 12, 2020.

BERNARDES, G. D.; BORGES, L. B.; TEIXEIRA, R. A. G. Repensando Goiânia da construção aos dias atuais. **Baru**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 4 - 24, 2017.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais. **Revista (Em Tese) Eletrônica dos Pós-Graduandos em sociologia Política da UFSC**. Florianópolis, v. 2, n 1, p. 68 – 80, 2005.

BRASIL. **Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em: 13 jun. 2020.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR – Idec. Disponível em: <http://idec.org.br>. Acesso em: 8 nov. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Município de Goiânia. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CORREA, E. A. Lugares centrais e lugares periféricos de Goiânia... **Geografia**, Londrina, v. 19, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

COSTA, J. H. de Q.; LIMA, J. R. B. de; SILVA, C. dos S.; ARAÚJO, R. G. V. de; SILVA, J. O. de L.; LIMA, A. K. X. de; SILVA, J. M. da; SANTOS, T. M. C. dos. Perfil socioeconômico de mulheres feirantes do Estado de Alagoas, Brasil: Liderança e empoderamento feminino camponês. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 14557-14578, 2020.

COSTA, M. R. da; SANTOS, D. M. dos. Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 653 – 665, 2016.

COTRIM, L. R.; TEIXEIRA, M. O.; PRONI, M. W. Desigualdades de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil. **Texto para Discussão: Unicamp**. IE, Campinas, n. 383, 2020.

CLARO, R. M.; MONTEIRO, C. A. Renda familiar, preço de alimentos e aquisição domiciliar de frutas e hortaliças no Brasil. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 44, n. 6, p.1014-20, 2010.

CHUQUILLANQUE, D. A.; PORTO, C. R. P.; STUMPF, M. T.; TRENTIN, G.; ROLON, A. S. Caracterização da produção agrícola e dos feirantes da agricultura familiar no município de São Lourenço do Sul-RS. **Geografia**, Rio Claro, v. 43, n. 2, p. 319-333, 2018.

DIAS, C. B. G.; PIMENTA, L. A.; MONT'ALVÃO, W. V.; QUEIROZ, T. G. de; QUEIROZ, T. G. Perfil dos comerciantes da feira livre do município de Januária, MG. In: XXI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, 2017, Januária - MG. **Anais...** Universidade do Vale do Paraíba, 2017.

DAROLT, M. R.; LAMINE, L.; BRANDEMBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 10, n 2, p. 8 – 13, 2013.

FERNANDES JUNIOR, J. V. M. Da feira de Mangaio aos pequenos negócios da atualidade: as dimensões da plataforma e relacionamento em empresas de artigos do vestuário e acessórios no Alto Oeste Potiguar. **Cadernos de Inovação em Pequenos Negócios: Comércio**. Sebrae, CNPq, Brasília, v. 3, n. 3, p. 112 – 125, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GONÇALVES, A. O.; ABDALA, M. C. Na banca do 'seu' Pedro é tudo mais gostoso: personalidade e sociabilidade na feira livre. **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. São Paulo/SP, v. 12, n. 1, p. 1 – 14, 2013.

GOMEZ, M.; LUCENA, E. A. R. M. de, MANDARINO, A. C. de S.; GOMBERG, E. Empoderamento da mulher através de feiras agroecológicas na cidade de Ilhéus, Bahia/Brasil. **Fórum Sociológico**, Lisboa, Série II, v. 29, n. 29, p. 65 – 73, 2016.

GOUVEIA, D. P. M.; AMORIM, R. da C.; LIMA, M.; SANTOS, S. F. dos; VALE, P. R. L. F. do; ALMEIDA, A. M. de. **Revista Multidisciplinar do Centro de Estudos e Pesquisa - CESP do ISP - Jean Piaget de Benguela/Angola**. Práticas dos cuidados das avós feirantes para com os netos doentes em Feira de Santana - Brasil. n. 1, p. 89 – 102, fev. 2020. Disponível em: <https://www.piagetbenguela.org/images/Multidisciplinar/Artigos/8%20REVISTA_CESP_BGA_Texto%207.pdf>. Acesso em: 10 de maio 2020.

GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário (série: **Planejamento de pesquisa nas Ciências Sociais**, nº 01). Brasília, DF: UNB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003. Disponível em: <http://www.psi-ambiental.net/pdf/01Questionario.pdf>. Acesso em: 10 fev. de 2020.

HEREDIA, B. M. A.; CINTRAO, R. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista NERA: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária** (UNESP), Presidente Prudente, v. 9, n. 8, p. 1-28, 2006.

IBGE. Projeções da população do Brasil e das Unidades da Federação. Disponível em: www.Ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock. Acesso em: 08 jul. 2020.

IPHAN. Goiânia. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/361>. Acesso em: 08 jun. 2020.

KESSLER, C. S. Jardinando a comunidade: sobre feira e produtos orgânicos em Massachusetts, nos Estados Unidos. In: OLIVEIRA, S. S.; DUTRA, M. R. P.; ZAINI, M. C. C. **Somos todas mulheres iguais: estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato**, São Paulo: Oikos, 2015. 118 p.

LOLI, D. A.; LIMA, R. de S.; SILOCHI, R. M. H. Q. Mulheres em Contextos Rurais e Segurança Alimentar e Nutricional. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 1-13. 2020.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 4, p. 72 – 87, 2008.

MALUF, R. S. Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. **Ensaio FEE**. 2004. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaio/article/viewArticle/2061>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed., São Paulo: Atlas, 2003.

MARIN, J. O. B. Pronaf Jovem: as disjunções entre o ideal e o real. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 58, n. 2, 2020.

_____. Infância rural e trabalho infantil: concepções em contexto de mudanças. **Desidades** [online], Rio de Janeiro, n. 21, pp. 46 – 58, 2018.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MOREL, A. P.; REZENDE, L. T.; SETTE, R. de S. Negócio feira livre: Análise discussão sob a perspectiva do feirante. **Revista Extensão Rural**, Santa Maria, v. 22, n. 4, p. 43 – 57, 2015.

MOYSÉS, A. **Goiânia: metrópole não planejada**. Goiânia: Editora UCG, 2004.

NASCIMENTO, M. R.; JAEGGI, M E. P. da C.; SALUCI, J C G.; GUIDINELLE, R. B.; ZACARIAS, A. J. Perfil dos Feirantes de Hortaliças do Município de Alegre – ES. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, n. 2, jan. 2017. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/21856>. Acesso em: 13 jun. 2020.

NETO, M. N. F.; CASTRO, J. L. de C.; QUEIROZ, A. M. G. de; NETO, R. G.; ALMEIDA, S. R. B. de. As causas da informalidade dos micros e pequenos empreendedores na perspectiva do profissional de contabilidade. **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, Pirassununga, v. 9, n. 9, p. 578-591, 2020.

ONU. ONU **mulheres apresenta agenda para acabar com desigualdade de gênero nas famílias**. Disponível em: nacoesunidas.org/onu-mulheres-apresenta-agenda-para-acabar-com-desigualdade-de-genero-nas-familias/. Acesso em: jul. 2020.

PALMEIRA, M. **Feira e mudança econômica**. Brasília: Vibrant, 2014.

PIERRI, M. C. Q., VALENTE, A. L. E. F. A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar. **Apresentação oral-Desenvolvimento rural, territorial e regional**. UNB, BRASÍLIA - DF – BRASIL, 2013.

PORTILHO, F.; CASTAÑEDA, M. Certificação de confiança face a face em feiras de produtos orgânicos. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 11 – 21, 2011.

RAMBO, A. G.; POZZEBOM, L.; DENTZ, E. V. Circuitos curtos de comercialização e novos usos do território: considerações sobre o pnae e as feiras livres. *Revista Grifos*, n. 46, p. 9 – 26, 2019.

RAMOS. C. P. Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local. **Gênero**, Niterói. v. 15, n. 1, p. 29-48, 2014.

RAMOS, C. I.; GIGANTE, D. P.; BENDER, E. G.; VALÉRIO, I. D. Feiras livres de Pelotas/RS: uma análise sob a perspectiva da segurança alimentar e nutricional. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p. 55 – 65, 2019.

RIBEIRO, E. M.; ÂNGULO, J. L. G.; NORONHA, A. B.; CASTRO, B. S.; GALIZONI, F. M.; CALIXTO, J. S.; SILVESTRE, L. H. A feira e o trabalho rural no Alto do Jequitinhonha: um estudo de caso em turmalina, Minas Gerais. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v. 5. n. 1, p. 1 – 20, 2003.

SALOMÃO, P. E. A.; NERY, I. P. & PEREIRA, J. M. Sustainability evaluation of livestock in rural properties in the municipality of Malacacheta. **Research, Society and Development**, Itabira, v. 9, n. 1, p. e152911858, 2020.

SAMBUICHI, R. H. R.; SILVA, A. P. M.; OLIVEIRA, M. A. C.; SAVIAN, M.; **Compras públicas sustentáveis e agricultura familiar**: a experiência do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Políticas agroambientais e sustentabilidade: desafios, oportunidades e lições aprendidas. Brasília, DF: IPEA, p. 75-104, 2014.

SILVA, G. P. da; PARIS, J. C.; SAMBORSKI, T.; DÖÖR, A. C. Perfil e percepções dos feirantes em relação à feira livre dos municípios de São Pedro do Sul (RS) e Santo Augusto /RS. **Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas- UFSM**, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 3203-3212, 2014.

SILVA, F. F. da; OLIVEIRA, R. M. de. É dia de Feira. In: OLIVEIRA, S. S.; DUTRA, M. R. P.; ZANINI, M. C. C. **Somos todas mulheres iguais**: estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato, São Paulo: Oikos, 2015. 118 p.

SILVA, M. L. A. da; SILVA, G. S. da; VELOZO, C. de O.; SILVA, W. F. N.; CONCEIÇÃO; G. M. da. Comercialização de frutos e subprodutos na feira livre da BR-316 sentido Caxias/MA a Timon/MA, Brasil. **Agrarian Academy**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 3, n. 6, p. 137 – 149, 2016.

SILVEIRA, L. S.; LEÃO, N. S. O impacto da segregação ocupacional por gênero e raça na desigualdade de renda no Brasil em três décadas (1986 – 2015). **RELAP: Revista Latinoamericana de Población**, Morelos (México), v. 14, n. 27, p. 41 – 76, 2020.

SOUZA, B. da S.; SANTOS, C. J. S.; SILVA, E. F. da.; SILVA, E. D. G. T. da.; SANTOS, K. T.; SILVA, M. P. da.; SANTOS, R. A. dos. Feira livre de Rio Largo/AL, Brasil: origem, tradição e rupturas. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema/AL v. 5, n. 1, p: 1007-1028, 2020.

UENO, V. A.; FAGUNDES, G. G.; HABIB, M. Análise comparativa entre feiras orgânicas e convencionais, no município de Campinas (SP). **Cadernos de Agroecologia**, [S. l.], v. 10, n. 3, Mai. 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/19848>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

VEDANA, V. Fazer feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, 2013.

WILKINSON, J. Cadeias produtivas para agricultura familiar. Lavras. **Revista de Administração**, Lavras, v. 1, n. 1, p. 34 – 41, 1999.

CAPÍTULO IV

De agricultor a feirante: guardiões das tradições, saberes e fazeres em feiras livres.

From farmer to marketer: guardians of traditions, knowledge and activities in open markets.

Du fermier au commerçant: gardiens des traditions, des savoirs et des activités sur les marchés ouverts.

Resumo

Feiras livres representam encontros de elementos que formam uma estrutura viva, sistematizados uns aos outros em dinâmica frenética, se constrói diariamente com trabalho de protagonistas que tecem laços socioeconômicos e sociabilidades, preservam a identidade local, a cultura e tradições. Neste contexto englobam e integra-se agricultura familiar, feira livre, desenvolvimento local e rural. Objetivou-se nesse estudo verificar a inserção de agricultores familiares nas feiras livres de Goiânia/GO e de modo específico, verificar suas relações sociais, culturais e econômicas. Delimitou a pesquisa por delinear procedimentos qualitativo e quantitativo descritivo. Os resultados confirmam a participação de agricultores familiares nas feiras livres goianienses, havendo neste meio, relações sociais, econômicas e culturais entre eles e demais atores. Conclui-se desta forma, que feiras livres representam campo fértil para agricultura familiar sendo promissora ao desenvolvimento rural e local.

Palavras-chave: Agricultura Familiar, Canais de Comercialização, Desenvolvimento Rural.

Abstract

Free fairs represent meetings of elements that form a living structure, systematized to each other in frantic dynamics, it is built daily with the work of protagonists who weave socioeconomic ties and sociability, preserving local identity, culture and traditions. In this context, family farming, open market, local and rural development are included and integrated. The objective of this study was to verify the insertion of family farmers in the open markets in Goiânia/GO and their social, cultural and economic relations. It delimited the research, outlining qualitative and quantitative descriptive procedures. The results confirm the participation of family farmers in the fairs in Goiás, with social, economic and cultural relations between them and other actors. It is concluded in this way, that open markets represent a fertile field for family farming, being promising for rural and local development.

Keywords: Family Farming, Marketing Channels, Rural Development.

Resumé

Les foires libres représentent des rencontres d'éléments qui forment une structure vivante, systématisée les uns aux autres dans une dynamique effrénée, elle se construit au quotidien avec le travail de protagonistes qui tissent des liens socio-économiques et de la sociabilité, préservant l'identité, la culture et les traditions locales. Dans ce contexte, l'agriculture familiale, le marché libre, le développement local et rural sont inclus et intégrés. L'objectif de cette étude était de vérifier l'insertion des agriculteurs familiaux dans les marchés ouverts de Goiânia/GO et leurs relations sociales, culturelles et économiques. Il a délimité la recherche par décrivant des procédures descriptives qualitatives et quantitatives. Les résultats confirment la participation des agriculteurs familiaux aux foires de Goiás, avec des relations sociales, économiques et culturelles entre eux et d'autres acteurs. On en conclut ainsi que les marchés ouverts représentent un terrain fertile pour l'agriculture familiale, prometteur pour le développement rural et local.

Mots clés: agriculture familiale, circuits de commercialisation, développement rural.

INTRODUÇÃO

Na Europa, de um modo geral, as feiras livres são bem organizadas, os produtos e objetos variados são expostos de forma harmoniosa, variando de acordo com a estação do ano. É comum a presença dos agricultores que comercializam sua produção, mas existem também aqueles feirantes que compram produtos nas centrais de abastecimento como nos *marchés* de Paris, ou nos mercados de Rua em Barcelona/ES e Porto/PT (Ferreira; Sá, 2020; Vedana, 2013). Nos *farmers markets* de Londres é possível encontrar feirantes que vendem produtos diretamente do produtor, ou de sua produção, para os consumidores (Zuccas, Calil; Calil, 2016). Na África, segundo a *Ruaf Foundation* (2014), existem diversos estudos sobre agricultura urbana, a qual garante subsistência e soberania alimentar, sendo que parte desta produção é comercializada em feiras livres, como em *Kumasi* - Gana, uma grande feira que ocupa várias ruas e bairros da cidade, os pontos de venda estão por toda parte, dentro e fora das casas e se distribuem por setores (área de carne, frutas, verduras, os artesanatos e manufaturados).

As feiras livres sinalizam os efeitos da economia, seus reflexos são sentidos imediatamente, mesmo sendo atividade com forte apelo à dinâmica econômica com ocorrência em curto período de tempo e a céu aberto, seus atores articulam-se e criam mecanismos para resistirem e manterem sua essência, tradição, cultura e os aspectos socioeconômicos.

Com a expansão marítima, a proposta de feiras livres desembarcou com os imigrantes europeus em terras brasileiras. Desse período até os dias atuais, tornou-se um fenômeno, que resiste e reafirma essa tradição, com capilaridade apropriada e se adequa aos espaços urbanos. Na contemporaneidade, elas estão presentes em diversas cidades brasileiras, impulsionando práticas de trabalho. Configuram como importantes lugares, onde se produz saberes e fazeres. Cada feira trás particularidades, sendo plural, encontra-se em constante movimento. Exerce importante função na segurança alimentar da comunidade onde se insere e contribuem para o fortalecimento da economia local (Mascarenhas; Dolzani, 2008; Lucena; Cruz, 2011; Souza, 2015).

Na região Nordeste do Brasil, existem mercados permissionários, que reúnem pequenos produtores em local construído, onde são comercializados produtos variados, vindos da sociobiodiversidade e artesanatos (redes, cerâmicas), ocorrem pela manhã.

Nesta Região, comumente os feirantes se deslocam entre os municípios e não entre bairros (Azevedo; Nunes, 2013; Costa et al., 2020).

Na região Norte existe feiras portuárias, que têm como principais produtos os pescados. Encontram-se também os condimentos, verduras, frutas e objetos variados e, nas regiões administrativas das cidades, essas são chamadas feiras volantes ou itinerantes. Nelas são expostos produtos típicos da região e, ocorrem entre as ruas, travessas, avenidas, rodovias, praças e até em *shoppings*. Muitas ocorrem no início da manhã e seguem ininterruptas até início da noite. Na região Sudeste, as feiras apresentam grande diversidade de produtos, existem aquelas feiras compostas exclusivamente por produtores rurais, sejam de orgânicos ou não e, aquelas mistas (produtores rurais e revendedores). Nas capitais são bem organizadas, setorizadas e limpas, ocorrem de madrugada até o começo da tarde ou, durante a noite. No interior de Minas Gerais, especialmente naqueles municípios menos desenvolvidos, os agricultores familiares deslocam-se uma vez por semana aos centros urbanos para comercializarem o excedente da produção (Dupin, 2020; Araújo; Ribeiro, 2018; Pereira, Brito; Pereira, 2017; Vedana, 2013).

Na região Sul, as feiras ocorrem em locais fixos, praças, ruas arborizadas e tranquilas ou em pavilhões de cooperativas. Nestas, além de comercializarem produtos oriundos da agricultura familiar e os orgânicos, são também abertos espaços para comercialização dos produtos coloniais. Sua ocorrência se dá preferencialmente pelas manhãs (Chuquillanque et al. 2018; Cielo; Zanine, 2015; Vedana, 2013). Na região Centro-Oeste, existe grande contingente de produtos hortifrutigranjeiros, as feiras livres são organizadas, fiscalizadas por órgãos municipais, ocorrem principalmente nos centros urbanos de maior porte, podendo se instalar em ruas, avenidas, mercados municipais e praças e acontecem nos períodos noturno e diurno (Bezerra; Schlindwein, 2017).

Os habitantes de Goiás têm suas tradições e costumes que lhes são próprios, como o hábito de frequentar feiras livres, levar produtos frescos ou aqueles típicos da região, como o pequi, a guariroba, o frango caipira e a pimenta de cheiro. Com esses produtos são preparados pratos tradicionais, como arroz com pequi ou galinhada, sempre acompanhados do molho de guariroba com açafrão do campo. Estes costumes permanecem vivos, mas ao longo do tempo novas influências vêm sendo agregadas, trazidas de outros costumes, por isso é possível encontrar pinhão, massa de tapioca, castanha do Brasil, manteiga de garrafa ou queijo coalho nas feiras livres. Isto se deve

pela presença de habitantes de outros Estados brasileiros, que trazem seus costumes agregando-os aos da população local. O contingente destes migrantes se aproxima de 28% do total da população goiana, que alcançou aproximadamente 7.018.354 habitantes (IBGE, 2020).

Este é um canal de comercialização, que favorece indiretamente o incremento da renda no comércio local e diretamente a renda familiar dos produtores de alimentos. Os agricultores familiares, ao longo do tempo esbarraram em dificuldades de acesso às linhas de crédito para investirem em sistemas de produção diversificados. Imploram por políticas públicas adequadas aos pequenos empreendimentos, para não sucumbirem, e estão distanciados das grandes cadeias produtivas, como mencionam Sambuichi et al. (2016), Santos; John (2018).

É importante salientar que a feira livre, segundo relato de Pereira, Brito; Pereira (2017), representa um importante instrumento capaz de impulsionar a agricultura familiar e o desenvolvimento rural, apesar de competirem com mercados varejistas, ainda são capazes de ultrapassar o tempo e persistirem até os dias atuais, impondo sua importância econômica, social e cultural. Para Salomão, Neri; Pereira (2020), ao se inserirem na urbanidade contemporânea, com sua resistência e resiliência, os agricultores familiares conseguem gerar renda, se manter e se adequar à nova função.

Para compreender o que representa a agricultura familiar, é preciso saber que essa categoria ultrapassa os limites do simples conceito; pois como mencionam Arruda; Araújo (2019) trata-se de um conjunto de pessoas que possuem modo particular de convivência, seja social, cultural, ambiental e econômico, suas práticas agrícolas ou pecuárias são executadas pela base familiar nos seus estabelecimentos rurais, que vez ou outra se avizinham aos centros urbanos.

Sua importância toma proporções ainda maiores e é reconhecida pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura (FAO, 2019), como possuidora de dinâmicas e características distintas, pois, “nela, a gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda”. E o agricultor familiar, menciona Brito (2016), tem uma cumplicidade com a terra, com seu local de trabalho e sua moradia. Possuem capacidade de diversificação produtiva, mesmo faltando-lhes apoio político e linhas de crédito específicas, que sustentem iniciativas para sistemas de produção diversificados, segundo observa Sambuichi et al. (2016).

Diante das inúmeras possibilidades de trabalho existentes no contexto das feiras livres existentes em Goiânia e identificando que nos municípios de seu entorno, há grande quantidade de pequenos produtores e, por não haver estudos detalhados neste contexto, sucedeu realizar esta pesquisa em todas as feiras livres de Goiânia, cadastradas. O local escolhido expressa grande significado por ser a capital do Estado de Goiás e fazer parte da região metropolitana, a qual é composta por 20 municípios. Alguns destes municípios se conurbam com Goiânia, como é o caso de Trindade, Aparecida de Goiânia, Santo Antônio de Goiás e Senador Canedo, sendo a proximidade um fator que facilita o acesso dos cidadãos circunvizinhos para comercializar, usufruir, transitar e adentrar nos bairros das regiões desta capital com plena facilidade.

Vale ressaltar que, apesar de ser uma cidade, com apenas 87 (oitenta e sete) anos, Goiânia possui aproximadamente 1.516.113 habitantes, e a grande Goiânia possui 2.613.491 habitantes, conforme estimativa populacional apresentada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), o que demonstra a importância em conhecer a realidade da agricultura familiar no município.

Os dados coletados são dados primários e diante de grande oportunidade para compreender o trabalho dos feirantes goianienses, optou-se por realizar entrevistas com todos os feirantes distinguindo-os entre feirantes comerciantes e feirantes agricultores familiares. Isso feito buscou-se como objetivo geral, descobrir a efetiva participação dos agricultores familiares nas feiras livres de Goiânia/GO, e como objetivos específicos, compreender suas relações sociais, culturais e econômicas. De posse destas informações, será possível revelar o perfil destes feirantes, de um lado aquele que adquire produtos e os comercializa e, aqueles que corajosamente enfrentam nova realidade tão diversa da que vive no campo, onde produzem, preparam e trazem seus produtos, sem, contudo deixarem escondidas suas raízes, tradições, modo de viver e sua cultura.

METODOLOGIA

Por se tratar de aquisição de dados primários, aplicaram-se dois questionários, onde inicialmente teve-se uma visão geral da realidade dos feirantes comerciantes e agricultores, ao passo que no outro questionário, foi possível conhecer detalhes mais precisos, sobre questões econômicas, sociais, ambientais, culturais e processo produtivo

dos agricultores familiares. Após os dados serem coletados, se fez a análise e interpretação dos resultados, estes receberam tratamento da estatística descritiva. Para ilustrar determinados dados coletados, foram utilizados recursos de procedimentos, como as observações assimétricas, coleta documental (Marconi; Lakatos, 2003; Günter, 2003; Boni; Quaresma, 2005; Gil, 2010).

De posse dos dados quali-quantitativos descritivos nas feiras livres de Goiânia, foi possível produzir mapas e identificar a distribuição das feiras livres na cidade, o contingente de feirantes agricultores familiares e as feiras livres que pertencem, verificou-se a participação de agricultoras familiares cadastradas como donas da banca, as feiras que possuem agricultores familiares e de quais municípios se originam. Os dados foram tratados com o Software ArcGis 2.16 (32 bits), com projeção Universal Transversa de Mercator, Datum: Sirgas 2000/UTM zona 22S, utilizando base de dados do Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás, SIEG e Prefeitura de Goiânia.

Para distinguir as características e o perfil dos feirantes goianienses, decidiu-se separá-los, descrevendo-os doravante da seguinte forma: feirantes comerciantes (FC) para aqueles que revendem produtos como: frutas, legumes, vegetais, condimentos, doces, carnes etc. e feirantes agricultores familiares (FAF) aqueles que também são horticultores e vendem produtos oriundos da sua produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa bibliográfica permitiu embasar conceitos preexistentes que elucidaram o desenvolvimento daqueles estudos abordados nas temáticas aqui expressas, no período compreendido entre 2018 a 2020. Foram considerados também estudos, que demonstram significativo teor e relevância e auxiliaram a expressar e construir narrativas em perspectivas, que deram clareza e fluidez sobre a evolução do tema aqui proposto.

Agricultores familiares apropriando-se das feiras livres!

Narrando em prosa a agricultura familiar

A agricultura familiar é uma categoria que resiste e persiste ao longo do tempo. Existem diversos entendimentos e perspectivas teóricas utilizadas pelos pesquisadores. De acordo com os aspectos normativos estabelecidos pela Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, o agricultor familiar recebe uma definição política, que a partir de então passa a ser considerado como aquele que exerce atividades no meio rural, possui propriedade com dimensão de até quatro módulos fiscais, sua mão de obra deve vir da própria família e a renda familiar deve estar vinculada ao próprio estabelecimento, o qual é gerenciado pela própria família (MDA, 2019).

O conceito legal tem a função de definir enquadramentos sociais da categoria agricultor familiar. Mas, o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF), o mesclou com sua definição operacional, propondo desta forma um estereótipo daqueles beneficiários, segundo sua capacidade de atendimento, determinando critérios que devem ser seguidos pelos interessados em participar do programa.

Alguns destes critérios são: explorar a terra como parceiro, arrendatário, posseiro, proprietário ou concessionário do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA); residir na propriedade rural ou, considerar as características geográficas da região, em local próximo; possuir, no máximo, quatro módulos fiscais para a atividade agrícola ou pecuária; ter a mão de obra familiar predominante como a base do trabalho do seu estabelecimento; obter, pelo menos, 50% da renda familiar bruta da atividade do estabelecimento (agropecuária ou não agrícola); utilizar mão de obra de terceiros de acordo com a sazonalidade da produção, manter empregados permanentes apenas em número menor do que o de integrantes da família; ter renda bruta familiar de até R\$ 415 mil nos últimos 12 meses de produção, excluídos os benefícios previdenciários de atividades rurais e proventos vinculados (MDA, 2019).

A agricultura familiar também é analisada e conceituada como categoria social, sendo tratada como um fenômeno sendo considerada uma forma social, onde seus membros se inserem numa mesma propriedade rural, a qual normalmente possui pequenas extensões, todos trabalham juntos para garantir subsistência e com o excedente conseguem manter trocas ou os vende em feiras locais (Schneider, 2005).

Esta categoria representa um meio dinâmico de produção, e exerce significativa importância na manutenção nutricional e alimentar. Esta instiga diversos pesquisadores a

realizarem novos estudos, que subsidiem com elementos concretos reformas ou novas políticas públicas (Neves, Mendonça; Salomão, 2020).

A categoria ainda é considerada extremamente relevante na estrutura agrária nacional e na geração de empregos e ocupação (Aquino; Gazolla; Schneider, 2018), sendo uma categoria que contribui tanto para o desenvolvimento econômico, como na produção de alimentos destinados ao mercado doméstico. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação (FAO, 2019), essa relevância alcança o mundo, visto que, mais de 80% da comida mundial é produzida pelos agricultores familiares, no Brasil 70% dos alimentos que utilizamos são oriundos da agricultura familiar.

Bojanic (2017) afirma que a categoria responde por 33% do valor total da produção do meio rural. No Brasil os estabelecimentos agrícolas familiares representam 77%, mas adiantam Neves, Mendonça; Salomão (2020), que somente 23% da área agrícola são formadas por pequenas propriedades, que ocupam áreas menores, totalizando cerca de 80,89 milhões de hectares. Para permanecer com tal destaque, torna-se imprescindível, conforme dizem Arruda; Araújo (2019), que os processos de fortalecimento e valorização sejam contínuos, desenvolvidos por meio de um conjunto de fatores que permeiam aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos.

A agricultura familiar tem expressividade em diversas esferas da produção agrícola, mas aqui se destaca a importância na produção de hortaliças, o que corrobora com a afirmativa de Fernandes et al. (2015) ao dizerem que esta se dá, devido ao país possuir clima favorável para a olericultura. Com a atividade olerícola é possível, segundo Arêdes et al. (2014), que os agricultores familiares, desempenhem importante papel social e econômico no cenário nacional, pois proporciona geração de emprego e renda, minimiza o êxodo rural ao fixar o homem no campo, fortalece a categoria, auxilia na segurança alimentar e promove a diversificação da produção, além de se apresentar como atividade com forte potencial para o desenvolvimento regional.

Na contemporaneidade, de acordo com Arruda; Araújo (2019), os agricultores familiares buscam ampliar e tornar sua propriedade produtiva, assim encontram alternativas para escoarem sua produção e ou agregar valor aos seus produtos. Uma oportunidade encontrada pelos agricultores familiares, como relata Carneiro; Braga

(2020), são as experiências de venda direta ao consumidor nos circuitos de comercialização, constituindo uma rede mais adensada e com maior diversidade.

Narrativas sob a perspectiva das feiras livres...

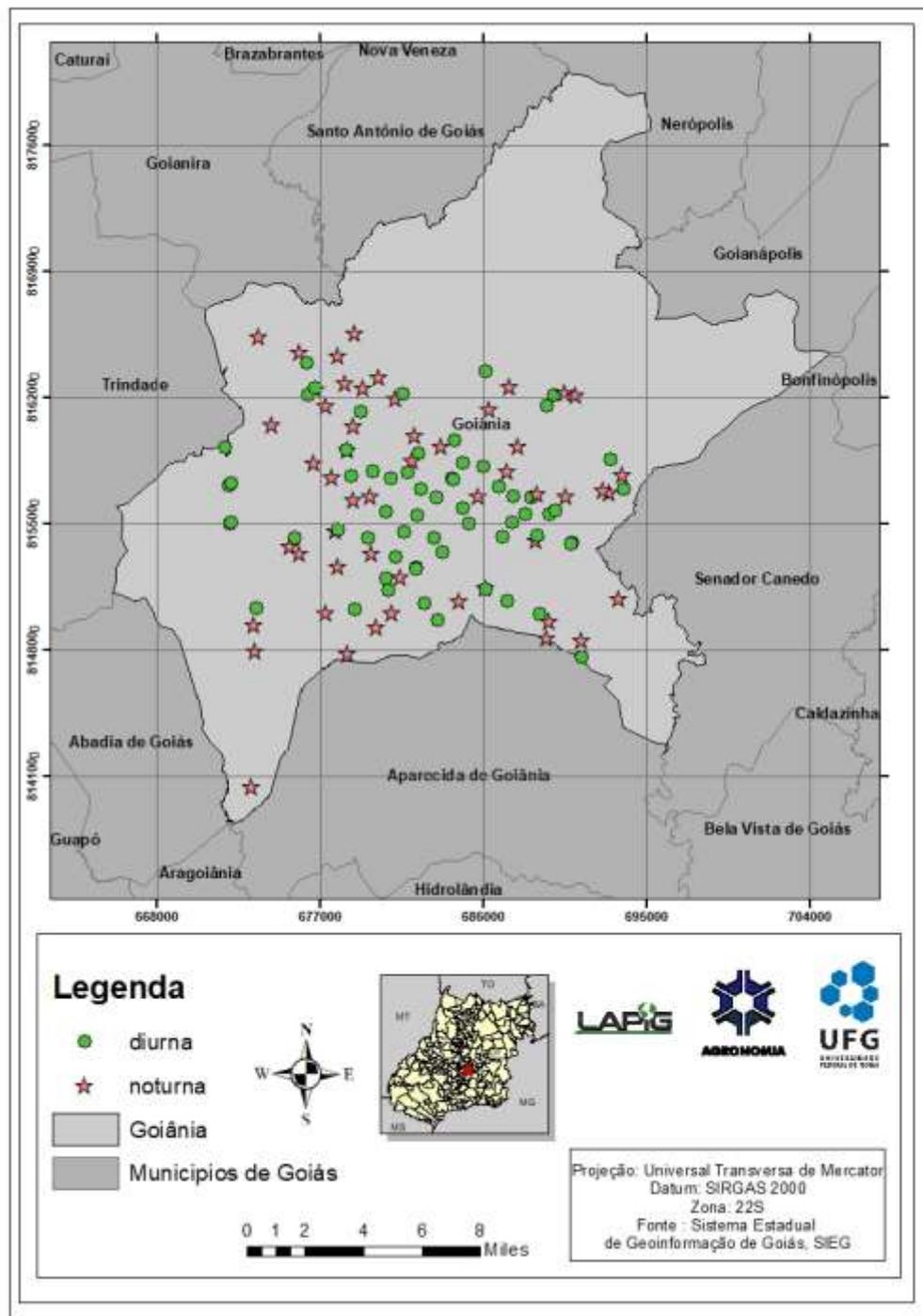
É crescente a procura por alimentos saudáveis e, de acordo com observações de Almeida et al. (2018), este fato ocorre a partir do despertar da população para prevenirem doenças ou como anseiam outros, pela busca da qualidade de vida. É fato, como afirmam Zandonadi et al. (2007), que uma das necessidades elementares do ser humano é a alimentação, a qual exerce influência direta na qualidade de vida, mantém, previne e ou restabelece a saúde. Mas para que isto aconteça, é necessário que o alimento “seja saudável, variado, sensorialmente agradável, em quantidade e qualidade correta e segura”.

Ao investigarem os consumidores e agricultores familiares dos municípios de Júlio de Castilhos e Tupanciretã/RS, Balem; Alves (2020) afirmam que um bom caminho para que haja resgate e manutenção da cultura alimentar são os mercados de circuito curtos, especialmente as feiras de agricultores. Enaltecem que além destas fornecerem alimentos, emprego e renda para os agricultores familiares, oferecem produtos de qualidade para os consumidores.

No início da urbanização de Goiânia/GO, além do espaço e tempo vividos, as feiras livres trouxeram e trazem ainda na atualidade, com novos contornos e pontos de feiras, totalizando 116 nas marcas que delimitam sua construção histórica. Enquanto arranjos espaciais, elas estão distribuídas nas ruas, praças ou espaços cobertos goianienses. Foram modificadas pelas ações humanas, mas mantêm suas relações sociais, culturais e econômicas, conforme corroboram Leotério et al. (2019). Em Goiânia/GO as feiras livres podem ser encontradas diariamente nos períodos da manhã e da noite, ocorrem nas sete regiões administrativas, a sua distribuição sem repetição se dá de maneira desigual nesta capital.

Inicialmente, com os dados de localização das feiras livres de Goiânia foi possível elaborar com a localização e o período do dia em que elas são realizadas (Figura 1). Nessa Figura é possível observar que o maior percentual das feiras ocorrem nas regiões sudoeste e centro e que a maioria 56,03%, ocorrem durante o período diurno.

Figura 1: Demonstração da adequação espacial das feiras livres cadastradas em Goiânia/GO, nos períodos diurno e noturno.



Fonte: Elaboração do Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento (Lapig/UFG), com base no Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás – SIEG, 2020.

Apesar de haver um número menor de mulheres em relação ao número total de feirantes homens em Goiânia/GO, este resultado demonstra haver a autoafirmação das mulheres, pois as feiras livres são um espaço de socialização, liderança, trocas simbólicas, geração de emprego e renda, além de empoderamento da mulher.

Liderança, organização e empoderamento feminino foram alvo da pesquisa de Costa et al. (2020) com mulheres feirantes de Alagoas. Com os resultados obtidos, os autores concluíram que elas passaram a ocupar espaços antes negados e ocultados sobre sua real participação. Provavelmente, tal processo também ocorreu nas feiras livres de Goiânia. Para Loli, Lima; Silochi (2020), as mulheres eram deixadas na retaguarda cumprindo atividades “menores”, vistas como ajuda. Atualmente é visível a conquista da sua autonomia pessoal, financeira e a capacidade de tomar suas próprias decisões, bem como as de sua família, se sentem cidadãs, estabelecem novos horizontes para si e sua família.

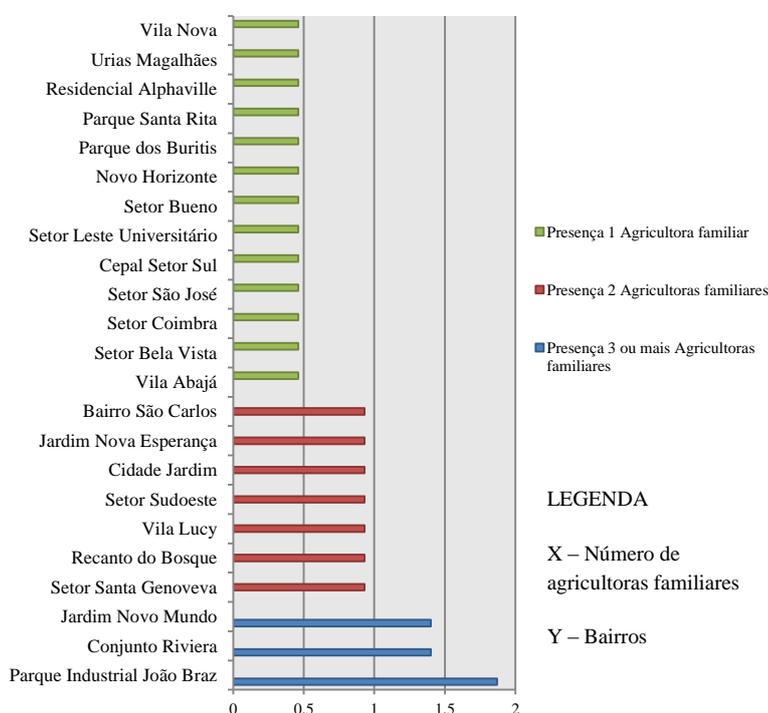
Segundo Paulilo (2016), os diferentes tipos de trabalhos podem ser qualificados por quem os executa; isto é, os trabalhos considerados leves, são aqueles normalmente destinados aos idosos, crianças e mulheres, os trabalhos pesados são direcionados principalmente aos homens que detêm maior força. O que vemos nestas colocações, é um emaranhado de situações que legitimam o poder patriarcal sobre a mulher (Figura 2).

Figura 2: Demonstração da participação de familiares nas feiras livres de Goiânia/GO, onde se percebem irmãos que auxiliam os pais na venda de frutas.



Foi possível perceber que os feirantes agricultores familiares das feiras livres de Goiânia/GO, procedem de diversos municípios, verificou-se que estes são preferencialmente oriundos da zona rural de Goiânia, seguidos pelos agricultores vindos dos municípios da região Metropolitana. Desta forma, pode-se dizer que a maior parte das hortaliças comercializadas nas feiras livres já referidas é produzida na zona rural do município de Goiânia/GO, além da participação dos agricultores familiares, a figura 3 demonstra a distribuição de agricultoras familiares nos bairros da cidade de Goiânia/GO.

Figura 3: Distribuição por escala de participação, das feirantes agricultoras familiares proprietárias das bancas, por bairros nas feiras livres em Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

Um provável motivo que pode levar à variação do número de mulheres em determinadas feiras, é o fato de os casais revelarem durante observações assimétricas, que cadastram cada um deles por feira, desta forma têm aumentadas as possibilidades de vendas e as margens de lucro, ao trabalhar próximas de seus esposos, as feirantes disseram que se sentem mais seguras. Outra situação mencionada, diz respeito ao momento que a agricultora está presente na feira e, seu esposo encontra-se trabalhando na horta ou nas entregas dos produtos ao comércio local. Observou-se que o maior número de agricultoras familiares concentra-se na Região Central de Goiânia, alguns fatores

podem influenciar nessa distribuição, como nível de escolaridade e renda dos consumidores, os quais apresentam menos preconceito de gênero e etnia, além da facilidade de acesso entre sua propriedade (feirante)/residência (consumidor) e o local da feira livre.

Várias são as observações feitas sobre a participação da mulher em trabalhos externos, no entanto, os autores deixam claro que muitas anseiam por novas perspectivas, mas poucas conseguem se desvencilhar da dependência financeira do cônjuge ou de seus pais. Necessitam ser valorizadas e empoderadas, procuram ocupar espaços antes negados, para a emancipação social. As feiras livres apresentam-se como lugares onde elas têm oportunidade de se socializarem e formarem novos laços, revelando-se por trás ‘daquele jaleco’, que são mulheres competentes, capazes de manterem a si mesmas e sua família (Figuras 4, a, b e c). (Loli; Lima; Silochi, 2020; Lima; Fontana, 2019; Bueno; Silva, 2020).

Figura 4 a: Participação de funcionários nas bancas das feiras livres de Goiânia/GO, limpando em torno da banca, facilitando acesso dos clientes.



Fonte: Acervo da autora, maio de 2020.

Figura 4 b: Participação de casal nas feiras livres de Goiânia/GO, onde a esposa organiza e dispõe frutas na banca, enquanto o esposo ocupa-se em atender os clientes.



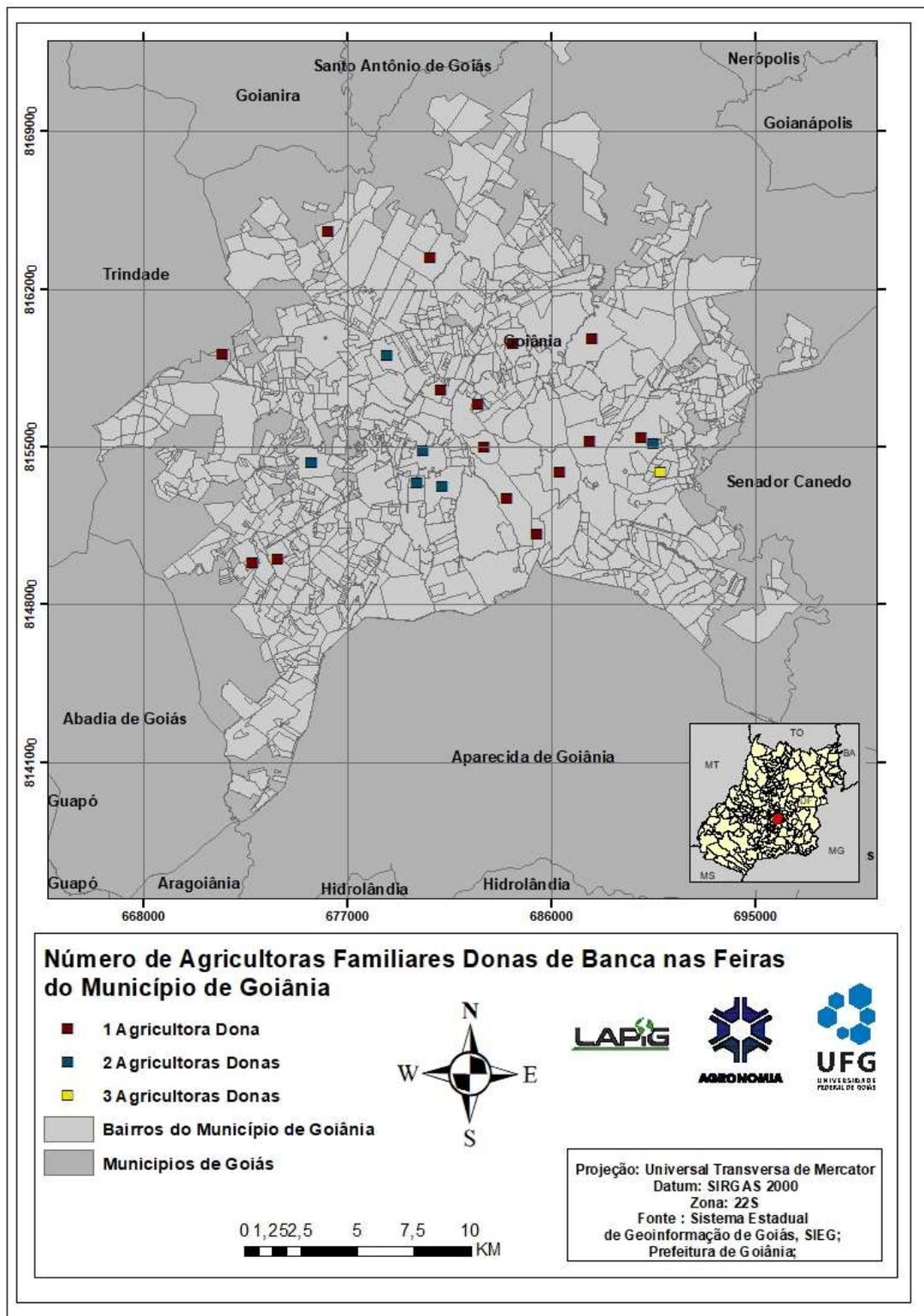
Fonte: Acervo da autora, maio de 2020.

Figura 4 c: Participação de casal nas feiras livres goianienses, onde dividem as tarefas: a esposa cuida do caixa e o marido do atendimento aos clientes.



Fonte: Acervo da autora, maio de 2020.

Figura 5: Distribuição da presença de mulheres feirantes e agricultoras familiares nos bairros de Goiânia/GO, onde ocorrem as feiras livres.



Fonte: Elaboração do Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento (Lapig/UFG), com base no Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás – SIEG, 2020.

Salienta-se, que nas feiras livres goianienses há aumento na participação feminina, rompendo desta forma um espaço onde há pouco tempo era dominado por feirantes masculinos. Não se alcançou o ideal para a força de trabalho feminina, mas, segundo Cotrim; Poni (2020), trata-se de um processo “historicamente marcado pela segregação feminina”, que paulatinamente vem mudando, nesta contemporaneidade onde o olhar feminino se abre para novas funções dentro da sociedade, surgindo novas possibilidades para sua ascensão financeira ‘desgarrada da via única do casamento’. A Constituição Federal, art. 5º, cap. I, assegura que haja igualdade entre os direitos e obrigações entre homens e mulheres. Entretanto, para Marines; Vilaca; Mufatto (2019), na vida prática o que prevalece é a sobrecarga de funções maternas e domésticas destinadas em grande parte exclusivamente às mulheres.

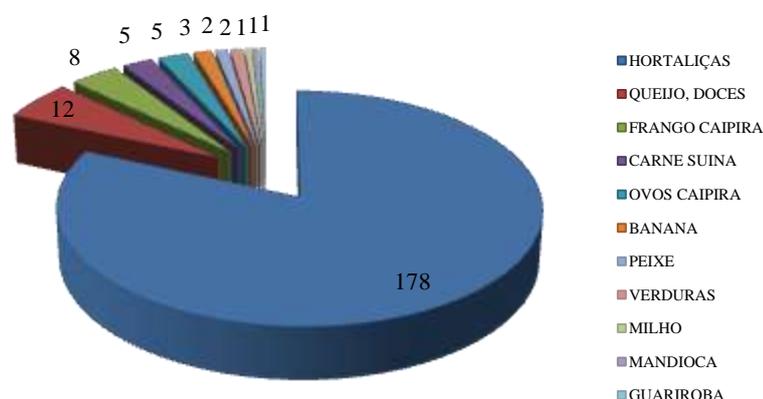
Vê-se um recente direcionamento de políticas públicas contemplando mulheres rurais, não apenas como beneficiárias, mas como responsáveis e atuantes no universo que vivem, dando-lhes o privilégio de serem cidadãs de direito e fato. Destaca-se existirem políticas públicas que diminuem tais diferenças, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que além de garantir segurança alimentar e nutricional, promove o acesso à alimentação e incentiva a agricultura familiar, uma vez que ‘disponibiliza 40% dos recursos para o gênero feminino’, auferindo destaque para agricultoras.

Inúmeros estudos mostram que tais fatores se relacionam diretamente ao fato de as agricultoras familiares se inserirem no mercado de trabalho fora das porteiras - especialmente nas feiras livres, elas conseguem ultrapassar a densa barreira imposta pela sociedade machista, rompem paradigmas que lhes são atribuídos como pessoas frágeis e submissas. Ao contrário, se mostram dispostas a inserir novas tecnologias e inovações no modo de produção, demonstram ainda possuir característica empreendedora, pois possibilitam novas oportunidades, não só por oferecer produtos diferenciados, como também atendem de um modo que facilita o acesso aos clientes e ou adentram em novos caminhos, como as vendas pelas redes sociais (Gualberto; Honorato, 2012; Marines; Vilaca; Mufatto, 2019; Chuquillanque, 2018; Farias et al., 2020; Loli; Lima; Silochi, 2020).

Ao pensar em produtos frescos, como frutas, legumes e verduras (FLV), uma referência que sempre sobressai perante as outras, são as feiras livres... “Vem freguesa, pega um, tá fresquinho!” É exatamente essa a ideia que se têm da feira: os produtos

comercializados sempre estão frescos, saudáveis, com preços atraentes e vindos diretamente do campo para cidade. Os resultados da pesquisa de campo demonstraram que aproximadamente 100% dos agricultores familiares produzem o que vendem e, que estes têm uma produção diversificada. Menos de 1% adquirem algum produto, para ‘incrementar’ a banca, como brócolis ninja ou tomate cereja, (Figura 6).

Figura 6: Demonstração do contingente de agricultores familiares em relação aos produtos produzidos e comercializados nas feiras livres de Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, 2020.

Fica evidente que, os alimentos mais comercializados pelos agricultores familiares são as hortaliças e, dentro deste universo, as variedades de alface são as mais demandadas pelos consumidores. Alguns fatores podem influenciar os feirantes agricultores familiares a optarem pela produção de hortícolas, pois é um sistema simples, apresenta facilidade na preparação, manejo do solo e tratos culturais; trata-se de uma atividade geradora de emprego e renda; agrega valor aos produtos; cultivar hortícolas favorece qualidade de vida à família, mesmo com produção cultivada em pequenas áreas; permite flexibilidade quanto à escolha de produtos a serem produzidos, balizada pelo perfil ou tendências de mercado, possibilita oferecer produtos diferenciados, com aspectos saudáveis e bons preços. Os demais cultivos ou atividades agropecuárias requerem maiores ciclos na produção e exigem gastos e despesas, com retorno pouco expressivo, sendo menos vantajoso, que as hortaliças.

Durante a pesquisa de campo, constatou-se que é comum neste ambiente plural o/a feirante dizer: “É bom plantar e criar uns bichos aqui... Umas coisinhas ali... Pra gente se manter e manter os nossos, né?”. Normalmente, os agricultores que praticam a diversidade na produção familiar e expõem seus produtos em feiras livres, mencionaram que sentiram dificuldades para ingressar nos mercados convencionais. E, em alguns casos, dizem que tem certo interesse pela nova tendência de mercado - os orgânicos, atividade que encontra em processo de aceitação e grande expansão (Breitenbach, 2018). As feiras livres acolhem os produtores rurais, para comercializarem sua produção ‘diretamente de suas lavouras’, atuando como importante instrumento do desenvolvimento rural, além de permitir que ali estejam representados num ambiente carregado de tradicionalidade e subjetividades (Chuquillanque, 2018).

É importante ressaltar a modernização e desprendimento dos agricultores familiares após passarem pelo processo de adaptação com ‘as lógicas de mercado no meio urbano’, uma vez que se deslocam de sua propriedade e desembarcam nos centros urbanos para comercializarem seus produtos (Cielo; Zanini, 2015). Esta análise coincide com as realidades encontradas nas feiras livres de Goiânia, sobre a inserção dos feirantes agricultores familiares e com os fatores que permitem sua inclusão nas feiras livres, como a possibilidade de escoamento da produção; permanência dos jovens da família no campo; geração de renda, qualidade de viver e independência da agricultora familiar.

Nas feiras livres goianienses, todos os entrevistados foram questionados sobre o destino comercial dado àquela parte da produção que não é encaminhada para comercialização na feira livre. Os resultados apontaram que 66,19% dos feirantes agricultores não dão outro destino comercial ao excedente da produção a não ser venda em feiras livres; 31,45% deles destinam parte da produção para venda a outros feirantes, 28,63% vendem direto ao consumidor e 19,24% para restaurantes (Figuras 7 a, b e c).

Figura 7 a, b e c: Participação de Feirantes Agricultores Familiares que comercializam produtos de produção própria, nas feiras livres de Goiânia/GO, onde o excedente destes receberá outro destino de comercialização.



A – Hortícolas harmoniosamente distribuídas.



B – Exposição de grande volume de hortaliças para serem comercializadas por consumidores diretos, ou revendidas para outros feirantes ao término da feira



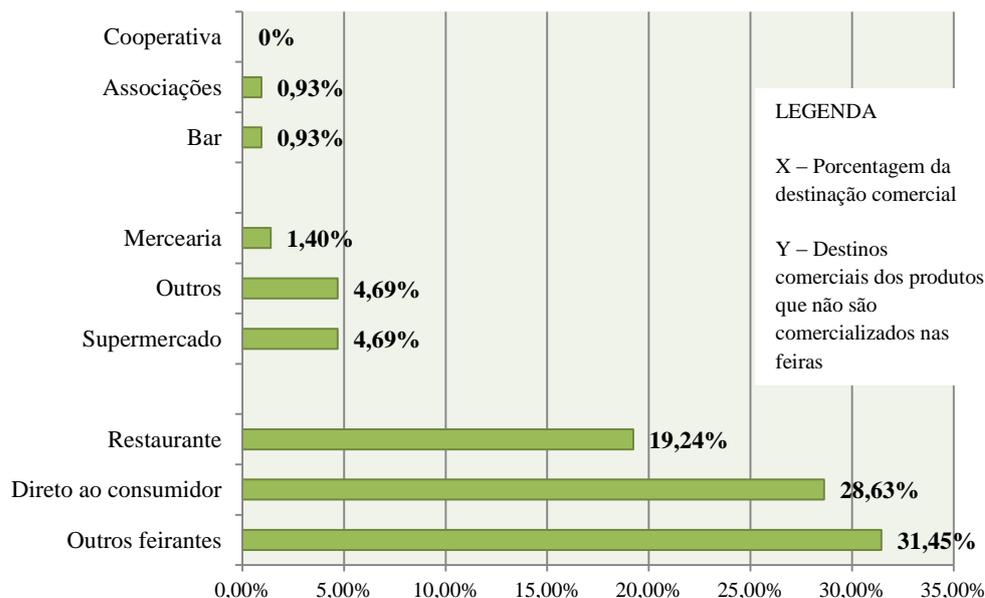
C – Feirante utiliza aspersor manual, para umedecer as folhosas, evitando que desidratem e sofram com o murchamento.

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2020.

Ressalta-se que alguns feirantes mencionaram que comercializam para dois ou mais destinos, além das feiras livres. Não existem relatos por outros autores sobre o destino comercial dado pelos feirantes à produção que não seja a feira livre. No entanto, Araújo; Ribeiro (2017); Lima; Fontana (2019) relatam que os excedentes podem ser destinados ao autoconsumo, à alimentação animal ou comercializados nos estabelecimentos urbanos locais. Existem fatores que justificam essa inserção em novos mercados; pois, uma vez na feira livre sua produção é exposta numa espécie de ‘vitrine’.

Após ‘quebrar o gelo’, por comercializarem no centro urbano, os feirantes agricultores familiares visualizam novas oportunidades frente aos muitos comerciantes locais ou mesmo outros feirantes, que ali vão à busca de qualidade, quantidade e preços acessíveis. Desta forma a visão empreendedora do agricultor familiar se abre e alcança novas formas de incremento na renda, se adequam ao utilizar novas técnicas e inovações na produção, melhoram o transporte, a acomodação e armazenamento dos produtos para não comprometer o aspecto sensorial, garantindo boas e constantes vendas, evitando assim perdas e desperdícios, (Galian et al., 2016; Santos et al., 2020). Figura 8.

Figura 8: Destinação comercial dado pelos feirantes agricultores familiares à produção que não é encaminhada à venda nas feiras livres, Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

Ao serem abordados sobre a forma de preparo dos produtos levados às feiras livres de Goiânia/GO, observou-se que a maioria dos feirantes segue procedimento padrão. Para melhor compreensão serão expostas as formas de preparo dos três produtos de maior incidência nas bancas de feirantes agricultores familiares, distribuindo-os nos blocos, a seguir:

“Olha o pequi! Pequi com frango caipira! É dois por 10!”

1 -Aves caipiras: Os feirantes agricultores familiares informaram que utilizam sistema caipira de produção com linhagens de crescimento lento; se preocupam com a sanidade do animal e bem estar das aves; oferecem ração e vacinas; adotam tecnologias de produção, mantêm controle administrativo e logístico da produção. Informaram que seguem as orientações da ABNT NBR 16389: 2015/Avicultura, onde estão especificados os requisitos para produção primária do frango caipira criado no sistema semiextensivo. Separam as aves de corte das poedeiras; abatem, utilizam depenadeiras, fazem à evisceração, toailete, sapecagem, embalam, refrigeram e/ou congelam e todos os entrevistados afirmaram que recebem ajuda familiar.

Parte dos feirantes agricultores familiares (25%) que comercializam frangos e ovos, nas feiras livres de Goiânia/GO, possui o Serviço de Inspeção Municipal (S. I. M.), que concede autonomia para comercialização dos produtos dentro do município, os

demais feirantes, segundo eles, o processo se encontra em análise. Não foram encontrados estudos por outros autores sobre a venda informal de frangos caipiras em feiras livres. No entanto, as afirmativas de Gêmero et al. (2020) coincidem com os resultados encontrados entre feirantes agricultores familiares goianienses. Ao analisarem as práticas dos sistemas avícolas nos assentamentos rurais da região central do Estado de São Paulo, os autores observaram que a demanda por produtos oriundos de sistemas agroecológicos, encontram-se em crescimento exponencial.

Nos ambientes analisados, parte da produção destina-se ao autoconsumo e o excedente à comercialização – este caminho se revela passível para o desenvolvimento sustentável da atividade, em função de suas características, como: diversidade de estratégias produtivas, respeito e bem estar às aves, integração dos subsistemas no lote. Afirmam ainda que sistemas caipiras se caracterizam por facilitar a entrada destes agricultores nos processos de transição agroecológica da produção de aves. Um dos fatores mais preponderantes para que os consumidores goianienses sintam-se influenciados pela escolha deste produto, diz respeito ao paladar, ao ser manipulado, resgata-se um ‘patrimônio’ imaterial da culinária tradicional goiana. Outros fatores, relatados por Gêmero et al. (2020); Cruz (2020); Loli, Lima, Silochi (2020), corroboram na escolha do produto, como a mudança de hábitos alimentares e a busca por produtos saudáveis e de qualidade; maior acesso a informação; resgate de memórias gustativas e afetivas, facilidade de acesso etc.

“Olha o queijo, olha o queijo, olha o queijo!”

2 - Produção artesanal de queijos: Durante a pesquisa de campo, observou-se que feirantes agricultores familiares que comercializam queijos artesanais, possuem nas bancas basicamente queijos frescos, meia cura e queijo curado ralado. A produção é própria, contando apenas com ajuda de familiares durante o processo de produção. Relataram que criam e cuidam de poucos animais, observam os aspectos sanitários, de manejo e da ordenha. Informaram não receberem assistência técnica, nem linhas de crédito. Disseram que o processo de produção é simples, e ultrapassa gerações.

De acordo com observação assimétrica, a produção consiste nas seguintes etapas: após ordenhados, os animais são soltos no pasto; leva-se o leite para ser coado, posteriormente insere-se o coalho (industrial), aguarda a coagulação da massa, que deve ser cortada em cubos harmoniosos, ‘espreme’ para extrair o soro e ‘enforma’, o feirante

sinaliza com movimentos e gestos, expressa que tais ações são para massa ‘firmar’; isto é, utiliza-se uma prensa contra a massa, forçando a fixação na forma o que lhe dá o formato com contorno conhecido, ao mesmo tempo o soro vai sendo extraído, este produto - soro, normalmente é destinado a alimentação animal; por fim, as peças são salgadas.

Nenhum dos entrevistados possui registro no Serviço de Inspeção Estadual (SIE), concedido pela Agência Goiana de Defesa Agropecuária de Goiás (AGRODEFESA). No Estado de Goiás, têm-se estabelecidos o Decreto n° 9.551, de 12 de novembro de 2019, que regulamenta a Lei Estadual n° 20.361, de 05 de dezembro de 2018, que normatizam a produção e comercialização de queijos artesanais. Não existem abordagens de outros autores sobre os aspectos da preparação de queijos artesanais por agricultores familiares comercializados em feiras livres. Contudo, os dados apontados por Dupin (2020) possibilitam concordar com análise das trajetórias camponesas na fabricação de queijos artesanais em Minas Gerais, sendo uma maneira de agregar valor ao leite, além de conservá-lo, utilizando pouco investimento para este fim.

Diz ser uma atividade que se adapta socioterritorialmente e é passada de geração para geração. Sua fabricação ocorre normalmente com matéria prima excedente, pode ser sazonal, varia de acordo com o preço pago pela cota entregue aos laticínios e oscila nos períodos de chuva e seca. Relata ainda que existe grande demanda deste produto nos centros urbanos, o que facilita sua comercialização, mas ocorrem certas interferências que restringem a expansão da atividade nas diversas regiões do país, como: normas sanitárias rígidas, por serem fabricados com matéria prima ‘*in natura*’; desorganização da categoria, para solicitar certificações ou Indicações Geográficas; descaracterização do produto por inserção de novas tecnologias e conhecimento científico; informalidade e ilegalidade, onde poucos se adequam as normativas.

Apesar das restrições mencionadas, alguns autores relatam que se pode observar que existem vantagens que motivam os produtores a continuarem no negócio, como tratar-se de atividade com menores investimentos do que outras no meio agropecuário; atuar como feirante agricultor torna-os independentes das relações comerciais assumidas com os laticínios, os quais ditam os preços (Cruz, 2020; Dupin, 2020; Dupin; Cintrão, 2018).

“Pegô, variô é cinco!”

3) Produção de Hortaliças: Imediatamente após as operações de seleção e beneficiamento, ainda na friagem da madrugada seguem para a feira livre onde serão expostas e comercializadas. Nos dias quentes e secos são regadas a miúdo, para mantê-las nas bancas com frescor. De acordo com orientações técnicas de pós-colheita estudada por Luengo et al. (2007), as quais se assemelham às adotadas pelos feirantes agricultores goianienses, para chegar até o consumidor às hortaliças passam por várias etapas e, cada um desses caminhos são chamados de canal de comercialização. O autor relata ainda que as hortícolas devem receber tratamento apropriado, como: operações de limpeza, seleção e classificação, sendo descartadas aquelas com defeitos, doenças ou danos mecânicos.

Os horticultores devem utilizar embalagens que as protejam, como caixas plásticas retornáveis, pois causam poucas injúrias por abrasão e por serem laváveis e duráveis, evitam dispersão de doenças. Ao compararmos as operações de beneficiamento acima citadas pela autora, com as utilizadas pelos feirantes agricultores familiares goianienses percebe-se que estes atuam de acordo com das normas e práticas da produção (IN 9/2005 e 24/2005 Mapa, 2020).

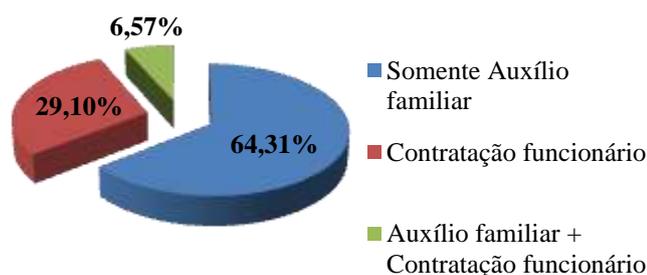
Depois de preparados, os produtos que serão comercializados nas feiras livres de Goiânia/GO, seguem estrada a fora nas primeiras horas do dia, para aproveitar o frio e a umidade da madrugada, como mecanismo de conservação. Os feirantes agricultores familiares transportam seus produtos em pequenos transportes com baú ou abertos, estes, segundo observação visual, encontram-se em bom estado de uso. As hortícolas são armazenadas em caixas plásticas retornáveis, que empilhadas adequadamente oferecem espaço para circulação de ar e cuidados são tomados para que não haja injúrias mecânicas.

É comum entre estes feirantes, o ato de cobrirem a carga com panos umedecidos (cobertores, sacos ou tecidos grossos). Situação semelhante ao que diz Luengo et al. (2007) para que as hortaliças cheguem ao consumidor com suas propriedades sensoriais inalteradas. Caso tenham que percorrer longas distâncias, é preciso empregar o resfriamento rápido e o transporte refrigerado. Percebe-se que ao agirem desta forma os feirantes agricultores familiares goianienses caminham rumo a manter as características dos alimentos que produzem, sendo atrativas aos consumidores que adquirirem produtos saudáveis e frescos.

Em contrapartida, segundo relatos de alguns autores sobre essa temática, existem aspectos que influenciam e prejudicam o dinamismo do processo de pós-colheita, como a falta de linhas de crédito ou capacidade financeira para adquirirem transportes adaptados para manter a carga resfriada ou aumentar a área de produção; infraestrutura - estradas em mau estado de conservação tendem a ocasionar perdas dos alimentos; intempéries climáticas; uso inadequado ou falta de equipamentos específicos; acesso restrito a tecnologias; falta de assistência técnica; condições higiênicas precárias; amadorismo e desconhecimento do processo, manutenção adequada de temperatura durante processo de acondicionamento e armazenagem evitam alterações sensoriais, que refletem em perdas e desperdícios, entre outros (Luengo et al., 2007; Freire; Soares, 2014).

A maioria (83,56%) dos entrevistados nas feiras livres goianienses intitulados feirantes agricultores familiares estão inseridos neste bloco. Estes, com algumas ressalvas sobre níveis de insumos utilizados e quantidade de ajuda recebida no processo produtivo e ou comercial (Figura 9), mantiveram-se com padrão semelhante sobre plantio, manejo, colheita, pós-colheita, preparação, transporte e exposição dos produtos.

Figura 9: Índices de participação familiar e ou contratação de funcionários por feirantes agricultores familiares, na cadeia de comercialização de hortaliças nas feiras livres de Goiânia/GO.



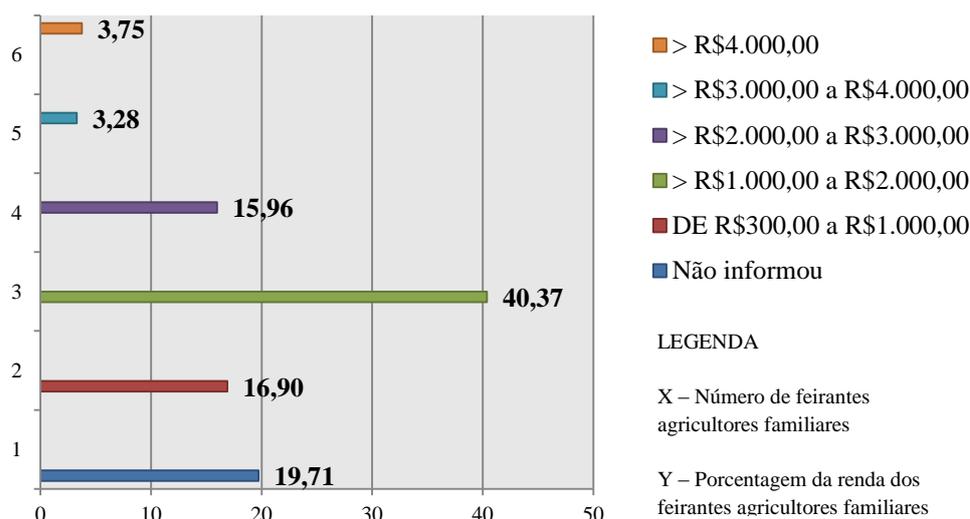
Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

Todos afirmaram que não recebem assistência técnica, ou possuir acesso a linhas de crédito. Os resultados da pesquisa apontaram que a colheita das hortícolas menos perecíveis (brócolis ramoso, radique, cebolinha, couve, cenouras etc.) começa a noite. Após a colheita, são conduzidas para local adequado, onde serão selecionadas,

lavadas duas vezes, amarradas em maços, enxaguadas, enxugadas e armazenadas em ambiente fresco e arejado. As mais sensíveis (variedades de alfaces, salsinha, hortelã, coentro, agrião, rúcula, etc.) são colhidas no início da madrugada ou nas primeiras horas da manhã, antes de irem para feira (dependendo do volume a ser colhido) também são destinadas a local apropriado, onde serão selecionadas, lavadas em tanques duas vezes, ‘empalidades’ ou amarradas aos maços, enxaguadas, enxugadas, armazenadas em caixas plásticas retornáveis.

Ao serem abordados sobre a renda alcançada na venda de produtos da agricultura familiar (Figura 10) observou-se que a média de lucro por feira entre feirantes agricultores familiares goianienses é de R\$1.778,57.

Figura 10: Demonstração em porcentagem do número de feirantes agricultores familiares em relação à renda adquirida por meio da venda da produção, nas feiras livres de Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, 2020.

Não existem estudos por outros autores que analisam a renda adquirida pelos feirantes agricultores familiares, mas podem ser percebidas algumas semelhanças aos estudos realizados por Costa; Santos (2015) onde muitas pessoas optam por ir à feira livre em busca de alimentos frescos, sendo os mais procurados aqueles produzidos na região, pois trazem consigo o modo tradicional de ser produzido. Na feira livre de São Bento, em Cascavel/CE, tornou-se um meio de sobrevivência para uns e para outros é complemento da renda. Para Chuquillanque et al. (2018), as feiras livres, além de representarem espaço

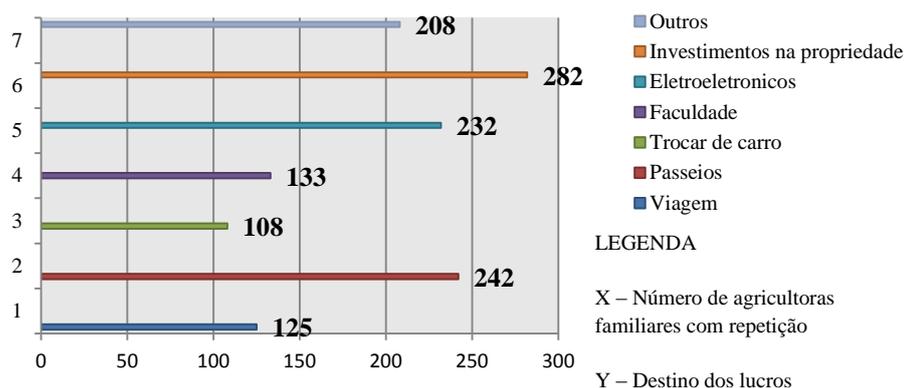
tradicional, permite que agricultores familiares comercializem seus produtos ‘in natura’ ou minimamente processados, garantido renda familiar, com opção de atuar em outras etapas da cadeia produtiva.

Os dados encontrados possibilitam a concordância com os apontamentos de Salomão; Nery (2020) ao dizerem que a agricultura familiar adquire significância na manutenção da segurança alimentar e nutricional. Diante do exposto, fica evidente que este circuito de comercialização é promissor para o agricultor familiar goianiense. Por outro lado, encontra-se em diferente situação daqueles que comercializam hortaliças na feira do produtor de Maringá/PR, pois apresentaram renda média por feira entre R\$300,00 a R\$700,00 (Demeneck, 2011). Ao se comparar com feirantes do sudoeste do Paraná cuja renda média é de R\$1.354,00, conforme menciona Godoy; Rech (2013), é maior que a dos feirantes agricultores familiares.

Afirmam Araújo; Ribeiro (2018) que por este canal os ‘feirantes conseguem auferir renda, advinda da sua produção, contribuindo na manutenção familiar’. As feiras livres sofrem com mudanças no seu perfil e os feirantes que são à base de sua existência também são afetados pelos fatores, como: reorganização e oscilações da economia, hábitos da sociedade; necessidade de organização; incapacidade dos agentes financeiros avaliarem o rendimento deste sistema de produção, o que impede o acesso a recursos que visem melhorias na produção, produtividade e logística, entre outros (Salomão; Nery, 2020; Godoy; Rech, 2013).

Dos feirantes agricultores familiares apenas 7,51% afirmaram que os lucros adquiridos com as vendas nas feiras livres de Goiânia/GO, não são suficientes para manterem suas famílias. Os demais além de manterem as famílias ainda conseguem realizar viagens, passeios, manter filhos em escola ou faculdades entre outros (Figura 11).

Figura 11: Demonstração do número (com repetição) de feirantes agricultores familiares e o destino dos lucros adquiridos por meio de vendas nas feiras livres de Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

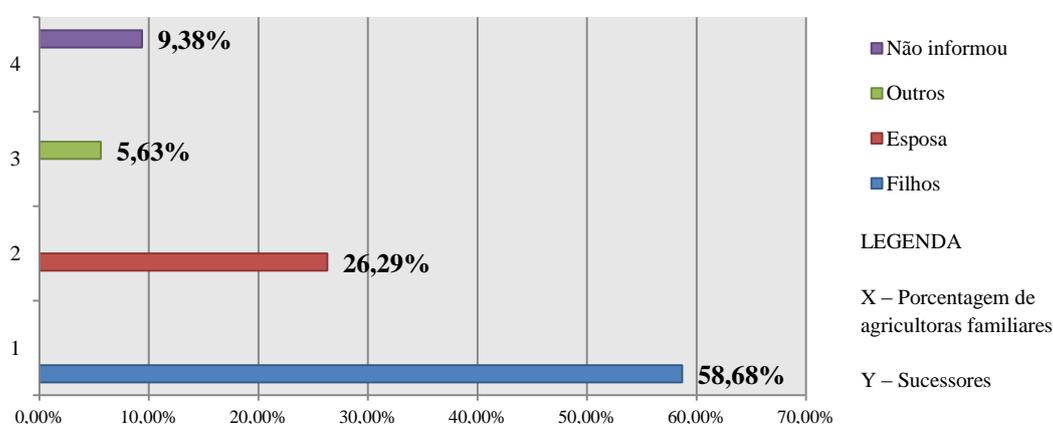
Existem vários relatos sobre a utilização da renda dos feirantes em diferentes regiões do país. Os estudos de Godoy; Rech (2013) consideram que aspectos socioeconômicos relacionados com feiras livres, referentes às questões de subsistência, sinalizaram que os agricultores familiares do Sudoeste do Paraná, utilizam em torno de 25% da renda nas despesas com alimentação. Segundo Nora; Dutra (2015) as agricultoras familiares compreendem que feira livre é um espaço onde elas encontram possibilidade de tornarem-se independentes, pois conseguem obter sua própria renda, garantindo assim uma melhor condição de vida para si e sua família. Um hábito comum entre os feirantes do comércio urbano no Vale do Jequitinhonha, segundo observações de Araújo; Ribeiro (2018) é o fato deles ao término da feira, saírem por entre o comércio local e adquirirem produtos que lhes falta, ‘como gêneros alimentícios variados, vestimentas, de consumo do lar, entre outros’.

De acordo com Costa et al. (2020) as feirantes do Estado do Alagoas dizem que após participarem das feiras livres, passaram a obter utensílios que antes não se podia pensar, como roupas, cosméticos ou aqueles para o lar, agora podem participar de atividades de lazer, são capazes inclusive de direcionar recursos para investirem na propriedade. Em Conceição do Mato de Dentro/MG, os feirantes que são agricultores familiares, dão destino a grande parte do lucro das suas vendas, na própria feira ou no mesmo dia da feira, fazem compras no comércio local, 80% destes utilizam a renda na compra de alimentos e despesas da casa (Pereira, Brito; Pereira, 2017).

As feiras são lugares onde existe alegria natural e contagiante... São constituídas por pessoas. Umam vão ali para vender seus produtos, outras para comprá-los. Elas, as feiras

existem desde tempos remotos. Teias foram e continuam sendo tecidas entre pessoas que circulam daqui para ali, seguem e vão seguindo rumo à (re) construção deste tecido resistente, iniciado nos primórdios e permanecem nessa urdidura até os dias atuais, num processo de construção que é vivo, caminham, mas estão distantes de chegarem próximos a sua formatação final. Hoje acontece uma feira em Goiânia! Os resultados apurados nesta pesquisa revelaram que amanhã também haverá! Pois 58,68% dos feirantes agricultores familiares preparam seus filhos e 26,29% suas esposas para continuarem com o ofício (Figura 12).

Figura 12: Demonstrativo em porcentagem de feirantes agricultores familiares, que preparam seu sucessor, nas feiras livres de Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, 2020.

Não se encontrou dados que revelassem o futuro da feira livre para os agricultores familiares, por outro lado outros aspectos vêm de encontro com a realidade vivenciada pelos feirantes agricultores familiares de Goiânia/GO. Segundo estudos na Região Central do Rio Grande do Sul, desenvolvidos por Marin (2020) os jovens rurais não arquitetam planos para reprodução social na agricultura, sua atenção está voltada para projetos profissionais ligados as instituições escolares e inserção no mercado de trabalho assalariado. Segundo Matte; Machado (2016) atualmente os jovens se preocupam mais com projetos individuais do que o coletivo familiar, desta forma a decisão dos pais pela sucessão, fica limitada à vontade do filho (a) decidir se fica ou não na propriedade.

Jovens rurais são considerados por Silva; Galizoni (2020), como uma categoria social construída ao longo do tempo a partir de experiências diversas. Desta forma investigaram a relação entre o processo de educação no campo e as possíveis trajetórias

rurais dos jovens agricultores familiares do Alto do Jequitinhonha/MG estudantes e egressos da UFAV. Inicialmente necessitou compreender o contexto que se inserem; pois grande parte destes possui papel fundamental na reprodução social e financeira do seu núcleo familiar. Do total de entrevistados, 75% demonstraram interesse em seguir carreira na área agrícola e, 81,25% dos egressos mantiveram-se na região, em atividades profissionais diversas. Segundo os dados, o fato de formarem-se técnico em agropecuária, dá-lhes o sentimento de pertença e aviva o desejo de continuarem no campo, desenvolvendo ali atividades agrícolas.

Por outro lado, Breitenbach; Troian (2020) ao realizar pesquisa com jovens rurais de Santana do Livramento/RS, sobre a permanência no meio rural e o interesse na sucessão familiar, perceberam haver maior interesse entre os jovens rapazes, bem como serem eles os gestores da propriedade, o que não ocorre ao se comparar com as jovens moças. Este desejo não foi manifestado entre aqueles jovens onde a área total da propriedade é menor. Fatores emocionais e de socialização também ampliam o desejo destes continuarem no campo. Mas existem obstáculos como: pouca autonomia gerencial e financeira, difícil acesso as propriedades, tamanho da propriedade e pressão econômica advinda das grandes propriedades, que favorecem a saída destes jovens do meio rural. Segundo Marin (2020), os fatores que limitam a permanência de jovens no meio rural e a construção social de sucessores na agricultura familiar, são a precariedade material, a desvalorização das condições de vida e o trabalho na agricultura.

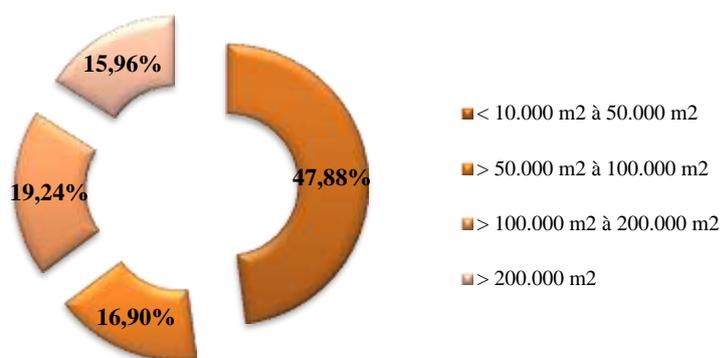
Dados da pesquisa com a juventude rural do município de Orobó/PE, realizada por Paulo (2014), demonstra que os jovens que permanecem na atividade agrícola, são justamente aqueles que não estão no contexto do sistema educacional. O processo sucessório e a formação da nova geração de agricultores, segundo Mello et al. (2003) sofre uma espécie de ‘automatismo’, uma vez que a agricultura familiar produz novas propriedades rurais, ao passo que desmembra-se e aloca seus filhos como novos agricultores, ocorre assim um processo de ‘reforma agrária espontâneo’, que atinge as populações do meio rural (Troian; Breitenbach, 2018).

Vê-se que os feirantes agricultores familiares goianos se preocupam com o futuro no campo e de seus filhos, pois para Carneiro; Castro (2007); Matte; Machado (2016); Troian; Breitenbach (2018) a ausência de jovens no meio rural pode causar sérias complicações, e consequências irreparáveis, como a não continuidade das propriedades e

das atividades produtivas; esvaziamento demográfico, econômico e cultural dentro e fora da porteira; inchaço no meio urbano; masculinização no campo; redução no número de casamentos (Stropassolas, 2004), impedindo constituição de novas famílias; escassez da mão de obra; envelhecimento da população rural; desamparo dos pais na velhice; redução na produção; expansão dos monopólios e monoculturas; marginalização dos viventes no campo. Processo tal que repercute nos projetos de vida criados por moças e rapazes que acabam por acarretar num viés de gênero no movimento migratório de jovens (Stropassolas, 2004).

Os feirantes agricultores familiares das feiras livres de Goiânia/GO possuem área média por propriedade rural de 110.872 m² (Figura 13). Observa-se que os dados encontrados entre os feirantes agricultores familiares, demonstram a oscilação entre os valores dos módulos fiscais que se diferem entre os municípios e nas diferentes regiões do país, sendo 4 módulos fiscais o estabelecido como um dos critérios, para qualificação do agricultor familiar (Machado; Silva 2004; Bezerra; Schlindwein, 2017).

Figura 13: Demonstração da extensão da área em m² das propriedades rurais, dos feirantes agricultores familiares, das feiras livres de Goiânia/GO.

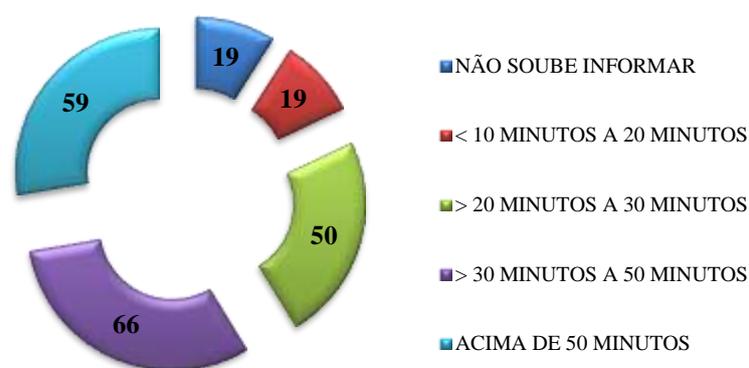


Fonte: Banco de dados da autora, 2020.

Observou-se que para chegarem às feiras livres de Goiânia/GO, 30,98% feirantes agricultores familiares, após saírem de suas propriedades, percorrem distâncias correspondentes ao tempo entre 31 a 50 minutos e 27,69% percorrem períodos acima de 50 minutos para chegarem às feiras livres (Figura 14). Por outro lado, Araújo; Ribeiro (2018) apontaram que os feirantes do comércio urbano do Vale do Jequitinhonha/MG,

percorrem em média 18 km, enquanto as feirantes 21 km, verificaram também que 35% do contingente de feirantes pertencem a outras localidades. Existem fatores que interferem diretamente no tempo percorrido entre a propriedade rural e o local de comercialização (feiras livres), como: vias de acesso mal conservadas; desgastes mecânicos dos transportes; trânsito intenso; percursos escolhidos, trechos em obras; localização dos bairros, entre outros (Araújo; Ribeiro, 2018).

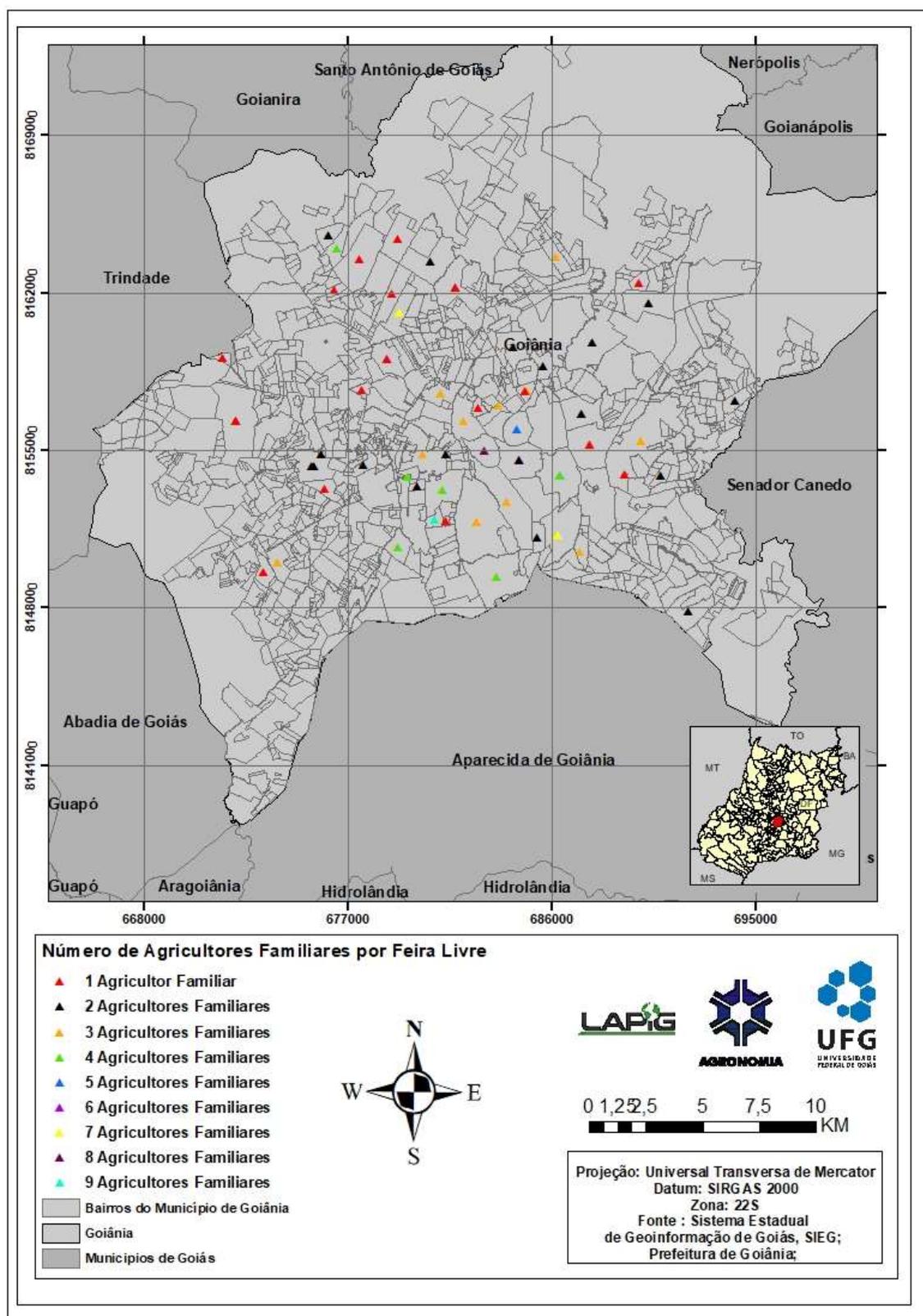
Figura 14: Distribuição do número de feirantes agricultores familiares, em relação ao tempo de percurso entre suas propriedades rurais, até o local da feira livre em Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

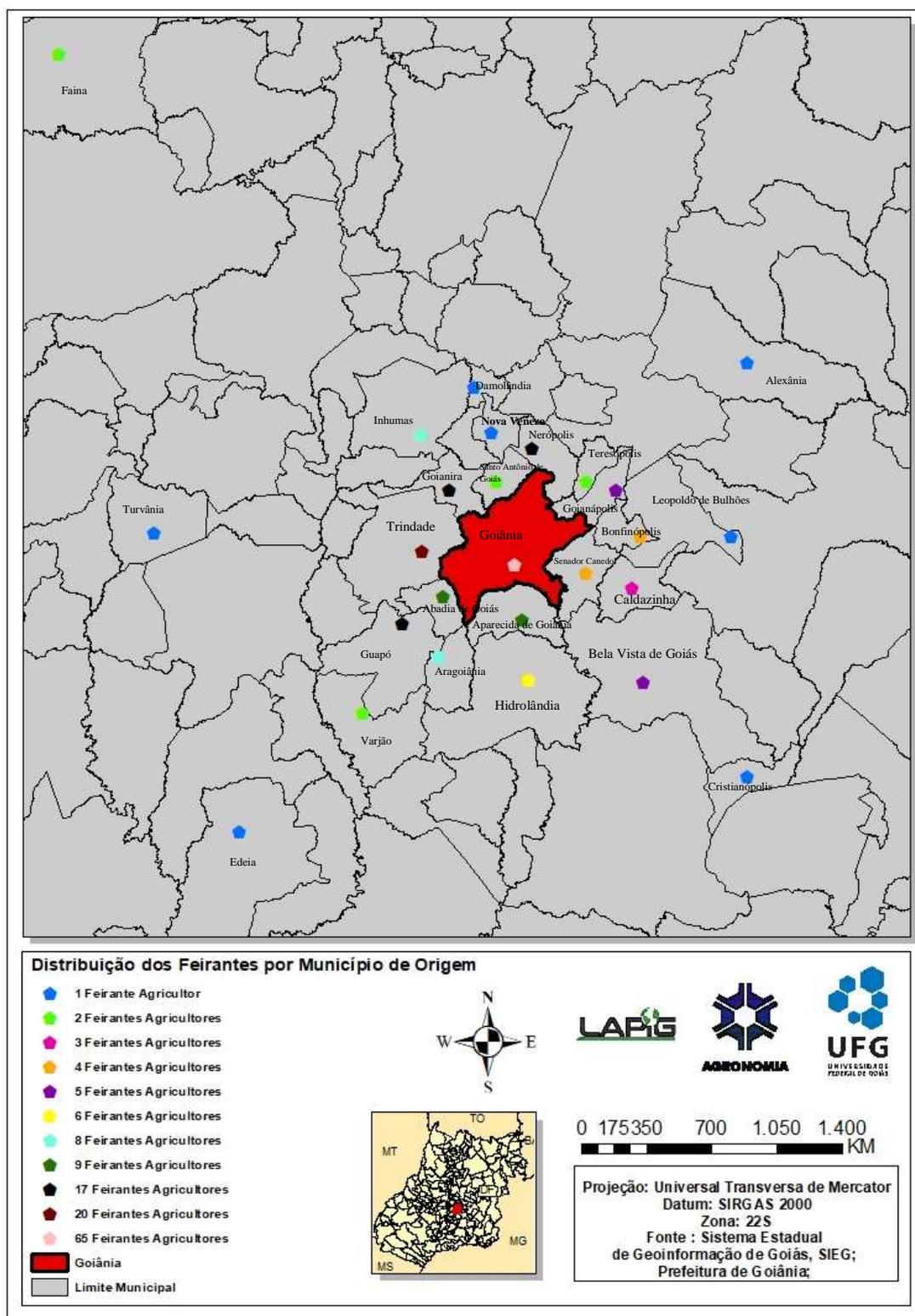
Os feirantes agricultores familiares goianienses montam e desmontam suas barracas diariamente em ritmo constante e frenético. Vão e vem todos os dias, logo ao amanhecer. Mas é possível visualizar como eles se distribuem espacialmente nas feiras livres goianienses (Figura 15) e de quais municípios eles vêm. (Figura 16).

Figura 15: Distribuição por número de feirantes agricultores familiares participantes por feira livre, do município de Goiânia/GO.



Fonte: Elaboração do Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento (Lapig/UFG), com base no Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás – SIEG, 2020.

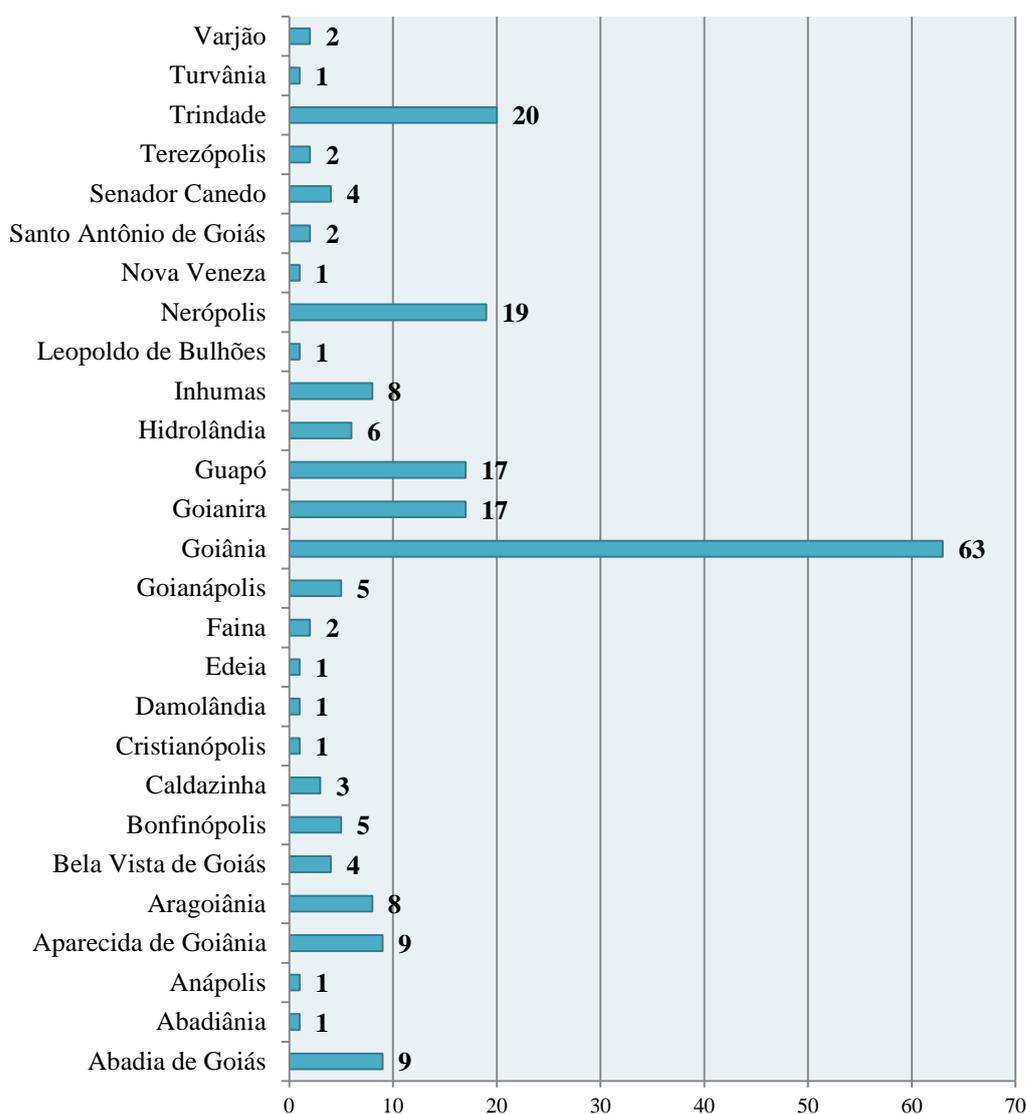
Figura 16: Distribuição do número de feirantes agricultores familiares, nas feiras livres de Goiânia/GO, em relação ao município de origem.



Fonte: Elaboração do Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento (Lapig/UFG), com base no Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás – SIEG, 2020.

Os resultados da pesquisa de campo sinalizaram que 29,57% dos feirantes agricultores familiares possui propriedade na zona rural do município de Goiânia/GO, 9,38% vem de Trindade e 8,92% são oriundos de Nerópolis (Figura 17).

Figura 17: Demonstração do número encontrado de feirantes agricultores familiares, participantes das feiras livres goianienses, em relação ao município de origem.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

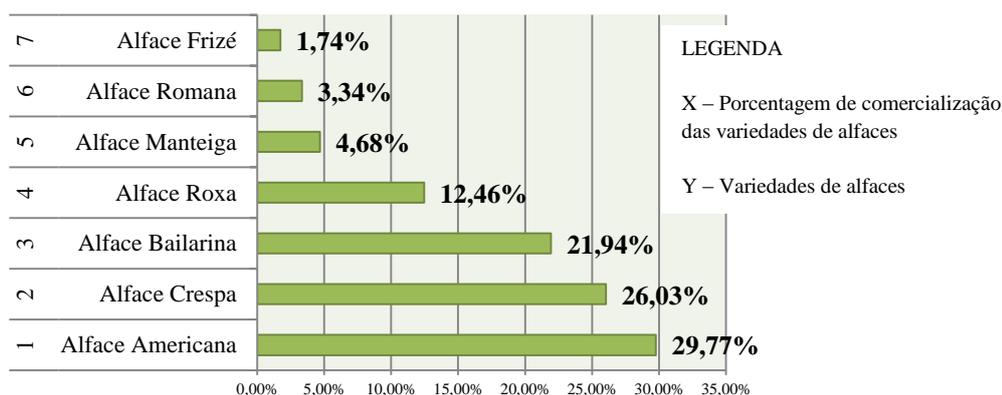
Existem fatores que facilitam a inserção de feirantes agricultores familiares goianos nas feiras livres de Goiânia/GO, como a proximidade entre os municípios, alguns até se conurbam; demanda e oferta de produtos de qualidade; agregação de valor ao produto pela origem; oportunidade de escoar maiores volumes de produtos; maior acesso

a informação; mudanças no hábito alimentar; aquisição de produtos frescos, saudáveis e preços convidativos.

Neste contexto, verificaram-se alguns fatores que podem justificar a ausência do feirante agricultor familiar, nas feiras noturnas. Inicialmente, vale lembrar que hortaliças são organismos vivos mesmo após serem colhidas, sendo preciso observar a resistência de cada hortaliça à temperatura, incidência de luminosidade e variações nas concentrações de oxigênio e gás carbônico. Para Luengo (2007), a opção de comercializar hortícolas pela manhã não é aleatória, e justifica-se pela necessidade de resfriamento da planta, sendo a primeira ação do manuseio pós-colheita, razão pela qual os feirantes agricultores familiares elegem iniciar a colheita a partir do início da noite e ou começo da madrugada. Assim conseguem manter as propriedades sensoriais por mais tempo, oferecem produtos mais atraentes e com frescor. Outro fator importante, segundo Almeida (2012), é a escolha de horários adequados para escoar e transportar as hortícolas, evitando o murchamento, aspecto de senescência ou danos mecânicos, pois se não chegarem às bancas saudáveis existe a probabilidade de sensíveis perdas nas vendas.

Em relação à comercialização/consumo de hortaliças, Suinaga et al. (2013) relatam que no Brasil, a alface de maior importância econômica é a crespa, sendo preferida por 70% do mercado brasileiro, seguida pela americana (15%) e lisa (10%). Entre os goianienses, os resultados da pesquisa indicam que a cultivar americana tem a preferência entre 29,77% dos consumidores, seguida pela crespa (26,03%) e bailarina (21,94%) (Figura 18).

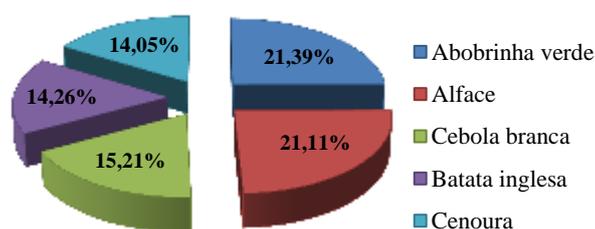
Figura 18: Demonstração das variedades de alfaces mais comercializadas nas feiras livres de Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

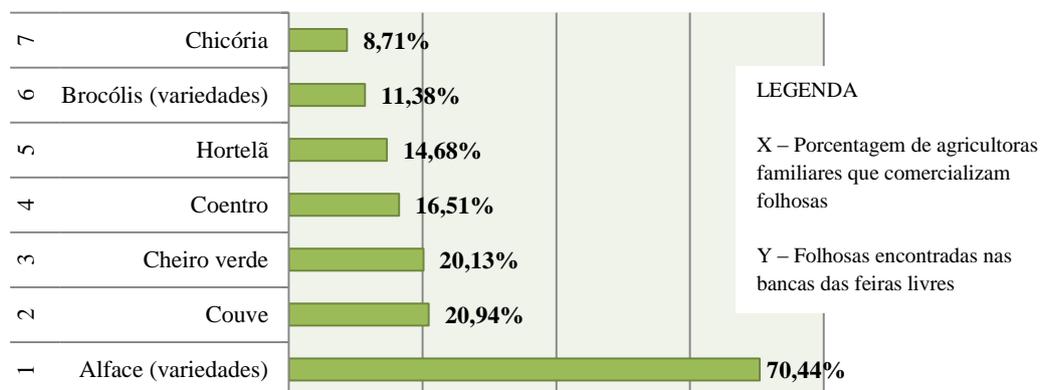
Quanto aos produtos mais comercializados em Goiânia, do total geral de feirantes entrevistados (2.846), 77,93% deles disseram que o principal produto vendido é a abobrinha verde (Figura 19), para os feirantes comerciantes revendedores de hortícolas e especialmente aqueles que são agricultores familiares, a alface é o produto mais vendido, seguida pela couve e cheiro verde (Figura 20), podendo-se atribuir este fato, ao rápido ciclo produtivo, a facilidade de produção e comercialização destes produtos.

Figura 19: Distribuição de dados em porcentagem dos principais produtos vendidos por todos os feirantes pertencentes às feiras livres de Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, 2020.

Figura 20: Demonstração das hortaliças folhosas encontradas nas bancas de feirantes agricultores familiares de hortaliças, nas feiras livres matutinas de Goiânia/GO.



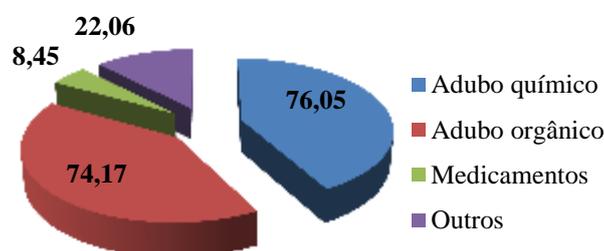
Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

Alguns autores também pesquisaram sobre a escolha de produtos em feiras livres e fizeram algumas observações que são pertinentes às observações feitas nas feiras de Goiânia/GO. Para Rabelo et al. (2014), alguns fatores podem ser influenciadores diretos nesta escolha pelos consumidores nas feiras livres, como: preço do produto; textura; qualidade aparente; sabor e cor. Já Viana et al. (2020), relatam que outros elementos além da qualidade e preço, são atribuídos à saúde e nutrição.

Em Goiânia, além dos fatores citados sobre o consumo de hortícolas, podem-se acrescentar ainda, fatos observados por vários autores onde relatam que a partir da década de 1990, houve expansão no número de academias de ginásticas, o que por consequência houve maior procura por produtos com baixos valores calóricos e ricos em minerais e fibras, como ocorre na maioria das hortícolas (Viana et al., 2020; Rabelo et al., 2014; Souza et al., 2008).

Para o sucesso da cultura da alface, a adubação é fator primordial, sendo uma cultura exigente em nutrientes, especialmente o nitrogênio. Para conhecer melhor o sistema de produção dos feirantes agricultores familiares, se questionou quais insumos eles utilizam no processo de produção das hortícolas comercializadas nas feiras livres goianienses. Os resultados demonstraram que há uma discreta vantagem entre a utilização dos adubos químicos em relação ao adubo orgânico (Figura 21).

Figura 21: Demonstração de insumos utilizados pelos feirantes agricultores familiares, no processo produtivo de hortaliças comercializadas nas feiras livres de Goiânia/GO.

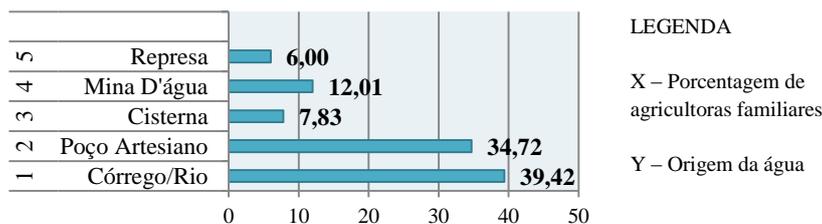


Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

A utilização de adubação química na horticultura goiana pode relacionar, segundo Bohm et al. (2020), Viana et al. (2020) e Souza et al. (2017), a fatores como: desconhecimento de novas técnicas de adubação; em objetar tecnologias de produção orgânica, onde são utilizados substratos extraídos a partir da decomposição da matéria orgânica. Normalmente na produção orgânica, o controle de insetos e plantas daninhas ocorre manualmente ou com auxílio de caldas naturais; cultura e aceitação por parte dos consumidores; qualidade aparente dos produtos orgânicos, onde podem ser encontrados ‘defeitos aparentes’ demonstrando que tais produtos seguem controle e crescimento natural e seus produtos apresentam-se de tamanhos, forma e peso variados.

Em relação ao uso de água nos processos produtivos, os resultados apontaram 39,42% dos entrevistados que comercializam hortícolas em Goiânia, afirmam que utilizam água de córregos/rios para irrigarem as hortaliças, enquanto 34,72% preferem utilizar água de poços artesianos e 7,83% utilizam água de cisterna (Figura 22).

Figuras 22: Origem da água utilizada na irrigação de hortaliças comercializadas por feirantes agricultores familiares em feiras livres, Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

De acordo com a resolução nº 357 do Conama (2005), ficam determinados que as águas utilizadas para irrigação de hortaliças não devem ser poluídas por excrementos. Entretanto, em contra partida, são estabelecidos valores máximos aceitáveis de até 200 NMP – Número mais provável/100 mL de coliformes termotolerantes, nas águas para irrigação de hortaliças consumidas *in natura*.

Estudos realizados por Cantu et al. (2015), ao analisarem águas captadas (fontes de chuva, poço artesiano, córrego, rio e açude), para irrigação na produção de hortaliças no litoral norte de Santa Catarina, apontaram que o uso de águas de poço artesiano foi o mais viável, com ressalva para que sejam tomados cuidados quanto aos sistemas de coleta e, que a armazenagem, seja adequada para evitar contaminação externa.

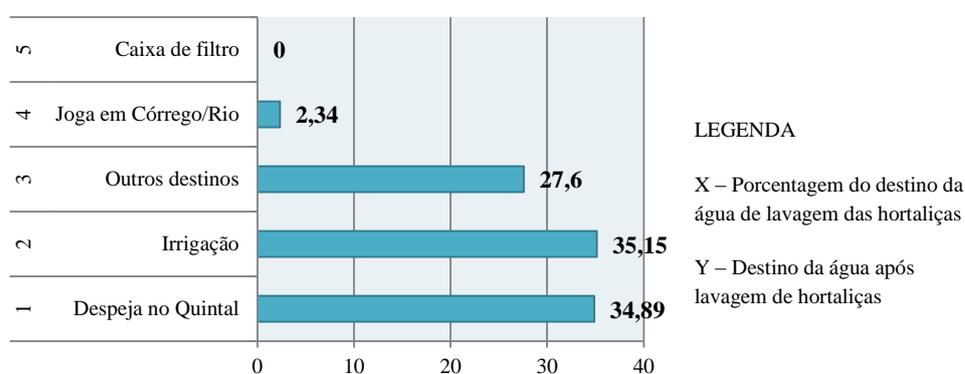
Observou-se que existe significativo contingente de feirantes agricultores familiares horticultores, nas feiras livres de Goiânia/GO, que utilizam água de poços artesianos, mas grande número ainda utiliza águas de córrego e ou rios, podendo ou não estar usando águas poluídas em seus cultivos, uma vez que tratamentos de reversão qualitativa destas fontes são muito difíceis e existem comprometimentos relacionados com ecossistemas onde estão os mananciais.

Independente de onde coletam água para irrigação, existe fatores que favorecem sua contaminação, como a falta de higienização dos equipamentos de coleta e reservatórios de armazenagem; contaminações por esgoto doméstico ou dejetos vindos da atividade pecuária; uso de adubos contaminados; circulação de pequenos roedores, entre outros. No entanto, apesar do problema aparente de contaminação, existem medidas que podem minimizar este processo, como práticas higiênicas de verduras e legumes antes do consumo; realização de rodízio de culturas; deslocamento da área cultivada para outra

distante do efluente e subsídios para realização de controle parasitológico, bacteriológico e toxicológico das águas.

Ao serem abordados sobre destino dado à água utilizada na lavagem das hortaliças, 35,15% dos feirantes agricultores familiares disseram que a reutilizam para novas irrigações; 34,89% utilizam-na para irrigar quintais/pomares; 27,6% dão outros destinos não mencionados e 2,34% descartam em córregos/rio (Figura 23).

Figura 23: Demonstração em porcentagem do destino dado para água após lavagem das hortaliças, antes destas serem comercializadas nas feiras livres, Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

Não existem relatos por outros autores sobre a origem e descarte das águas utilizadas na produção de hortaliças comercializadas nas feiras livres. Segundo Cantu et al. (2015), as águas de reuso não tratadas tanto devolvidas para os mananciais, quanto para irrigação, podem ser fonte de contaminação das hortaliças pelo risco à saúde humana, uma vez que tal ação pode devolver agentes biológicos patogênicos, presentes nos adubos ou esterco contaminados, na má higienização dos reservatórios de armazenagem ou por meio de contaminações cruzadas.

Existem vantagens quando seu reuso não é destinado aos fins citados, diminuindo o desperdício e riscos, utilizam-na para fins não comprometedores à saúde humana, como regar jardins e quintais; conscientização do seu valor econômico; uso adequado; controle de erosão; recuperação das matas ciliares. Mas, por outro lado os produtores parecem desconhecer que a forma de descarte de água utilizada na lavoura em mananciais, pode a

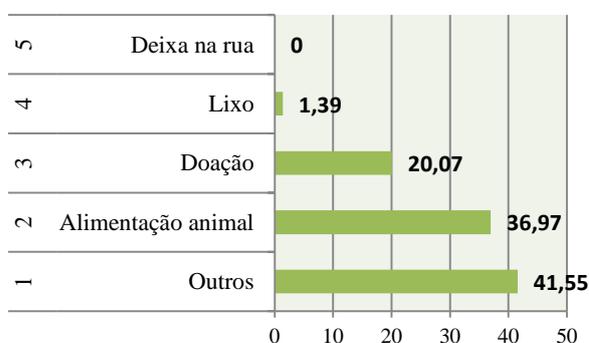
médio ou longo prazo, causar, segundo Funasa (2014) e Monte (2007), a degradação da qualidade da água, por meio de contaminação do manancial ao inserirem patógenos.

Tal ocorrência pode acarretar o desaparecimento da biodiversidade e dos ecossistemas aquáticos; alteração da cadeia alimentar; causar doenças pela ingestão ou utilização de água poluída; assoreamento por acúmulo de substâncias minerais (areia) e eutrofização por recebimento de nutrientes como nitrogênio e fósforo e provocar o crescimento desordenado de algas e plantas aquáticas. Fatores que influenciam a poluição dos mananciais estão diretamente relacionados à falta de educação sanitária; mau uso do recurso natural; desperdício; falta de políticas públicas para uso sustentável, participação da sociedade e educação ambiental.

Em meio aos processos de plantar, manejar, colher e preparar os alimentos para serem levados às feiras livres, ocorrem perdas e desperdícios, seja por situações de danificação na preparação, acondicionamento, transporte e ou manuseio entre uma destas etapas (FAO, 2013). Entenda-se por perda, fato ocorrido especialmente durante produção, pós-colheita e processamento, podendo o alimento não ser colhido ou danificado pelo armazenamento ou transporte. E desperdício é o descarte intencional do alimento que é apropriado para o consumo humano, perpassando pelo comportamento do indivíduo (FAO, 2013).

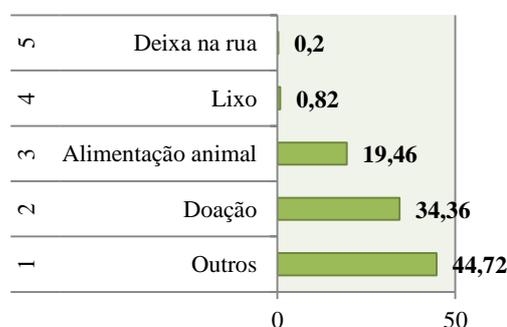
Diante desta preocupação, buscou-se nesta pesquisa de campo questionar aos feirantes agricultores familiares horticultores entrevistados sobre os destinos dados aos alimentos que sobram nas propriedades rurais e nas feiras livres (Figuras 24 e 25).

Figura 24: Demonstração do destino que **os agricultores familiares** das feiras livres de Goiânia/GO dão aos alimentos que sobram nas propriedades.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

Figura 25: Demonstração do destino dado aos alimentos que sobram nas bancas dos **feirantes agricultores familiares** das feiras livres de Goiânia/GO.



Fonte: Banco de dados da autora, pesquisa de campo, 2020.

Diante dos resultados, foi possível perceber que nas propriedades rurais 36,97% deles utilizam as sobras para alimentação animal; 20,07% doam estes alimentos; 1,39% jogam as sobras no lixo e 41,55% dão outros destinos. Nas feiras observaram-se discretas mudanças em relação ao destino nas propriedades rurais, especialmente no descarte deixado na rua, em que 0,2% dos entrevistados disseram deixá-los ali mesmo, ferindo o estabelecido na seção única do Decreto nº 2.835, art. 27; 44,72% dão outros destinos não mencionados; 34,36% destinam a alimentação animal; 19,46% doam os alimentos e 0,82% jogam as sobras no lixo.

Por meio de observações, foi possível perceber que as feiras livres goianienses não se apresentavam sujas, isso porque foi sancionada a Lei nº 9.842 de 06 de junho de 2016, que dispõe sobre o “Lixo Zero”, em todas as feiras livres do Município de Goiânia. Tem como objetivo regulamentar a redução do descarte irregular de resíduos provenientes das feiras livres goianienses, como caixas de madeira, cascas de frutas, verduras, palhas, alimentos entre outros objetos. De acordo com dados do ano de 2020, da Prefeitura Municipal, por meio da Companhia de Urbanização de Goiânia (COMURG), ao realizarem coletas em um dia de feira, num circuito entre as sete regiões administrativas da capital, são recolhidas cerca de 900 toneladas de lixo orgânico. Desta forma esta Lei do “Lixo Zero” além de reduzir resíduos, coíbe com cobrança de multa os feirantes que não cumprirem o estabelecido na seção única, do Decreto nº 2.835, que visa manter a limpeza no seu espaço e utilizar recipientes apropriados para a separação do lixo.

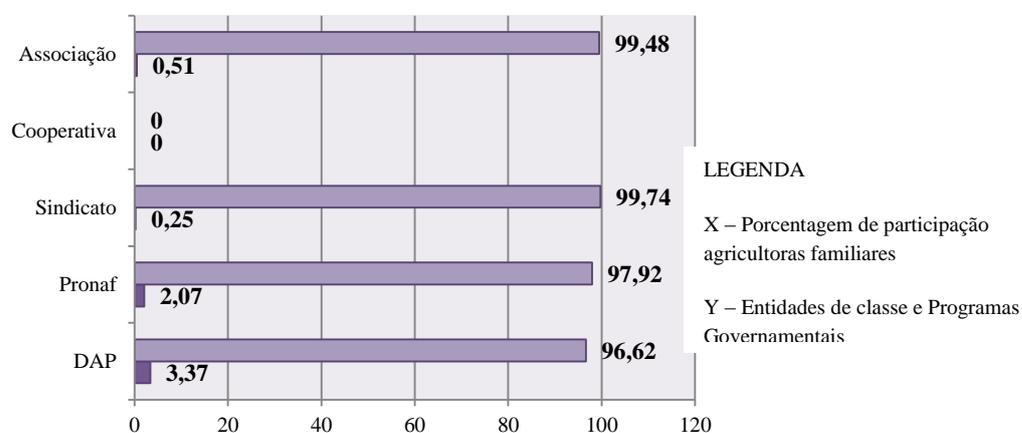
Os números atribuídos pelos feirantes sobre as sobras são imprecisos, mas foi possível verificar durante pesquisa de campo, diversas situações do cumprimento da Lei, como ensacar os resíduos, colocar em caixas ou doá-los a proprietários de pequenos animais, que buscam em sacos plásticos aquilo que sobrou nas bancas. Vários autores relatam a existência de perdas, desperdícios e suas possíveis causas. Para Almeida et al. (2018) e Azevedo et al. (2015), existem fatores relacionados que levam a perdas e outros que podem gerar desperdícios, que são: falta de assistência técnica; falta de higiene; mal uso ou desconhecimento dos processos de utilização de equipamentos e tecnologias; condições climáticas e ambientais; armazenamento inadequado; danos mecânicos; comprometimento da qualidade e dos aspectos sensoriais; murchamento; podridão; transporte e intensa manipulação pelo consumidor.

Existem também fatores que podem refrear as perdas e desperdícios, como: capacitação dos horticultores sobre as boas práticas de manipulação; acesso a novas tecnologias; escolha de horários adequados para colheita, escoamento e transporte das hortícolas; empilhamento adequado e seleção de produtos saudáveis, evitando excesso de manipulação pelo consumidor final (Almeida et al., 2018; Azevedo et al., 2015; Galian et al., 2016; Santos et al., 2020).

Com relação ao acesso dos feirantes agricultores familiares às linhas de crédito, os resultados apontam que 97,92% destes não têm acesso às linhas de crédito do Pronaf; 96,62% não possuem a Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP). No entanto, segundo o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA, 2018) a instituição do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), foi uma conquista dos agricultores familiares, especialmente para aqueles que se enquadram no subprograma – Pronaf Microcrédito (grupo “B”), o qual financia agricultores familiares, que obtenham renda bruta de até R\$ 20.000,00, nos 12 meses de produção normal antecedente a solicitação da DAP. O PRONAF é um instrumento de modernização da estrutura de produção, com vistas à geração de renda e a melhoria do uso da mão de obra familiar (MDA, 2018).

Ao serem indagados sobre sua participação em algum tipo de movimento sindical, associações de classe ou cooperativas e no crédito rural disponibilizado pelo PRONAF, o quadro refletiu baixíssima participação (Figura 26).

Figura 26: Demonstração da participação dos feirantes agricultores familiares nas entidades de classe e ou em Programas governamentais.



Os fatores que se relacionam ao baixo acesso aos recursos e participação em grupos de classe, segundo Stoffel et al. (2020), MDA (2018) e Sambuichi (2014), devem-se especialmente ao desconhecimento por parte dos agricultores familiares sobre as linhas de crédito; falta de assistência técnica; problemas específicos com as linhas dos subprogramas; desvalorização das linhas de crédito por parte das financiadoras e dos responsáveis técnicos dos projetos. Elementos necessários para propulsar a agricultura familiar existem, mas a limitação para seu acesso impede que o agricultor expanda sua produção e produtividade, desestimulando a se manter no campo.

COSIDERÇÕES FINAIS

Os resultados dessa pesquisa permitiram concluir que suas relações econômicas iniciam ao articularem operações financeiras, negociarem vendas e atendem as necessidades do consumidor, retrucam ‘pechinchas’ numa articulação comercial, percebeu-se que administram a produção e são gestores da banca de maneira que conseguem manter sua família, geram emprego e renda e, de forma direta ou indireta mantem e ou promovem o desenvolvimento no meio rural. Suas relações ambientais iniciam na propriedade rural, ao se preocuparem com o manuseio da terra, da água, do destino das sobras, higiene das hortícolas expostas, o acondicionamento dos resíduos.

Com esta pesquisa foi possível identificar que o agricultor familiar ao participar de uma feira livre, expõem não só produtos, mas também nova possibilidade de geração de renda, auxilia na sua permanência no campo, no desenvolvimento local e regional, permite ainda que jovens encontrem no campo a possibilidade de emprego. Desenvolver pesquisa no ambiente das feiras livres, sugere diversas linhas do conhecimento, tais como na área de clínica médica, psicologia, marketing, matemática, arquitetura, economia, administração, agronomia, engenharia dos alimentos e tantas outras que cabem ser pesquisadas neste nicho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. C. de; SILVA, J. M. da; NASCIMENTO, S. P. G. do; ARAÚJO, R. G. V. de; SILVA, C. dos S.; LIMA, J. R. B. de; CRISTO, C. C. N. de; SANTOS, T. M. C. dos; COSTA, J. H. de Q. Perfil social e percepção de feirantes sobre agricultura de base orgânica e agroecológica. **Ciência Agrícola**, Rio Largo, v. 16, número suplementar, p. 71-74, 2018.

AQUINO, J.R.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. Dualismo no Campo e Desigualdades Internas na Agricultura Familiar Brasileira. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 56, n. 1, p. 123-142, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032018000100123. Acesso em: 15 dez. 2019.

ARAÚJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 300-327, 2018.

_____. Feiras do Vale: o destino de excedentes produtivos em feiras livres do Jequitinhonha. **Revista de Administração de Roraima-UFRR**, v. 7, n. 2, p. 221-244, 2017.

ARÊDES, A. F.; OLIVEIRA, B. D. V.; RODRIGUES, R. M. Viabilidade econômica da tomaticultura em Campos dos Goytacazes. **Perspectivas Online**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 16, p. 57-66, 2014.

ARRUDA, R. V. de; ARAÚJO, V. P. D. A agricultura familiar e as causas que geram o êxodo rural. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 16, n. 29, p. 1 – 16, 2019.

AZEVEDO, A. M.; ANDRADE JUNIOR, V. C.; PEDROSA, C.E.; OLIVEIRA, C.M.; DORNAS, M. F. S.; VALADARES, N. R. Agrupamento multivariado de curvas na seleção de cultivares de alface quanto à conservação pós-colheita. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 362-367, 2015.

AZEVEDO, M. B.; NUNES, E. M. As feiras da agricultura familiar: um estudo na rede Xique-Xique nos territórios Açu Mossoró e Sertão do Apodi (RN). **GeoTemas**, v. 3, n. 1, p. 59-74, 2013

BALEM, T. A., ALVES, E. de O. A persistência das feiras de agricultores familiares em um cenário de “sojificação da sociedade”: elementos da realidade de Júlio de Castilhos e Tupanciretã/RS. **Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, v. 32, ed. esp., e2, p. 01 - 12, 2020.

BEZERRA, G. J.; SCHLINDWEIN, M. M. Agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para Dourados/MS. **INTERAÇÕES**, v. 18, n. 1, p. 3-15, 2017.

BOHM, P. A. F.; BOHM, F.; M. L. Z.; PHILIPPSEN, A. S.; SANTOS, A. C. D. dos; Alvim, S. Disseminação de hortas orgânicas e cultivo de hortaliças em substrato orgânico alternativo. **RAEI: Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação**, Paranaguá, v. 2, n. 1, p. 38 – 44, 2020.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais. **Revista (Em Tese) Eletrônica dos Pós-Graduandos em sociologia Política da UFSC**, São Carlos, v. 2, n. 1, p. 68 – 80, 2005.

BOJANIC, A. **A agricultura familiar promove desenvolvimento rural e sustentável e a Agenda 2030**. Outubro de 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-agricultura-familiar-promove-desenvolvimento-rural-sustentavel-e-a-agenda-2030/>. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Município de Goiânia**. v. 4.4.9. 2017. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRASIL. Censo agropecuário 2017. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo agropecuário: resultados definitivos 2017**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73096>. Acesso em: 27 mar. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em: 25 jan. 2020.

BRASIL. Ministério Desenvolvimento Agrário (MDA). **Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo**. 2019. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/agricultura-familiar-do-brasil-%C3%A9-8%C2%AA-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de controle da qualidade da água para técnicos que trabalham em ETAS**, Brasília: Funasa, 2014, 112p.

BRASIL. MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (2019). “Ministério da Agricultura define novas regras para produção e venda de sementes de hortaliças”. Disponível em: www.midiamax.com.br/cotidiano/2019/ministerio-da-agricultura-define-novas-regras-para-producao-e-venda-de-sementes-de-hortalicas, consultado em 23/6/2020.

BREITENBACH, R. Participação econômica das atividades de subsistência na agricultura familiar. **Redes Online**, v. 23, n. 1, p. 53-68, 2018.

BREITENBACH, R.; TROIAN, A.. Permanência e sucessão no meio rural: o caso dos jovens de Santana do Livramento/RS. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 56, n. 1, p. 26-37, 2020.

BRITO, A. Family Farming Knowledge Platform: **O que é a agricultura familiar**. Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário – SEAD. Brasil. 2016. Disponível em: <http://ruralpecuaria.com.br/tecnologia-e-manejo/agricultura-familiar/o-que-e-a-agricultura-familiar.html>. Acesso em: 21 set. 2019.

BUENO, C. T.; SILVA, S. M. V. da. O patriarcado na agricultura familiar brasileira: reflexões a partir do município de São Lourenço do Sul – RS. **Revista NERA: Núcleo de Estudos, Pesquisas e projetos de Reforma Agrária**, Presidente Prudente, v. 23, n. 51, p. 279-299, 2020.

CANTU, Rafael Ricardo; HARO, Marcelo Mendes; MORALES, Rafael Gustavo Ferreira; VISCONTI, Alexandre; SCHALLENBERG, Euclides. Qualidade da água utilizada na irrigação de hortaliças na Região Norte de Santa Catarina. **REA – Revista de Estudos Ambientais** (on line), v. 17, n. 2, p. 41-50, 2015.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. (2007). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro, Muad Editora.

CARNEIRO, M. S.; BRAGA, C. L. Alternativo versus convencional: uma análise da inserção de agricultores familiares periurbanos em circuitos de comercialização no município de São Luís/MA. **Redes**, Santa Cruz Sul, Online, v. 25, n. 2, p. 146-170, 2020.

CHUQUILLANQUE, D. A.; PORTO, C. R. P.; STUMPF, M. T.; TRENTIN, G.; ROLON, A. S. Caracterização da produção agrícola e dos feirantes da agricultura familiar no município de São Lourenço do Sul – RS. **Geografia**, v. 43, n. 2, p. 319–333, 2018.

CIELO, D. P.; ZANINI, M. C. C. (2015), O Feirão Colonial como importante alternativa a pequenos produtores rurais da Região Central do estado do Rio Grande do Sul. In: **Somos todas mulheres iguais!** Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato. São Leopoldo, Oikos.

COSTA, J. H. de Q.; LIMA, J. R. B. de; SILVA, C. dos S.; ARAÚJO, R. G. V. de; SILVA, J. Olimpio de L.; LIMA, A. K. X. de; SILVA, J. M. da; SANTOS, T. M. C. dos. Perfil socioeconômico de mulheres feirantes do Estado de Alagoas, Brasil: Liderança e empoderamento feminino camponês. **Brazilian. Jornal of Development**, v. 6, n. 3, p. 14557-14578, 2020.

COSTA, M. R. da; SANTOS, D. M. dos. Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeeducacionais**, v. 6, n. 3, p. 653-665, 2015.

CRUZ, F. T. de. Agricultura familiar, processamento de alimentos e avanços e retrocessos na regulamentação de alimentos tradicionais e artesanais. **Revista de Economia e Sociologia Rural – RESR**, v. 52, n. 2, p. e190965, 2020.

COSTA, J. H. de Q.; LIMA, J. R. B. de; SILVA, C. dos S.; ARAÚJO, R. G. V. de; SILVA, J. O. de L.; LIMA, A. K. X. de; SILVA, J. M. da; SANTOS, T. M. C. dos. Perfil socioeconômico de mulheres feirantes do Estado de Alagoas, Brasil: Liderança e empoderamento feminino camponês. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 14557-14578, 2020.

DEMENECK, M. T.; SANCHES, R. E.; FILHO, P. C.; ZULIAN, C. B. Perfil socioeconômico de feirantes que comercializam hortaliças na feira do produtor no município de Maringá-PR. **Repositório Digital UNICESUMAR**, p. 2-4, 2011.

DUPIN, L. V.. Eu sou parte de uma classe de produtores que perdeu a sabedoria lá de trás e começou a pisar dentro das tecnologias: trajetórias camponesas na fabricação de queijos artesanais em Minas Gerais. **Antípoda: Revista de Antropología y Arqueología**, v. 40, n. 40, p. 153-173, 2020.

DUPIN, L. V.; CINTRÃO, R. Entre bactérias e lobos: o cerco biopolítico sobre a produção do queijo Canastra. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 10, n. 1, p. 53-79, 2018.

FARIAS, T. R.; LIRA, Jessica Vanessa Mattos; CARVALHO, Abner Vilhena de; SOUSA; Wandicleia Lopes de. (2020). “Empreendedorismo feminino no desenvolvimento da agricultura familiar”. *Revista Ciências da Sociedade (RCS)*, 4, 7:130-143.

FREIRE JUNIOR, M.; SOARES, A. G.. Orientações quanto ao manuseio pré e pós-colheita de frutas e hortaliças visando à redução de suas perdas. **Embrapa Agroindústria de Alimentos - Comunicado Técnico (INFOTECA-E)**, 2014.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **O que é a agricultura familiar**. Disponível em: <http://www.fao.org/family-farming/detail/en/c/454156/>. Acesso em: 18 ago. 2019.

FAO. (2013). **Food wastage footprint: Impacts on natural resources**. Rome. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/018/i3347e/i3347e.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

FERNANDES N. de S.; GUIMARÃES, H. R.; AMORIM, A. C. da S.; REIS, M. B. dos; TRINDADE, R. A. da; MELO, A. C. F. L. Avaliação parasitológica de hortaliças: da horta ao consumidor final. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 255-265, 2015.

GALIAN, L. C. F., SANTOS, S. S., & MADRONA, G. S.. Análise do desperdício de alimentos em uma unidade de alimentação e nutrição. **Revista GEINTEC – Gestão, Inovação e Tecnologia**, São Cristóvão, v. 6, n. 2, p. 3121-3127, 2016.

GÊMERO, C. G.; FERRAZ, J. M. G.; DURVAL, H. C.; QUEDA, O. Tipologias da avicultura praticada nos assentamentos rurais da Região Central do Estado de São Paulo. **Revista Neads**, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GODOY, W. I.; RECH, R. Aspectos socioeconômicos e de produção relacionados às feiras livres do Sudoeste do Paraná. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 1, p. 40-47, 2013.

GUALBERTO, S. C.; HONORATO, P. R. de M.. (2012). Mulher pós-moderna: uma percepção acerca de sua multiplicidade de papéis. **ULBRA: Instituto Luterano de Ensino Superior**. Disponível em: www.ulbra.br/portovelho/wp-content/uploads/2012/07/ARTIGO-VERS%C3%83O-FINAL.pdf. Consultado em 23/6/2020.

GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário (série: **Planejamento de pesquisa nas Ciências Sociais**, nº 01). Brasília, DF: UNB, Laboratório de Psicologia Ambiental,

2003. Disponível em: <http://www.psi-ambiental.net/pdf/01Questionário.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

LIMA, R. de S.; FONTANA, A. P. C.. (2019). As feiras da agricultura familiar como território de práticas alimentares e sociabilidades. **Redes: Revista do Desenvolvimento Regional**, 24, 3:75-100. Disponível em: online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/14119, consultado em: 15/6/2020.

LUCENA, T. F. N. de; CRUZ, D. da S. Lugares que educam: o aprendizado nas feiras livres. **Revista Interle-gere**. v. 8, p. 1-13, 2011.

LEOTÉRIO, A. F.; VOGT, F.; VLISOVATI, K. C.; BOGO, L. V. Arranjos espaciais: um olhar voltado ao bairro Floresta do município de Cafelândia no Oeste do Paraná. **XII Jornada Científica da Univel** “Educação, tecnologia e pós-modernidade”, Cascavel, 2019.

LIMA, R. S. FONTANA, A. P. C. As feiras da agricultura familiar como território de práticas alimentares e sociabilidades. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 3, p. 75 – 100, 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/14119>. Acesso em: 19 jun. 2020.

LOLI, D. A.; LIMA, R. de S.; SILOCHI, R. M. H. Q. Mulheres em Contextos Rurais e Segurança Alimentar e Nutricional. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 1-13. 2020.

LUCENA, T. F. N. de; CRUZ, D. da S.. Lugares que educam: o aprendizado nas feiras livres. **Revista Interle-gere**. v. 8, p. 1-13, 2011.

LUENGO, R. de F, A.; HENZ, G. P.; MORETTI, C. L.; CALBO, A. G. **Pós-colheita de hortaliças**. Brasília, Embrapa Informação Tecnológica, 2007.

MACHADO, M. D.; SILVA, A. L. da. Distribuição de produtos provenientes da agricultura familiar: um estudo exploratório da produção de hortaliças. **Revista de Administração da UFLA**, v. 6, n. 1, p. 67-80, 2004.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed., São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MARIN, J. O. B. Pronaf Jovem: as disjunções entre o ideal e o real. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 58, n. 2, p. e187438, 2020.

_____. Juventudes Rurais: Projetos de Emancipação Social. **Revista Desenvolvimento em Questão**, v. 18, n. 52, p. 35-54, 2020.

MARINES, R. de O.; VILACA, A.; CORREIO, MUFATTO, L. M. Agricultura familiar: reflexões sobre gênero. **Revista de Administração de Roraima-UFRR**, v. 9, n. 1 p. 52-76, 2019.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 4, p. 72–87, 2008.

MATTE, A.; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no Sul do Brasil. **RES: Revista de Estudos Sociais**. v. 18, n. 37, p. 130-151, 2016.

MELLO, M. A. de. ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; DORIGON, C.; FERRARI, D. L.; VISON, M. Sucessão hereditária e reprodução social na agricultura familiar. **Agricultura**, v. 50, n. 2, p. 221-228, 2003.

MONTE, M. H. M. Water Reuse In Europe. **Official Publication of the European Water Association (EWA)**, 2007. Disponível em: http://www.ewa-online.eu/tl_files/_media/content/documents_pdf/Publications/E-Water/documents/21_2007_07.pdf. Acesso em: 05 mai. 2020.

MOREL, A. P.; REZENDE, L. T.; SETTE, R. de S. Negócio feira livre: Análise discussão sob a perspectiva do feirante. **Revista Extensão Rural**, Santa Maria, v. 22, n. 4, p. 43 – 57 2015.

NEVES, M. L. G., MENDONÇA, J. P.; SALOMÃO, P. E. A. Family agriculture in the city of Teófilo Otoni: Importance and challenges for production in the rural environment. **Research, Society and Development**, Itajubá, v. 9, n. 7, p. 1-18, 2020.

NORA, F. D. e DUTRA, M. R. Py. Etnografando feiras livres em praças de Santa Maria - RS: as feiras ecológicas da Praça Saturnino de Brito e da Praça Saldanha Marinho. In: **Somos todas mulheres iguais!** Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato. São Leopoldo, Oikos. 2015.

PAULO, M. de A. L. de. Juventudes rurais do Nordeste: as múltiplas realidades numa região de contrastes. In: MENEZES, M. A.; STROPASOLAS, V. L.; BARCELLOS, S. B. (Orgs.). Juventude rural e políticas públicas no Brasil. Brasília, MDA, 2014.

PAULILO, M. I. **Mulheres rurais**: quatro décadas de diálogo. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016. 383p.

PEREIRA, V.; BRITO, T.; PEREIRA, S. A feira livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **RCH: Revista Ciências Humanas** – Educação e Desenvolvimento Humano - UNITAU, v. 10, n. 20, p. 67–78, 2017

RABELO, J. S.; TELLO, J. P. J.; SILVA, B. N.; LIMA NETO, B. P.; GUIMARÃES, M. A. Alfaca: aspectos observados pelos consumidores no momento da compra. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 50262 a 50269, 2014.

RUAF FOUNDATION: Resource centres on urban agriculture & food security. (2014). “Gênero e agricultura urbana”. *Revista de agricultura urbana*. 12:1-102.

SALOMÃO, P. E. A.; NERY, I. P.; PEREIRA, J. M. Sustainability evaluation of livestock in rural properties in the municipality of Malacacheta. **Research, Society and Development**, Itajubá, v. 9, n. 1, p. e152911858, 2020.

SAMBUICHI, R. H. R.; SILVA, A. P. M.; OLIVEIRA, M. A. C.; SAVIAN, M.; **Compras públicas sustentáveis e agricultura familiar**: a experiência do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Políticas agroambientais e sustentabilidade: desafios, oportunidades e lições aprendidas. Brasília, DF: IPEA, p. 75-104, 2014.

SANTOS, K. L. dos; PANIZZON, J.; CENCI, M. M; GRABOWSKI, G.; JAHNO, V. D. Perdas e desperdícios de alimentos: reflexões sobre o atual cenário brasileiro. **Brazilian Journal of Food Technology**, Campinas, v. 23, n. 21, p. e2019134, 2020.

SANTOS, C. S. dos; JOHN, N.S.; O desenvolvimento rural e a agroecologia: uma alternativa para sustentabilidade ambiental/Rural development and agroecology: an alternative for environmental sustainability. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 4, n. 6, p. 3053-3063, 2018.

SILVA, W. F. e; GALIZONI, F. M. Educação do campo e a construção de trajetórias de jovens rurais no Alto Jequitinhonha, MG. **ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação**. Marabá, v. 2, p. 1, p.185-200, 2020.

SOUZA, C. R. de. As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação. **Trabalho Necessário**. v. 13, n. 22, p. 126-144, 2015.

SOUZA, R. S.; ARBAGE, A. P.; NEUMANNI, P. S.; FROEHLICH, M. J.; DIESE, V.; SILVEIRA, P. R.; SILVA, A. D. A.; CORAZZA, C.; BAUMHARDT, E.; LISBOA, R.S. Comportamento de compra dos consumidores de frutas, legumes e verduras na região centra do Rio Grande do Sul, **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 38, n. 2, p. 511 – 517, 2008.

SOUZA, J. F. de; SOUZA, J. T. A.; BARBOSA, A. da S.; OLIVEIRA, C. M. de; RANGEL, J. A. F.; FERREIRA, R. C. C. Caracterização da produção de hortaliças e fruteiras irrigadas de base familiar no município de Parari, PB. **Tecnologia e Ciência Agropecuária**, João Pessoa, v. 11, n. 3, p. 43 – 48, 2017.

SCHNEIDER, S. As novas formas sociais do trabalho no meio rural: a pluriatividade e as atividades rurais não-agrícolas. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 9, n. 3, p. 75 – 109, 2005.

STOFFEL, J.; RAMBO, A. G.; EBERHARDT, P. L. Condições de acesso à linha do Pronaf Agroecológico no Território da Cantuquiriguaçu/PR. **Redes**, Santa Cruz do Sul, On line, v. 25, n. 2, p. 809 – 831, 2020.

STROPASSOLAS, V. L. (2004). “O valor (do) casamento na agricultura familiar”. Estudos feministas. Florianópolis, 12, 1:253-267.

SUINAGA, F. A. Desempenho produtivo de cultivares de alface crespa. Embrapa Hortaliças – **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento (INFOTECA-E)**, Brasília, DF: Embrapa, 2013. 15 p.

VEDANA, V. Fazer feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 39, p. 41-68, 2013.

VIANA, J. dos S.; LOURENÇO, M. do S. N.; GOMES, M. N.; ALVES, T. A. L.; FILHO, A. S. B. O.; VIANA, J. dos S. Perfil dos consumidores e caracterização química de hortaliças folhosas comercializadas em feiras livres na cidade de São Luís – MA. **Revista Craibeiras de Agroecologia**, Rio Largo, v. 5, n. 1, p. e 9255, 2020.

ZANDONADI, R. P.; BOTELHO, R. B. A., SÁVIO, K. E. O., AKUTSU, R. C., ARAÚJO, W. M. C. Atitudes de risco do consumidor em restaurantes de auto-serviço. **Revista de Nutrição**. Campinas, v. 20, n. 1, p. 19-26. 2007.

ZUCCAS, M. L. P.; CALIL, R. M.; CALIL, E. M. B. Comparação entre feiras em Londres e São Paulo. **ASA: Revista Atas de Saúde**. v. 4, n. 1, p. 120-130, 2016.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

“É pra acabar freguês! É pra acabar!”

A agricultura familiar enfrentou e enfrenta grandes desafios, mesmo por se tratar de uma categoria com respeitosa importância para toda sociedade brasileira. Não são muitos os incentivos e poucas são as ofertas de novas possibilidades para que estes possam se expandir e comercializar sua produção, a não ser naqueles espaços convencionais, onde existe ou persistem os atravessadores, os quais condicionam os agricultores a praticamente expectadores nos canais de comercialização.

Buscou-se então, por meio desta iniciativa científica, descobrir entre os agricultores familiares goianienses se há ou não sua participação nas feiras livres, compreender suas relações sociais, culturais e econômicas. A partir de vasta pesquisa de campo, foi possível perceber que sim, existem agricultores e agricultoras familiares inseridos (as) neste canal de comercialização e, que estes se mostram articulados com os demais feirantes, funcionários, fregueses e vão além, apresentam-se capazes de expandir seu “comércio” para fora dos limites da feira, ao atender outros estabelecimentos (restaurantes ou outros feirantes, etc.), mostram-nos que o potencial de expansão para a agricultura familiar é real e possível.

Durante a pesquisa de campo, diversas situações em várias esferas, reluziram-se como novas perspectivas para futuras pesquisas, como compreender a dinâmica utilizada para diversos cálculos matemáticos, a utilização de cores para atrair a ‘freguesia’, as consequências clínicas por permanecerem por horas em pé com o sol a pino ou a falta de ingestão de líquidos, análise dos produtos derivados de carne e leite expostos ao ar livre, à qualidade da água na produção e higienização das hortícolas, as questões ambientais dentro e fora da porteira, a legislação, o direito trabalhista, o trabalho infantil e o processo sucessório entre outras tantas pesquisas que podem ser extraídas deste campo... *“Aqui na feira tem oferta boa freguesia!”*.

APÊNCICE 1
Questionário I

		N°:	
Feira:			
Feirante:		Idade:	N° de filhos:
Dono da banca: () M () F		Quantidade de pontos:	
Horários na feira		Há quanto tempo faz feira?	
Chegada: ____:____		Há quanto tempo faz esta feira?	
Saída: ____:____			
Faz outra feira? () SIM () NÃO		Quantas pessoas compõem a banca? () Contratados () Familiares () Outros	
Se SIM, qual?			
Onde adquire os produtos? () Ceasa () Distribuidor fora do Ceasa () Produtor Rural () Outro Se Produtor Rural , de onde?			
Comercializa quais produtos?			
Qual é seu principal produto de venda?			
É produtor rural? () SIM () NÃO			

APÊNDICE 2

Questionário II

N°:

Onde fica a propriedade?		Qual é o tamanho da propriedade?	
Qual a distância da sua propriedade à feira:			
Quais são os insumos utilizados no processo de produção?			
() Adubo químico () Adubo orgânico () Medicamentos () Outros			
Qual a origem da água utilizada? () Córrego/rio () Poço artesiano () Cisterna			
Qual destino é dado à água após utilização na lavagem dos produtos?			
() Despeja no quintal () Joga no córrego/rio () Caixa de filtro () Irrigação			
() Outros			
Adquire outros produtos que não sejam produzidos na sua propriedade?			
() SIM () NÃO Se SIM , de onde?			
() Ceasa () Distribuidor fora do Ceasa () De outro produtor Rural () Outros			
Possui DAP?		Participa de algum (a) sindicato, cooperativa, associação?	
() SIM () NÃO		() SIM () NÃO	
Acessa o PRONAF?		Se SIM , qual?	
() SIM () NÃO			
O que produz na propriedade?			

Desses produtos, o que vende na feira?			

Parte da produção tem outro destino comercial que não seja a feira?			
() SIM () NÃO			
Se SIM , parte da produção é vendida para: () Outros feirantes () Direto ao consumidor			
() Associações () Cooperativa () Outros			

<p>_____</p> <p>O que é vendido para eles?</p> <p>_____</p>
<p>Como é feita a preparação dos produtos trazidos para a feira? _____</p> <p>_____</p> <p>Alguma pessoa o/a ajuda a prepará-los?</p> <p>() SIM () NÃO Se SIM, quem?</p> <p>_____</p>
<p>Como é feito o transporte dos produtos da propriedade à feira? _____</p>
<p>Quanto (kg, pés, saquinhos, copos, unidades, etc.) desses produtos é vendido por feira?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>Com o lucro da banca você consegue manter a família? () SIM () NÃO</p> <p>E ainda consegue:</p> <p>() Viajar () Realizar passeios () Trocar de carro () Manter faculdade</p> <p>() Adquirir eletroeletrônicos () Investe na propriedade () Outros</p> <p>_____</p>
<p>Qual destino é dado aos alimentos que sobram na propriedade?</p> <p>() Lixo () Doação () Deixa na rua () Alimentação animal () Outros</p> <p>Qual destino é dado aos alimentos que sobram na feira?</p> <p>() Lixo () Doação () Deixa na rua () Alimentação animal () Outros</p>
<p>Prepara alguém para continuar com a banca no futuro?</p> <p>() SIM () NÃO Se SIM, quem? () Filhos () Esposa () Outros</p> <p>_____</p>